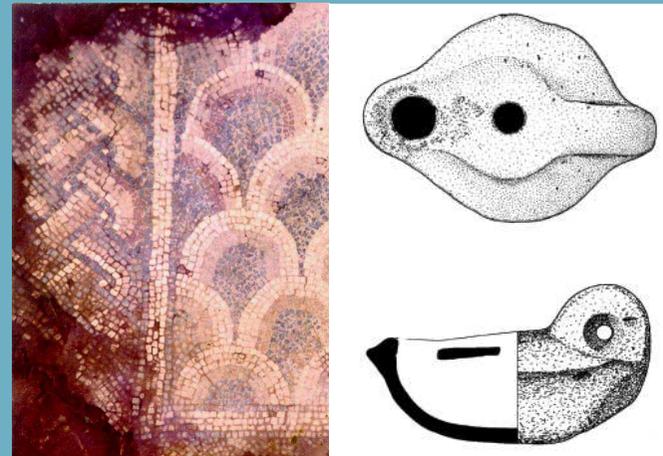


**A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS
(CASTELO DE VIDE)**

**The Roman *Villa* of Mosteiros
(Castelo de Vide)**

Mário Monteiro



Vila Velha de Ródão, 2011

**A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROs
(CASTELO DE VIDE)**

**The Roman *Villa* of Mosteiros
(Castelo de Vide)**

Mário Monteiro¹

Palavras-chave

Alto Alentejo, Castelo de Vide, *Villa* Romana, *Ammaia*

Key words

Alto Alentejo, Castelo de Vide, Roman
Villa, *Ammaia*

Resumo

Pretende-se criar uma base com todos os dados obtidos em relação à *villa*, de modo a tentar compreender o espaço por esta ocupado e organização, integração na *civitas* da *Ammaia* e balizar o período de ocupação em época romana. Assim, foram efectuadas prospecções e recolha de materiais, consultaram-se as fontes escritas referentes ao sítio ou que fornecessem informação valiosa para a sua compreensão e interpretação, ouviram-se muitas fontes de informação oral, foram estudados e analisados os materiais disponíveis.

Trata-se de uma *villa* romana que tem vindo a ser constantemente delapidada e pilhada, correndo-se o risco de se perder um excelente acervo de informação para o conhecimento do povoamento rural em tempos romanos.

Os resultados não permitem esclarecer muitas questões sobre este sítio, cujas estruturas apresentam claros indícios de riqueza, mas que os materiais conhecidos tendem a contradizer.

¹ Arqueólogo.

Espera-se, deste modo, contribuir para o conhecimento histórico-geográfico do Alto Alentejo e assegurar o registo do que ainda hoje é possível apurar sobre a vida desta realidade concreta.

Abstract

The ultimate goal of this work consists in the compilation of a database containing all data concerning the *villa*. This database will allow the understanding of the *villa*'s area, structural organization, integration in *Ammaia civitas*, and the definition of the time period of roman occupation.

The work consisted in prospecting and artifact gathering, consulting of written and oral sources of information directly concerning the *villa* or that could provide essential knowledge to its understanding, and the analysis of all previously collected and available artifacts. The roman *villa* in question has been the constant object of theft and booty, and we are in risk of losing vast quantities of information regarding the knowledge of rural living in roman era.

The results do not allow the clarification of several questions regarding the *villa*, since even though its structure presents clear evidence of wealth, most of the remaining artifacts are rather simple.

The expectation it's to contribute to the historic and geographic knowledge of the Alto Alentejo region, and ensure the record of what is still possible to obtain regarding this specific reality.

Nota

O trabalho que agora se divulga foi realizado em 2003 no âmbito da formação académica, correspondendo ao trabalho prático apresentado na disciplina de Seminário, leccionada pelo Professor Doutor Victor S. Gonçalves.

Ainda que se tenha procedido a uma revisão e consequentes alterações/correções, a base corresponde ao então apresentado, contendo ainda muito do entusiasmo e ímpeto que a condição acarretava.

É tendo em atenção esta conjuntura que deve ser lido, todavia, o estudo colige o resultado de um aprofundado trabalho de pesquisa, dando-se assim a conhecer todos os dados que se obtiveram e conjecturas que se formularam.

Agradecimentos

Muitas lacunas existem no conhecimento de cada um, muitas informações e documentos são necessários ouvir e consultar para preenché-las, e mesmo assim!... Ao procurar fazer uma investigação exaustiva sobre o tema do trabalho, muitos foram os que cederam o seu tempo e conhecimentos, muitos se prestaram a ajudar, tornando este trabalho possível.

Porque nunca é demais referir aqueles que o merecem, cabe-me agradecer a todos eles pela sua disponibilidade e interesse.

Ao Sr. António Pita, Vice-Presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide, que tão bem conhece a *villa* dos Mosteiros, por permitir o livre acesso e trabalho nas instalações da Secção de Arqueologia,

disponibilizar os membros desta secção e ainda ceder do seu pouco tempo para ouvir e falar do que conhece sobre o sítio arqueológico.

Aos técnicos da Secção de Arqueologia, que me abriram todas as portas e deram uma ajuda preciosa, especialmente ao J. Bica, ao J. Magusto e ao N. Félix, que quer na prospecção, quer no trabalho de investigação foram fundamentais, fornecendo todo o apoio possível, informações e dados existentes em seu poder. Algumas fotografias e desenhos são de sua autoria e foram cedidos sem qualquer entrave.

Aos meus colegas Patrícia Bargão, Miguel Dias, André Pereira e Marco Andrade, que se disponibilizaram para ir comigo prospectar e auxiliaram em tudo o que os seus conhecimentos e tempo permitiram. Tenho de destacar o André Pereira que prontamente aceitou fazer comigo um trabalho sobre a Cerâmica Comum Romana do Concelho de Castelo de Vide, para a disciplina de Materiais Arqueológicos I, leccionada pela Prof.^a Catarina Viegas.

À Professora Ana Arruda, que me orientou nas possíveis direcções a seguir e ajudou a ultrapassar alguns problemas.

Ao Professor Manuel Calado, que me encaminhou nos passos a dar na prospecção, para além de emprestar o GPS e à Professora Catarina Viegas, que para além de permitir e orientar o estudo das cerâmicas comuns, auxiliou na análise das *sigillatas* e do mosaico.

Aos Professores Carlos Fabião e Amílcar Guerra que me orientaram na direcção a seguir sobre materiais e bibliografia.

À Dra. Jacinta Bugalhão, do IPA, cuja atenção possibilitou obter rapidamente autorização para efectuar a prospecção.

Ao Sr. Eng.º Augusto Filipe e ao Dr. Acúrcio Parra, do Instituto Geológico e Mineiro, o primeiro por tão prontamente disponibilizar todo o processo e informações acerca da Mina da Tapada da Farinheira, o segundo pelas informações geológicas que deu, principalmente em relação às possibilidades de extracção de argila na área do sítio arqueológico.

Ao Sr. José Matos, habitante local e por mais de vinte anos pastor na área dos Mosteiros, foi quem encontrou a urna, que se prontificou a ir comigo para o terreno e passar-me boa parte do seu conhecimento.

Ao Sr. Eng.º Jaime Cruz Soares, o primeiro a entrar no forno após o abatimento de dois arcos, homem culto que se preocupou em conhecer e escrever algumas linhas sobre os Mosteiros e amavelmente me transmitiu as suas memórias sobre o sítio.

Ao Dr. Diamantino Sanchez Trindade, que acompanhou a Dra. Maria da Conceição Rodrigues nas prospecções durante os inícios da década de 70 do século XX, e várias vezes visitou as escavações que decorreram no forno. Sem questionar falou-me do que viu e autorizou a reprodução do desenho do forno, por ele executado.

Ao Dr. Joaquim Carvalho, Arqueólogo na *Ammaia* e bom conhecedor dos Mosteiros, com quem troquei impressões e me cedeu informações valiosas.

Ao José Miguel, do Instituto Geográfico do Exército, pela valiosa ajuda que prestou na consulta e aquisição de fotografias aéreas e cartas militares e ao Paulo Morais, ex-membro do Grupo de Arqueologia, que me falou do que se recorda em relação à escavação do forno e disponibilizou o seu tempo para andar comigo à procura de pessoas que tanto queria encontrar, por terem em sua posse informações e materiais dos Mosteiros.

Por fim, mas mais importante, à minha mulher e aos meus filhos, pela ausência junto deles, pelo nervosismo e mau temperamento a que estiveram sujeitos e, mesmo assim, pelo apoio e compreensão.

A todos os que referi e a muitos outros, o meu muito obrigado.

Índice

Resumo

Localização do sítio

Integração espacial e recursos

O topónimo

Referências ao sítio e trabalhos arqueológicos

Informação oral

A prospecção

Descrição das estruturas e interpretação

Catálogo

Considerações finais

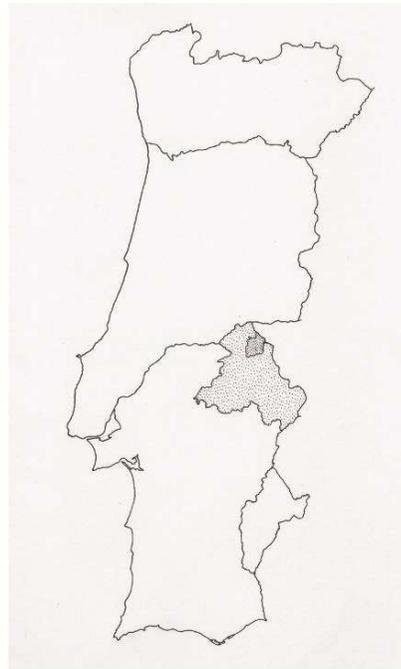
Bibliografia

Cartografia

Figuras

Estampas

Localização do sítio



■ Concelho de Castelo de Vide
■ Distrito de Portalegre

Figura 1 - Localização do Concelho de Castelo de Vide no distrito de Portalegre (mapa desenhado por J. Magusto, Secção de Arqueologia da C. M. Castelo de Vide).

A *villa* dos Mosteiros localiza-se no Norte Alentejano, encontrando-se abrangido pela bacia hidrográfica do Tejo Internacional. Administrativamente, situa-se na freguesia de Nossa Senhora da Graça de Póvoa e Meadas, concelho de Castelo de Vide (Figura 1), distrito de Portalegre (Figura 2), a cerca de 3 km para Oeste da povoação de Póvoa e Meadas e a cerca de 8 km para Este de Nisa.

Os vestígios deste sítio arqueológico encontram-se dispersos por uma vasta área, que ao longo dos tempos tem vindo a ser completamente fragmentada em pequenas propriedades, separadas por muros em pedra seca. Surge-nos assim uma área com diversos topónimos e microtopónimos, por vezes referentes a pequenas parcelas (Carta Cadastral, 1959, secções G e H). No caso da estação arqueológica dos Mosteiros, a *pars urbana* situa-se numa propriedade designada Mato, concentrando-se aqui os principais vestígios da *villa*.

Integração espacial e recursos

De acordo com a Carta Geológica de Portugal (1965, folha 28-B), e respectiva Notícia Explicativa (RIBEIRO; *et al.*, 1965), o sítio

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)

Mário Monteiro

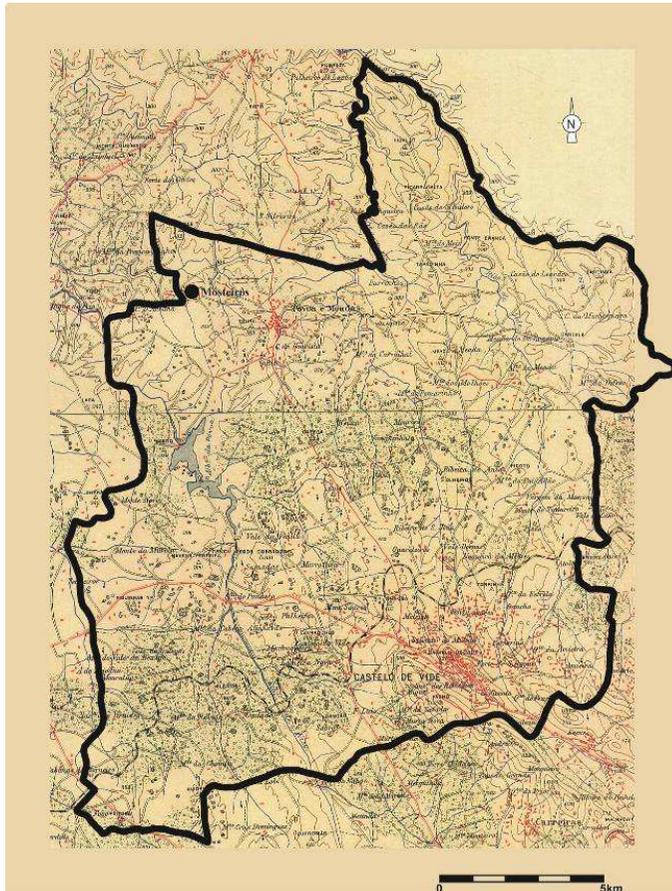


Figura 2 - Localização da Villa dos Mosteiros no Concelho de Castelo de Vide (Carta Corográfica de Portugal, 1960, folha 28).

encontra-se implantado sobre a orla de contacto dos xistos com o maciço granítico de Nisa, que segue uma linha de orientação E-O, originando uma ampla orla de metamorfismos. Os terrenos de xisto, que se desenvolvem para Norte, pertencem ao complexo xisto-grauváquico ante-ordovício da grande mancha da Beira, existindo numerosos filões quartzosos, quer de rochas básicas, quer de rochas ácidas.

A grande variedade de rochas ali existentes encontra-se descrito no texto que seguidamente se transcreve: *“No contacto com a mancha granítica, as rochas xistentas apresentam uma orla de intenso exomorfismo, constituída por corneanas e xistos mosqueados, atingindo a largura de cerca de 1 Km. [...]”*. Além de xistos quartzomicáceos mosqueados, aparecem xistos quartzo-pelíticos, xistos grauvacóides, xistos pelíticos grafitosos ricos de pirite, etc. Na faixa de mais intenso metamorfismo ocorrem corneanas pelíticas com cordierite, biotite, grafite, quartzo e moscovite, corneanas quartzo-pelíticas e quartzo calco-silicatadas. A passagem da zona exomorfizada para as formações xistentas faz-se gradualmente. O contacto com o granito é brusco, irregular, apresentando a fácies de

granito "sujo", com fragmentos de rocha xistosa parcialmente digeridos." (FARIA & MESQUITA, 1962, p.124).

Os terrenos para Sul são ocupados pela grande mancha de granito porfiróide do norte alentejano. É, na grande maioria, um granito monzonítico de duas micas, com predomínio da biotite e frequentemente com turmalina raramente alcalino e de grão grosseiro (granito de Nisa), por vezes muito grosseiro, mas que nas zonas de contacto com os xistos surge por vezes em pequenas manchas de granito de grão médio e de grão fino, não porfiróide.

As rochas filonianas são muito numerosas e variadas, conhecendo-se nesta área filões quartzosos, tanto no granito como no xisto, com dimensões notáveis, na sua maioria constituídos por quartzo leitoso, mas existindo também de quartzo hialino e outros de menor qualidade. É de referir alguns filões quartzosos com barite, galena e blenda, destacando o existente na Tapada da Farinheira (no *fundus* da *villa*), onde até aos inícios dos anos 80 se extraiu chumbo e barite. Também nas proximidades da *villa*, referem-se numerosos filões de microgranito alcalino, encaixados nos xistos e grauvaques.

Esta variedade de rochas, na orla de contacto entre xisto e granito, verificou-se sem qualquer dificuldade aquando das prospecções. Um bom exemplo encontra-se na C2 e C3 (Figura 4), duas casas muito próximas, cujas propriedades são separadas pelo caminho Oeste. A C2 construída em blocos de granito, muitos deles silhares reaproveitados, num terreno sem vestígios de xisto. A C3, do outro lado do caminho, num terreno onde são muitos os afloramentos de xisto e as construções feitas neste material. Poucos metros a Sul desta casa existem duas pequenas pedreiras de onde o xisto foi extraído, no entanto, não foi encontrada qualquer pedreira de granito. Porém, não deve ter sido necessário ir muito longe para obter o granito para a construção das estruturas da *villa*, uma vez que bem próximo existem grandes afloramentos graníticos.

Para obter argila para a produção do forno (Estampas 7 e 8) poderá ter sido necessário ir mais longe, talvez a Nisa, onde se encontram as mais próximas arcoses cartografadas. Segundo o Dr. Acúrcio Parra, do Instituto Geológico e Mineiro, poderiam existir arcoses do terciário ou granito muito caulinizado na área da *villa*, formando pequenas bolsas, que podem ou não ter sido esgotadas, o que talvez tenha sido suficiente para a produção. Existem na realidade vários topónimos e

microtopónimos que remetem para o barro, como por exemplo Barrinhos, em áreas muito próximas, infelizmente não houve disponibilidade para ir aos diversos locais observar o tipo de solo.

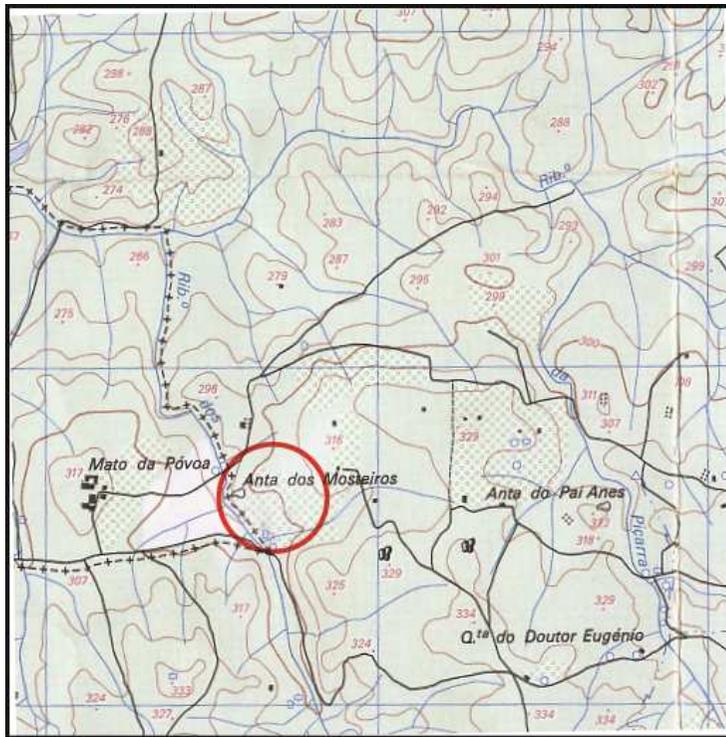


Figura 3 - Localização da *Villa* dos Mosteiros Sobre extracto da Carta Militar de Portugal, folha 325.

A escolha do espaço para a implantação da *villa* corresponde às características observadas por Conceição Lopes (LOPES, 2001, p. 144) para a região de *Pax Iulia*. A *pars urbana* encontra-se instalada numa suave encosta virada a Sul, abrigada das intempéries, na base da qual corre durante todo o ano uma nascente (Figura 3). Alguns metros a Oeste corre o Ribeiro dos Mosteiros, a cerca de 900 m para Norte corre o Ribeiro do Pai Anes e a 1 km para Este o Ribeiro do Piçarra, no entanto, e presentemente, o caudal destes quase seca na época estival, em que o calor se faz sentir forte nesta região. As linhas de água são abundantes e outras nascentes se encontram dispersas nesta vasta área enquadrada pelos três rios, onde se encontram bons solos que até à alguns anos atrás eram pequenas hortas, mas que agora são apenas baldios com casas em ruínas.

A irregularidade do terreno e a qualidade do solo não permitem uma agricultura extensiva e rentável, as características apenas permitem uma produção de auto consumo com alguns excedentes, o que em época romana deveria ser pouco diferente, a não ser que o *fundus* da *villa* tivesse dimensões muito maiores do que parece ter tido (assunto que será desenvolvido posteriormente). Presentemente, os poucos campos cultivados servem apenas para plantação de forragem para o

em direcção a Valência de Alcântara, podendo existir um desvio que seguia para Sul no sentido da *Ammaia*. Porém, muitos são os caminhos nesta região, alguns ainda com troços visíveis de calçada, e muitos são os sítios com vestígios de ocupação romana ao longo destes traçados, pelo que seria necessário elaborar uma carta com todos os sítios identificados, procurar e percorrer todos os antigos caminhos para, formular um possível traçado da rede viária da *civitas* e quais as estradas que serviriam a *villa*. O conhecimento destes é fundamental para a compreensão da ocupação rural, política administrativa e relações económicas da *civitas* no seu território e com os territórios externos, contudo, o objectivo deste trabalho não é aprofundar temas concretos, mas apenas criar uma base de dados, útil para trabalhos futuros.

A ocupação do sítio remonta pelo menos ao Neolítico, como é comprovado pelos vestígios identificados por Jorge de Oliveira aquando da campanha de escavação do corredor da Anta da Tapada de Matos (CNS 1230, classificada como Imóvel de Interesse Público). Na base de dados Endovélico surge a seguinte descrição: “*Existe um silo escavado na rocha que terá sido parcialmente destruído pela abertura do alvéolo de um dos esteios do corredor. Trata-se de um*

silo pré-megalítico provavelmente associado a algum habitat que existiria no local onde posteriormente se viria a erguer o monumento funerário”. O sítio localiza-se a poucos metros para NO da *pars urbana* (ATM, Fig. 6), sendo esta a maior anta do concelho de Castelo de Vide. A cerca de 1 km para Este (APA, Fig. 6) encontra-se a Anta do Pai Anes (CNS 442, classificada como Monumento Nacional). Durante a prospecção foi encontrado na área da *pars urbana* um pequeno núcleo em quartzo hialino e parte de uma bigorna em pedra, o que vem reforçar a possibilidade do sítio ter uma ocupação pré-megalítica, quem sabe, talvez jazendo sob os alicerces da própria *villa*. A ocupação pré e pós-romana é um facto, embora muito permaneça por aclarar.

O topónimo

Desde quando e porquê Mosteiros? Apenas a tradição oral popular indica a existência de um mosteiro no sítio. Muitos foram os textos lidos em busca de uma referência ao local, inclusive estudos toponímicos, mas apenas se encontraram registos que referiam a inexistência de qualquer mosteiro ou convento nos arredores de

Póvoa e Meadas. Em 1758 para as *Memórias Parochiaes* o padre Rodrigo Carrilho não menciona a existência de conventos ou mosteiros na paróquia. Em 1804 José Costa refere explicitamente que na Póvoa “*Não há Convento algum na Villa, nem no seu Termo*” (COSTA, 1972, p. 58). Ainda se percorreram as páginas da *Memórias Parochiaes* de 1758 referentes a Nisa, uma vez que os terrenos dos Mosteiros confinam com os deste concelho, todavia, nada se refere, mesmo sendo o pároco da freguesia contígua à da Póvoa um homem que tudo descreveu ao pormenor, ao contrário do padre Carrilho.

Apenas Mário Saa indica nas proximidades de Póvoa e Meadas o “*mosteiro de Alpalantri, agora na forma plural de Mosteiros*” (SAA, 1967, p.182), porém noutras páginas deixa a confusão (principalmente na p.190). José Basso contradiz esta hipótese localizando o mosteiro de Alpalantri a Este, em terras actualmente espanholas, considerando Mário Saa fantasioso (BASSO, J. A. F., 1988, p.37-52).

A tradição oral popular indica o sítio como sendo de um antigo mosteiro, daí o topónimo, apontando-se uma grande porta isolada no terreno, como a de entrada principal (Estampa 4, n.º11), situando o

mosteiro no planalto onde se encontram os vestígios da *villa*. Absolutamente nada o confirma, inclusive a referida porta possui gravada uma data – 1725 (Estampa 5, n.º12) – que a pertencer a qualquer tipo de edifício religioso certamente que assinalava uma fase de reconstrução ou conservação deste, o que teria deixado memória, pelo menos até 1758, aquando das *Memórias Parochiaes*. A data poderá ter sido gravada posteriormente à construção da porta, quando o suposto mosteiro já se tinha apagado da memória, mas nada existe que o comprove.



Estampa 4, n.º 11 – Suposta porta do mosteiro.

Em conversa com o Padre Heitor Patrão, do Seminário de Portalegre, um homem culto e um estudioso da História da região, este referiu que apesar de pouco conhecer acerca dos Mosteiros, é pouco provável a existência de um mosteiro no local, desconhecendo qualquer registo que o refira. Por outro lado, sugeriu que tal topónimo poderá dever-se à presença de eremitas que se tenham estabelecido nas ruínas da *villa*.

Esta era uma das hipóteses que tinha em mente, a outra, e com os conhecimentos que se tem do sítio, a mais provável, é de que em tempos remotos a população tenha tomado as ruínas da *villa* como sendo as de um antigo mosteiro. A existência de estruturas dispersas e distantes entre si poderão ter sido o motivo para se passar a denominar aquele local de Mosteiros. Não querendo desprezar a possibilidade de ter existido um mosteiro que deu origem ao topónimo, este será um tema tratado ao longo dos diversos capítulos, até porque sendo inexistente uma escavação no sítio tudo são interpretações meramente hipotéticas.

Referências ao sítio e trabalhos arqueológicos

São poucas as referências ao sítio arqueológico e todas elas muito incompletas ou repetindo o que foi dito. Contudo, tendo em conta o objectivo de reunir uma base de dados, válida para trabalhos posteriores, é importante referi-las, conjuntamente com os trabalhos arqueológicos até à data efectuados.

A primeira notícia referente ao sítio foi escrita num jornal local em 1957, pelo Eng.º J. Cruz Soares (SOARES, 1957, p. 6), um homem interessado pela História da Póvoa e Meadas, onde viveu, que descreveu e procurou interpretar os vestígios que observou. A sua curiosidade levou-o a falar com alguns dos mais idosos habitantes locais que lhe contaram terem sido transportados grandes silhares para reutilização nas casas da Póvoa, deixando a ideia de que no início do século ainda existiriam grandes estruturas visíveis. Infelizmente, ainda hoje os blocos de pedra são carregados para outras construções e as estruturas à superfície reduzem-se a quase nada. Senão o primeiro a entrar no forno após o abatimento dos arcos poucos meses antes, foi sem dúvida o primeiro a identificá-lo como tal, acontecimento que foi possível ouvir da boca do próprio, o

que será referido posteriormente, tal como o será a questão das duas inscrições que diz ter encontrado e a das ossadas humanas. Após observar lombadas anormais no solo, aventa a possibilidade de existir um amuralhado partindo da Tapada da Torre, onde ainda se notavam fundações que atribuiu às de um primitivo torreão. Presentemente apenas se vêem escassos vestígios dessas fundações, não havendo qualquer relevo artificial no terreno que indicie uma muralha.

Em 1967 Mário Saa (SAA, 1967, p.190) faz uma pequena referência aos Mosteiros. São referidas as ruínas e estruturas bastante fortes, que já não existem, segmentos de condutas de água, possivelmente idênticos aos poucos que ainda se podem encontrar, e que passarão a ser designados por caleiras em granito, silos subterrâneos, que poderão ser os que oralmente me foram referidos, uma vasta e densa dispersão de *tegulae*, hoje em dia mais dispersa e muito fragmentada, e pela primeira vez dá-se notícia de pavimentos a cores, o destruído mosaico.

É em 1972 que pela primeira vez a *villa* dos Mosteiros é alvo de um olhar mais atento por parte de Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1972; 1975), que efectuou uma campanha de

prospecções no concelho de Castelo de Vide. Todavia, fornece informações muito lacunares e parece que sem consultar os textos anteriormente referidos, uma vez que se refere ao forno como sendo uma notícia inédita e ao fragmento de mosaico de que teve conhecimento pelo Dr. José Martins Barata, um habitante da Póvoa e Meadas, que possuía uma colecção de materiais recolhidos nos Mosteiros (aparentemente pesos de tear e fragmentos de cerâmica comum, infelizmente os seus herdeiros não habitam na Póvoa e só por sorte se poderão encontrar na povoação de modo a autorizarem o estudo dos materiais). Também as informações orais parecem não ter sido questionadas, já que se refere às ruínas de um importante mosteiro, correspondendo a estas a C1 e a E4 (Fig. 4 e Estampa 4, n.º 10 e 11), na época melhor conservadas, como se pode verificar nas fotografias da autora (RODRIGUES, 1975, Est. XCI, Figs. 1 e 2), mas mesmo assim dificilmente atribuíveis a um mosteiro pela simples observação. Refere uma abundante dispersão de materiais por uma vasta área (fragmentos de cerâmica comum, pesos de tear, *imbrices*, *tegulae*, *terra sigillata*, vidros coloridos) tendo recolhido e estudado alguns exemplares, no entanto, poucos foram publicados e o seu paradeiro não é referido. Também caleiras de granito foram

identificadas e fotografadas, o que reforça uma informação oral que no devido capítulo será referida.

Foi em Setembro de 1982 que se fez a única escavação na *villa* romana, especificamente no forno. Foram escavações não oficializadas, mas do conhecimento da entidade responsável por tais trabalhos (segundo a informação cedida, e sem certezas, o IPPC), sendo os trabalhos da responsabilidade do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide. A escavação limitou-se a colocar as estruturas visíveis, não indo além do muro que delimita o forno. Segundo os membros do referido Grupo (agora Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide) e o Dr. Diamantino Sanchez Trindade (que várias vezes visitou a escavação), no interior da fornalha apenas existiam os entulhos derivados do abatimento dos arcos, sendo raros os materiais. A grande maioria dos materiais foi exumada na camada que cobria as estruturas do forno, mas dado que não se escavou por unidades estratigráficas ou por camadas artificiais, desconhece-se quais as associações destes. O conjunto exumado encontra-se no depósito da Secção de Arqueologia e é constituído por cerâmica comum (na sua maioria), pesos de tear, raras *sigillatas*, dois fragmentos de lucerna e dois fragmentos de

ânforas, um dos quais parte de uma asa. Alguns dos materiais são de recolha de superfície nas proximidades do forno.

Existem dois processos na Secção de Arqueologia referentes aos Mosteiros, “*Forno Romano dos Mosteiros*” e “*Villa Rústica dos Mosteiros*”, com alguns dados acerca do sítio, contudo, não existe qualquer relatório em relação às escavações. O forno é a única construção desta *villa* que se encontra na base de dados do sistema Endovélico (CNS 483).

Jorge de Alarcão inclui a *villa* no *Roman Portugal* (ALARCÃO, 1988, p.146), mas apenas se limita a fazer um resumo do publicado por Maria C. Rodrigues em 1975.

Em 1997 a *villa* é de novo referida por Jorge Rosa (ROSA, 1997), mas integrando-a na História da Póvoa e Meadas, nada acrescentando para o período romano.

Em 1998 Jorge Oliveira coloca a hipótese de reutilização da Anta da Tapada dos Matos (ATM, Figura 6), inserida no espaço da *villa*, como espaço funerário romano (OLIVEIRA, J., 1998, p.478-479), situação que havia tomado conhecimento aquando da escavação do corredor

da anta em 1994-95 (OLIVEIRA, 1999, p.243), por via de informação prestada por elementos do Grupo de Arqueologia de Castelo de Vide, que haviam escavado a anta nos inícios da década de oitenta.

De facto, tal foi confirmado pelo extinto Grupo de Arqueologia (agora Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide), tendo permitido o acesso à documentação existente. A escavação que efectuaram decorreu em 1983, tendo sido exumados no corredor da anta quatro fragmentos de *terra sigillata*, um fragmento de vidro, duas fibulas e duas moedas, tendo os materiais cronologias que vão do século I d.C. ao IV d.C. É referido que no mesmo contexto apareceram fragmentos de ossos humanos, o que vai ao encontro do escrito por J. Cruz Soares, que refere a violação da anta por populares, que retiraram “[...] um vaso, um prego enorme de bronze e muitos ossos” (SOARES, 1957, p.6). Esta deve ter sido apenas uma das muitas violações que a anta sofreu ao longo dos tempos. É viável que os habitantes da *villa* tenham utilizado a anta para enterrar os seus familiares, não seria inédita a reutilização deste espaço que para a religiosidade romana certamente permanece sagrado, mas a cronologia dos materiais implica que tal tivesse sido praticado ao longo de quatro séculos, pelo que se podem colocar várias hipóteses:

os espólios funerários foram sendo pilhados ao longo dos séculos, deixando poucos vestígios; estes materiais devem-se a diversas visitas originadas pela curiosidade; ou então são oferendas consagradas a um espaço sacralizado, onde existiria um *numen* com quem era conveniente estar em harmonia, visto que se habitava o espaço em redor do seu.



Estampa 11, n.º 25 – Piso P2 em *opus signinum*.

A poucos metros da anta e a Norte da *pars urbana*, num planalto que domina uma ampla vista, existe um piso quadrangular em *opus*

signinum - P2 (Figura 6; Estampa 11, n.º 25 e 26) - que poderia pertencer a um pequeno templo. Jorge Oliveira (OLIVEIRA, 1998, p.478-479) refere-o como sendo conhecido localmente por templo.

Também em 1998, Joaquim Carvalho num artigo acerca da ocupação humana no concelho, destaca a importância da *villa* dos Mosteiros (CARVALHO, 1998, p.189-190), mas sem acrescentar novas informações.

O trabalho impresso que mais dados fornece sobre a *villa* encontra-se num pequeno folheto de Julho de 1999, da autoria de António Pita (PITA, 1999), então membro da Secção de Arqueologia. Trata-se de um texto elaborado no âmbito da exposição de peças históricas e arqueológicas, “Peça do Mês”, que era levada a cabo nos Arcos dos Paços do Concelho de Castelo de Vide. A peça era a urna em chumbo, já restaurada, e é sobre ela e seu espólio que o texto incide, mas fazendo uma breve introdução à Estação Arqueológica dos Mosteiros.

Com algum interesse para o assunto em questão será a deslocação de José Leite de Vasconcellos à região (VASCONCELLOS, 1933, p. 178-179), durante as suas inúmeras “excursões arqueológicas”.

Esteve na Tapada do Pai Anes, muito perto dos Mosteiros, onde recentemente tinham sido descobertos vestígios de ocupação romana, entre os quais se destaca um fragmento de lucerna com a figura de Mercúrio (ALMEIDA, 1953, Est. XXXI, n.º 27) e uma ara de granito com inscrição votiva, datada da segunda metade do séc. I d.C. (ENCARNAÇÃO, 1984, p.696, n.º 637). Alvitrou que pela extensão dos vestígios este sítio poderia ser um *vicus* ou uma *villa*, todavia, arrisco a sugerir que poderia pertencer ao *fundus* da *villa* dos Mosteiros, dada a proximidade dos dois sítios e os sinais de riqueza que esta última apresenta e que na primeira não se conhecem. Sei também por fonte oral (Professor José Dinis Murta, de Portalegre, que lá se deslocou no início da década de 80 do século XX) que foram levadas várias mós que por ali se encontravam amontoadas e mais não foram porque o carro não podia, o que sugere tratar-se de um sítio com funções agrícolas. Ainda que não tenha encontrado o sítio, apesar das várias tentativas, poderão ser estes vestígios de instalações da *pars frumentaria* da *villa*, ou de uma quinta ou casal arrendado (segundo a terminologia de Jorge de Alarcão, *apud*: BUGALHÃO, 1998, p. 126-127), ou em regime de propriedade plena, que se instalou nas proximidades da *villa*. Referindo-se ao sítio, J. L. Vasconcellos sugere: “O achado da ara mais faz crer que esta

pertencia a um templo, do que a um oratório doméstico;” (VASCONCELLOS, 1993, p. 179), dadas as características deste sítio, talvez esse templo fosse no P2 e a ara tenha sido levada para utilização em reconstruções posteriores à época romana, o que faria do dedicante CARMINIUS MACER um antigo proprietário da *villa* dos Mosteiros. São muito poucos os dados para os dois sítios, no entanto, a Tapada do Pai Anes caiu num esquecimento muito maior do que os Mosteiros, ainda que em tempos de J. Leite Vasconcellos tenha acontecido o oposto.

Informação oral

A informação oral ainda que seja sempre problemática e muitas vezes fantasiosa, fornece-nos pistas de grande valor. São muitas as vezes em que se ouviu a história por um amigo, que por sua vez ouviu de um outro, que de facto presenciou algo. Muitas são verídicas ou têm um fundo verídico já alterado pelas credices populares, pelo que é indispensável ter todas em conta e investigá-las. Assim, procurou-se falar com o maior número possível de pessoas que tivessem algo a contar sobre o sítio arqueológico, ainda que tal

intento tenha ficado aquém do pretendido. Por considerar tais testemunhos fundamentais para uma investigação futura, tudo o que foi ouvido será aqui relatado e confrontado com os dados disponíveis e o observado no terreno.

Em conversa com António Pita, um dos membros mais antigo da Secção de Arqueologia que participou em todas as intervenções no sítio arqueológico e o que melhor o conhece, tive conhecimento que por volta de 1950 se encontraram ossadas humanas na Tapada da Torre quando se abriam covas para a plantação de sobreiros na plataforma da E7 (Fig. 6; Fig.18, n.º28). Foi uma notícia que passou de boca em boca até chegar ao meu conhecimento, mas que se coaduna com o relato ouvido por J. Cruz Soares (1957, p.6), que no entanto nunca observou qualquer tipo de osso próximo do forno, como lhe foi contado. Possivelmente, a associação das ossadas ao forno deve-se ao facto de os trabalhadores que descobriram o forno terem julgado que o mesmo era um crematório, o que continuaram a afirmar mesmo após J. Cruz Soares lhes ter dito que era um forno para cerâmicas. É possível que algumas ossadas tenham sido arrastadas pelos trabalhos agrícolas e pelas chuvas, devido à inclinação do terreno entre o forno e a E7, num plano superior.

Contudo, é mais provável que a credence popular tenha deslocado as ossadas encontradas na plataforma da E7 para a proximidade do suposto “crematório”, uma vez que a distância entre ambos é de poucos metros. Nos inícios dos anos 80 foi-lhe possível ver esta estrutura em melhor estado do que se encontra actualmente. Seria a base de uma construção planta quadrangular, bem definida no terreno, que ainda possuía cerca de 50 cm acima do solo, o que condiz com o que me foi relatado por J. Cruz Soares.

Em 1984, A. Pita foi um dos que se deslocou ao local onde tinha sido encontrada a urna. Limparam a cova onde esta se encontrava e crivaram a terra, mas apenas encontram dois pequenos fragmentos de cerâmica, um fragmento de vidro e uma lucerna intacta, que escapou ao olhar pouco atento dos violadores. A cova encontrava-se muito destruída, não permitindo perceber correctamente como era e infelizmente não foram feitas fotografias. Foi-lhe contado que por volta dos anos 40-50, não sabe ao certo quando, durante um Inverno muito rigoroso as enxurradas abriram um túnel que permitia ver uma parte da *villa*, onde se acharam moedas e bilhas e se viam paredes pintadas e pisos. Seriam os silos subterrâneos referidos por Mário Saa (SAA, 1967, p. 190)? Não se sabe qual a verdade nesta

narrativa. Já em relação ao tanque – T (Fig. 6; Estampa 6, n.º15) – pôde observar os seus vestígios na década de 80, sugerindo que poderiam pertencer às termas da *villa*, o que é viável.



Estampa 6, n.º 15 – Tanque, tal como se encontra actualmente.

Com o Dr. Diamantino S. Trindade apenas foi possível falar por telefone. Em 1972 fez as prospecções com a Dra. Maria C. M. Rodrigues (que não foi possível contactar) e foi o autor dos desenhos de materiais e do forno (RODRIGUES, 1972; 1975). Na altura entrou dentro do forno, verificando que no seu interior apenas existia derrube dos arcos colapsados. Confirmou também que as cerâmicas recolhidas à superfície se encontravam muito fragmentadas e em

mau estado, tendo constatado a mesma situação para as cerâmicas exumadas aquando da escavação do forno. Pôde também confirmar a existência de várias caleiras em granito, dispersas na área da *pars urbana*, e referiu vestígios de estruturas em redor do piso P2 (Fig. 6), agora inexistentes e apenas por ele mencionadas.

O Sr. Eng^o. J. Cruz Soares, foi quem primeiro identificou o forno, decorria o ano de 1957, onde entrou poucos meses após o abatimento dos arcos. Durante as horas em que conversámos foi avivando as suas recordações e passando-me o testemunho do que viu, ouviu e pensou acerca do sítio. Durante dois ou três dias percorreu o terreno, tendo observado vestígios melhor conservados do que aqueles que agora se podem presenciar. Na altura soube que nos Mosteiros um grande buraco se tinha aberto no chão quando se fazia uma cova para plantar oliveiras. Logo que foi à Póvoa a sua curiosidade levou-o ao sítio, tendo descido ao buraco onde para sua surpresa identificou a fornalha de um grande forno. Exceptuando o derrube dos dois arcos, esta encontrava-se totalmente vazia, contudo soube pelo Sr. José Matos que os trabalhadores agrários entraram lá dentro. Acentuou que em redor do forno se viam muitos restos de

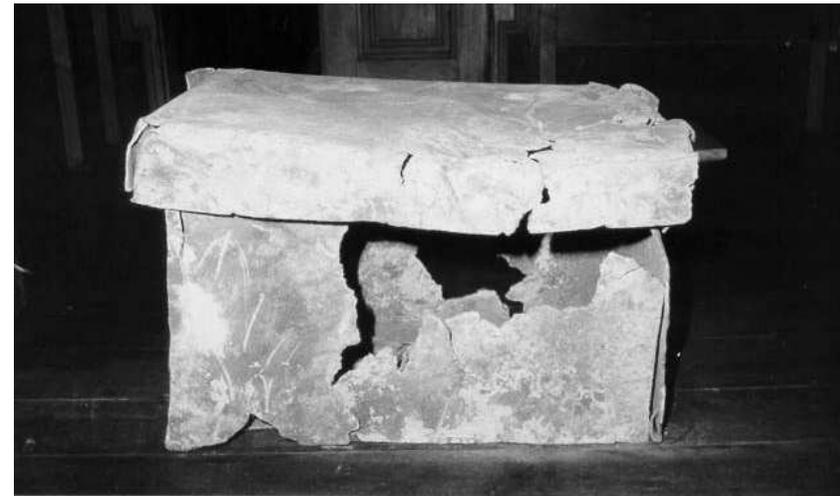
material cerâmico de construção, principalmente onde tinham sido abertas as covas para plantar árvores.

Quando lhe falei no tanque, logo disse que o tinha visto e que era feito com blocos em granito aparelhados, o que foi confirmado por outra fonte.

No artigo que escreveu no Jornal Terra Alta (SOARES, 1957, p.6) alude a duas inscrições que encontrou, referindo apenas que uma era visigótica, da segunda nada dizia. Esta questão problemática, por não serem referidas em nenhuma obra sobre epigrafia, ficou totalmente esclarecida enquanto conversávamos, uma vez que em ambos os casos se tratava de uma data. A segunda inscrição, para a qual não adiantava qualquer dado no artigo, era uma data, não se lembrava qual, que se encontrava num portão de uma propriedade próxima, supostamente num silhar em granito. Desloquei-me ao portão que foi indicado mas nada foi encontrado, talvez se encontre no interior deste, mas a altura do muro que cerca a propriedade e um portão em ferro fechado a cadeado impediram a entrada. É impossível dizer se os silhares foram trazidos dos Mosteiros ou até se a data terá sido gravada em tempos mais recentes. O portão é fácil de encontrar,

situa-se no antigo caminho Póvoa e Meadas–Nisa, antes dos Mosteiros, e encontra-se num muro bastante alto, construído com blocos de granito e encimado por lajes de xisto. Já em relação à data que referiu como sendo de época visigótica, que seria **521J** ou **721J**, esta encontrava-se num silhar em granito com cerca de 1m de comprimento. O local do achado foi na Tapada da Torre, onde se encontra a E7, local onde identificou uma plataforma artificial, notando-se nesta o que lhe pareceu ser uma segunda plataforma mais alta e mais pequena, melhor nivelada que a primeira e com um desnível de cerca de 60 cm entre as duas. Era na plataforma mais alta que se notavam vestígios de uma construção quadrangular, na qual existiam de pé dois silhares rectangulares em granito com cerca de 1 m, que lhe pareceram ser as ombreiras de uma porta virada a Nascente. Em frente às supostas ombreiras encontrava-se semi-enterrado um silhar paralelepípedo, que talvez fosse a verga da porta, onde observou esta data. Visigótica não será certamente esta inscrição e pergunto-me se a data não seria **J725** e, portanto, contemporânea da que se encontra na E4 (Figura 6; Estampa 5, n.º12). Soube depois pelo Sr. José Matos que à alguns anos ele próprio carregou dali dois ou três grandes blocos de granito para

serem usados num muro de outra propriedade. Se nalgum deles existia uma data não a viu.



Estampa 15, n.º 36 – Urna cinerária em chumbo, após recuperação da peça pelo Grupo de Arqueologia (fotografia da Secção de Arqueologia da C.M.C.V.).

Tive oportunidade de falar com os habitantes locais que abriram a urna de chumbo e partilharam o seu espólio (presentemente em posse dos filhos), o Sr. José Pires e o Sr. José Matos, ambos moradores na Póvoa e Meadas. O primeiro era o único que se tinha conhecimento de ter ficado com materiais (duas lucernas, um unguentário em vidro, que o Dr. Jorge Oliveira teve oportunidade de

fotografar, e duas moedas), tendo sido ele a mencionar que foi o Sr. José Matos quem achou a urna e que tinha em sua posse mais duas lucernas, que eram por todos desconhecidas.

Segundo o Sr. José Pires a urna encontrava-se numa cova estruturada com tijolos (tijolo de burro, como ele disse), o que contraria o contado pelo achador. Após retirarem a urna da cova e por não conseguirem tirar a tampa bateram-lhe com a enxada, deixando-a toda partida (Estampa 15, n.º36). Esta encontrava-se intacta apenas com um bocado partido num dos cantos, por onde disse que deve ter entrado alguma terra para o seu interior. Foi ele quem remexeu “a terra empapada” que se encontrava no fundo à procura de materiais, referindo quatro lucernas, um frasco de vidro e muitos fragmentos de outros, duas ou três moedas e muitos fragmentos de cerâmica. Mencionou também uns ossos pequenos e uns fios amarelos que se desfizeram quando lhes mexeu. A urna foi encontrada em 1984, em finais de Novembro ou princípios de Dezembro, pelo que a referida “papa” deveriam ser cinzas e não terra como este disse ou gesso como disse o Sr. José Matos, empastadas com a humidade. Os restos de materiais partidos foram deitados fora, pensei que nas imediações da cova, mas posteriormente soube que

foram levados e “aventados” noutra local. Quanto aos frascos de vidro é impossível dizer quantos mais seriam e apenas foi recuperado um pequeno fragmento pelo Grupo de Arqueologia quando crivou as terras. As cerâmicas seriam pelo menos dois pequenos vasos, já que ao crivar as terras foram encontrados dois fragmentos distintos, no entanto, foram mencionados por José Pires bocados grossos e outros finos, o que leva a pensar em mais vasos, talvez o mais grosso onde se encontravam as cinzas.

O Sr. José Matos foi mais de 20 anos pastor na área dos Mosteiros e ali viveu a sua meninice, já que a Tapada da Torre e outras propriedades pertenciam a familiares seus. É um profundo conhecedor do terreno e das histórias que dali se contam, que se prestou a ir ao terreno indicar vestígios e falar do que viu e ouviu. Foi ele quem encontrou a urna e apenas partilhou a riqueza que pensava ter encontrado com o Sr. José Pires porque tinha receio de lhe mexer. Segundo disse, foi um tractor que andava a lavrar que arrastou as tampas, mas o condutor nunca se apercebeu. Dias depois, quando por ali andava, avistou as pedras e achou que seriam boas para reaproveitar na construção de um muro noutra propriedade do patrão (onde se encontram reutilizadas e rebocadas, juntamente com as três

levadas da Tapada da Torre). Ao começar a preparar as pedras para o tractor lá passar posteriormente, apercebeu-se que por baixo existia um buraco, arredando de imediato as tampas. A cova possuía terra a cobrir a urna quase na totalidade, possivelmente devido a escorrências, dado que a terra estava solta e conseguia tirar-se com as mãos. Afirmou que a tampa da urna saiu sem esforço e apercebeu-se que se tratava de um enterramento, pelo que ficou assustado, cobriu-a de novo e foi para casa. Só um ou dois dias depois lá foi de novo com o amigo. Ao perguntar-lhe porque partiram a urna se a tampa saia bem, respondeu-me que deveria ter sido a tirar a terra em redor da urna, com a enxada. Depreendi que teve receio de dizer que simplesmente a arrombaram à força e que o amigo não quis lá ir com ele, mas foi ele que o chamou porque sozinho não a conseguia tirar da cova. Foi ao local comigo onde me falou do achado. A urna encontrava-se no topo do monte, junto à encosta virada para a mina (Fig. 6; Estampa 14, n.º34), encosta esta onde disse que se costumavam encontrar muitos fragmentos de tijolos e de escórias quando a terra era lavrada, A cova era rectangular, com cerca de 90 x 75cm e as paredes estruturadas por muros em pequenas lajes de xisto sobrepostas (o que coincide com o que foi possível observar pelos membros do Grupo de Arqueologia),

aparentemente em pedra seca, sendo a cova tapada por duas lajes de granito toscamente aparelhado, cada uma com cerca de 90 x 40 x 20 cm. Perguntei-lhe se viu algum orifício ou inscrição nas tampas, mas disse que não se recordava e actualmente encontram-se cobertas por cimento. Confirmou o espólio retirado da urna, referindo apenas uma ou duas moedas e um ou dois pequenos ossos que se desfizeram, quanto aos fios amarelos nada viu. Os materiais partidos, cerâmica e vidro, foram levados por ele para dar à mulher, que deitou tudo fora em parte incerta. Pelo que disse percebi que não estavam muito fragmentados e certamente teriam sido partidos pela violência dos impactos para abrir a urna. Mencionou que o fundo da urna estaria rachado, tendo entrado por aí a humidade que empapou o gesso que cobria o interior da urna numa altura de um ou dois dedos. Identificou esta “papa” como sendo gesso, porque era esbranquiçada, mas eram certamente as cinzas com alguns pequenos ossos á mistura. A urna ficou com ele e o seu destino era fazer chumbos para carregar cartuchos, caso o Grupo de Arqueologia não tivesse conseguido ficar com ela.

Referiu um indivíduo de Nisa que andou nos Mosteiros com um detector de metais (já J. Cruz Soares tinha referido outro e à uns

anos foram ali apanhados pela GNR saqueadores espanhóis), tendo encontrado umas pequenas espadas e um pesado bloco de ferro quadrangular que ele próprio carregou no tractor e lhe pareceu ser uma espécie de bigorna. Estes materiais foram encontrados poucos metros a Sul do forno e presentemente a “bigorna” encontra-se ao ar livre junto a um tanque na mesma propriedade para onde foram levados alguns silhares já referidos (na herdade do Mato da Póvoa, que fica a cerca de 1,6 km a Sul do Monte com o mesmo nome).



Estampa 6, n.º 16 – Caleira em granito, que se encontra junto da fonte.

No local onde se encontra a *pars urbana* falou-me de uns grandes blocos em granito que encontrou enterrados no extremo Sul da plataforma, que disse parecerem degraus, mas também estes já foram reutilizados. Entre a fonte e o tanque disse que existia um canal em granito, feito de caleiras iguais às já referidas, de que se encontra um exemplar *in situ* na entrada da fonte e outro partido em cima da cobertura desta (Estampa 6, n.º 16). Confirmou que o tanque era todo feito em cantaria e nalguns locais revestido com massa, possuindo uma profundidade razoável. Mais ou menos a meio da plataforma da *villa*, onde não se vê nenhuma estrutura, disseram-lhe que à muitos anos um lavrador levantou sem querer um silhar com a charrua, contando então ser um degrau que dava entrada a uma capela subterrânea, onde havia uma santa e outros objectos, mas nunca mais lá voltaram e depois perderam a localização. A tradicional história das capelas, tesouros e mouros, que neste caso poderá corresponder a vestígios da *villa* (um hipocausto?), com paralelos nas referidas enxurradas que abriram uma vala e nos silos subterrâneos. Apontou o local onde estava enterrada a igreja, que deu origem do topónimo, a que pertenceriam também a casa C1 e a estrutura E4. E assim se comenta localmente o que é o mosteiro. Também ele aludiu às muitas ossadas que se encontravam na Tapada da Torre. Referiu

que os antigos lhe falaram num canal subterrâneo para a água ao longo do muro que hoje separa esta propriedade da contígua a Oeste, traçando uma linha entre o tanque e a anta. Poderia ser por onde passava o sistema que conduzia a água para a *villa*, mas o único vestígio visível nessa linha é uma estrutura em *opus caementicium* – E3 – que de facto poderia fazer parte de um canal para conduzir a água, fazendo ligação à E2 (a vermelho na Figura 6), situação que é meramente hipotética.



Estampa 23, n.º 16 – Capitel.

O capitel (Estampa 23), supostamente proveniente dos Mosteiros, esteve algumas décadas escondido numa arrecadação do lar de terceira idade da Póvoa e Meadas. Foi em 1984 que o Sr. Carolino Tapadejo, então presidente da Câmara Municipal de Castelo de Vide, o trouxe para a Secção de Arqueologia. Segundo contou, foi um empregado do lar que o encontrou nos Mosteiros e ali o escondeu, tendo-o mostrado anos depois a um seu colega. O achador já faleceu, pelo que temos apenas a palavra do seu colega, não permitindo atribuir uma origem segura ao capitel.

Procurei obter paralelos ou qualquer outra informação útil na cidade de *Ammaia*, tendo-me encontrado com Joaquim Carvalho, Arqueólogo que trabalha nesta cidade e conhecedor da *villa* dos Mosteiros. Pude com ele reforçar algumas ideias que já tinha, como a de que o chumbo poderia ser a principal fonte de rendimentos e a de que o forno tivesse sido construído para a produção de materiais de construção, tendo na realidade funcionado muito pouco. Podemos supor se não teria mais uma função de ostentação para o *dominus* do que para produção.

Soube por ele que em 2000 foi retirada uma amostra do interior do forno, pelo Dr. Michael Evans (do Institute for Geophysical Research, University of Alberta, Edmonton, Alberta, Canada), com a finalidade de alargar o projecto de investigação sobre Geomagnetismo e Arqueomagnetismo ao território português, a convite e em colaboração com o Dr. António Correia (do Departamento de Física da Universidade de Évora). Muito sucintamente, consiste na análise de amostras de matérias expostas a altas temperaturas, de modo a verificar a direcção e variação do campo magnético nos diversos países e regiões. O estudo da intensidade e orientação do campo magnético em fornos datados poderá possibilitar, por comparação, a elaboração de uma tabela de calibração que irá permitir fornecer datações para outros sítios e/ou materiais não datados. No âmbito deste estudo foram recolhidas amostras em fornos no Médio Oriente, Grécia, Itália, Espanha e, por fim, Portugal (fornos de Peniche e dos Mosteiros). Tive a oportunidade de falar com o Dr. António Correia que, amavelmente, cedeu todos os dados que tinha em seu poder e informou que a investigação não se encontra concluída devido aos escassos dados existentes para a Península Ibérica, pelo que ainda não foi possível obter datações, prevendo-se a sua continuação em

2004. Os resultados obtidos foram apresentados numa conferência em Nice (França).

Também J. Carvalho, tal como A. Pita, disse ser viável que o tanque pertencesse a umas termas, contudo, não se presenciavam vestígios de edifício ou qualquer outra construção em redor do tanque. Muito por alto falou em vestígios dentro do *fundus* da *villa* que lhe pareciam pertencer a época romana, mas nada mais adiantou, informação que vai ao encontro do que A. Pita escreveu “*Os vestígios da pars rustica são consideráveis, verificando-se na envolvente diversas estruturas dispersas a denunciarem a existência de vários casais agrícolas e/ou dependências de apoio às respectivas actividades agrárias, pecuárias e industriais.*” (PITA, 1999, p.5). Para além de casas em ruínas, nada mais foi encontrado durante a prospecção que permita incluí-las no *fundus* ou datá-las do período romano. Não contradigo a hipótese, mas não foram encontrados dados que a fundamentem.

Referiu que nas deslocações que fez ao sítio recolheu alguns materiais que, sem certezas, se encontram depositados na Universidade de Coimbra. Outros materiais dos Mosteiros encontram-se dispersos por colecções particulares, como será o caso de três

indivíduos de Nisa que percorrem os sítios arqueológicos com detectores de metais, falou-me num em especial que lhe mostrou parte da colecção e que disse fazer inveja a muitos museus (inscrições epigráficas, materiais em bronze e muitos em chumbo – o caso mais curioso, pesos de tear – entre outros). Quantos não serão dos Mosteiros!?

A prospecção

Pelo que foi lido e pelo que se ouviu, após a prospecção ficou a ideia de que cada vez menos se encontram vestígios de materiais dispersos à superfície e a certeza de que as estruturas continuam a ser activamente delapidadas, basta ver a quantidade de silhares que se encontram amontoados no solo (v.g., Estampa 1, n.º3) ou escavados à volta.

A prospecção decorreu entre 15 e 17 de Março de 2003, ainda que tenham sido várias as deslocações ao campo afim de observar, fotografar, tirar dúvidas, entre outras coisas. A equipa, formada por seis elementos, levava como objectivo prospectar a área delimitada

pelos ribeiros dos Mosteiros a Oeste, e se possível até ao monte do Mato da Póvoa, do Pai Anes a Norte, do Piçarra a Este e para Sul ir para além do caminho Sul, até onde fosse possível. Tal projecto demonstrou ser excessivo para o tempo disponível e para as condições em que o terreno se encontrava, pelo que a prospecção incidiu com maior cuidado nos sectores com maiores possibilidades de se encontrarem integradas nos terrenos da *villa* e terrenos próximos. Todas os outros terrenos foram percorridos menos atentamente e com maior preocupação onde existiam casas ou vestígios destas.

A posse de uma ampliação de fotografia aérea à escala aproximada 1: 2.200 (1997, n.º 325, rolo 37) desta área e da Carta Cadastral (1959, G e H), permitiram identificar previamente todos os potenciais sítios e organizar o método de prospecção. Assim, usaram-se os muros que dividem as propriedades para varrer o terreno em alinhamento, com um espaço de cerca de 2 m entre cada elemento. Consoante as dimensões da propriedade a equipa dividia-se em dois grupos, de modo a tirar o máximo partido do tempo disponível.

As chuvas intensas que se fizeram sentir até Março, apenas permitiram que a prospecção fosse efectuada nesta data. Os campos encontravam-se em muito más condições, alagados, com erva muito alta, principalmente nas propriedades onde se concentram os principais vestígios, uma vez que são os únicos que têm sido continuamente cultivados com forragem para o gado, e cheios de silvas e mato em redor das casas abandonadas e estruturas, as poucas casa que ainda são utilizadas servem para guardar gado e encontram-se vedadas, bem como os terrenos onde o gado anda a pastar, pelo que apenas se entrou naquelas onde parecia ser seguro ou não se causaria problemas. A maior parte dos terrenos para Este da *pars urbana*, encontram-se abandonados á alguns anos, crescendo o matagal livremente, o que dificultou muito a prospecção desta área, optando-se por procurar e observar sítios com vestígios de habitações e dar apenas uma passagem menos atenta nos restantes terrenos, quando tal era viável.

Para além da destruição das estruturas, constatou-se que os materiais de superfície se encontram muito fragmentados e rolados, sendo na sua maioria de cerâmica comum, tijolos, *imbrices* e *tegulae*, tendo-se recolhido apenas aqueles que permitiam desenhar a sua

forma e/ou que eram indicadores cronológicos. Na maioria dos sítios com materiais de superfície, estes eram raros, o caso da plataforma onde se encontra o piso P2 e aqui apenas na encosta mais inclinada virada a oeste, ou muito raros, sendo apenas frequentes num raio de cerca de 150m na área da *pars urbana*, principalmente na área entre a *villa* e o forno. No entanto, esta concentração poderá não corresponder á realidade, uma vez que os terrenos se encontravam em péssimas condições para prospectar e têm vindo a ser lavrados apenas para plantação de forragens, o que significa que desde à umas dezenas de anos apenas a camada superficial do solo é remexida. Na primeira deslocação à área da *pars urbana*, com a finalidade de fazer um primeiro reconhecimento do campo, foi possível verificar que existia uma maior concentração e dispersão de materiais, mas nessa altura o solo tinha sido lavrado à pouco tempo. Infelizmente as chuvas não deixaram fazer a prospecção quando estava planeado e o crescimento da forragem e das ervas só permitiu ter melhor percepção dos vestígios em finais de Agosto.

Pretendia-se identificar locais de possível extracção de matéria-prima para a construção das estruturas e de argila para a produção do forno. Quanto á pedra não foi difícil encontrar nas proximidades

afloramentos de granito e de xisto, suficientes para as necessidades desta, quer em qualidade como em quantidade. Verificou-se que o leito do Ribeiro dos Mosteiros é constituído por areias grossas, utilizáveis na construção. Já o leito do Ribeiro do Pai Anes pareceu ser constituído por uma areia mais fina em algumas partes. A argila não se encontra na margem sul do Pai Anes, mas na margem Norte, mais xistosa, onde se observam solos argilosos e onde surge uma área denominada Barrinhos próxima desta margem do ribeiro.

Neste capítulo pretendeu-se apenas expor quais os objectivos da prospecção, as dificuldades sentidas e métodos utilizados, os resultados mais detalhados têm vindo a ser referidos, mas serão melhor desenvolvidos seguidamente.

Descrição das estruturas e interpretação

Todas as descrições das estruturas foram feitas com um olhar ainda pouco experiente e as interpretações foram feitas com base nos dados recolhidos, conhecimentos adquiridos e alguma imaginação, à data colmatando a falta de experiência.

Todas as siglas (v.g., E1, C1, T) e indicações de pontos concretos reportam para a Figura 6.

Por toda a área prospectada se encontram vestígios de ocupação humana, muitos deles de época romana, predominando os materiais de construção, como silhares em granito dispersos, amontoados ou reaproveitados em posteriores construções, alguns de soleira ou ombreira de portas, elementos de coluna (no Monte do Mato da Póvoa encontram-se dois elementos de coluna, um bastante grande, e uma base de coluna, que disseram já lá estarem à muitos anos), *tegulae*, *imbrices* e alguns tijolos.

A área pertencente à *villa*, seria com muitas probabilidades delimitada pelo Ribeiro dos Mosteiros, a Oeste, pelo Ribeiro do Pai Anes, a Sul, pelo Caminho Este, muito provavelmente prolongando-se até ao Ribeiro do Piçarra, mais a Este, e pelo Caminho Sul. Esta delimitação, no entanto, circunscreve apenas a área onde se encontram a maioria dos vestígios (a cinzento escuro na Figura 6), sendo de considerar uma área mais abrangente ocupada pelo *fundus* (a cinzento claro na Figura 6). Como já foi referido, a área a Este do caminho Este, encontra-se coberta de matagal, não permitindo uma

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE) Mário Monteiro

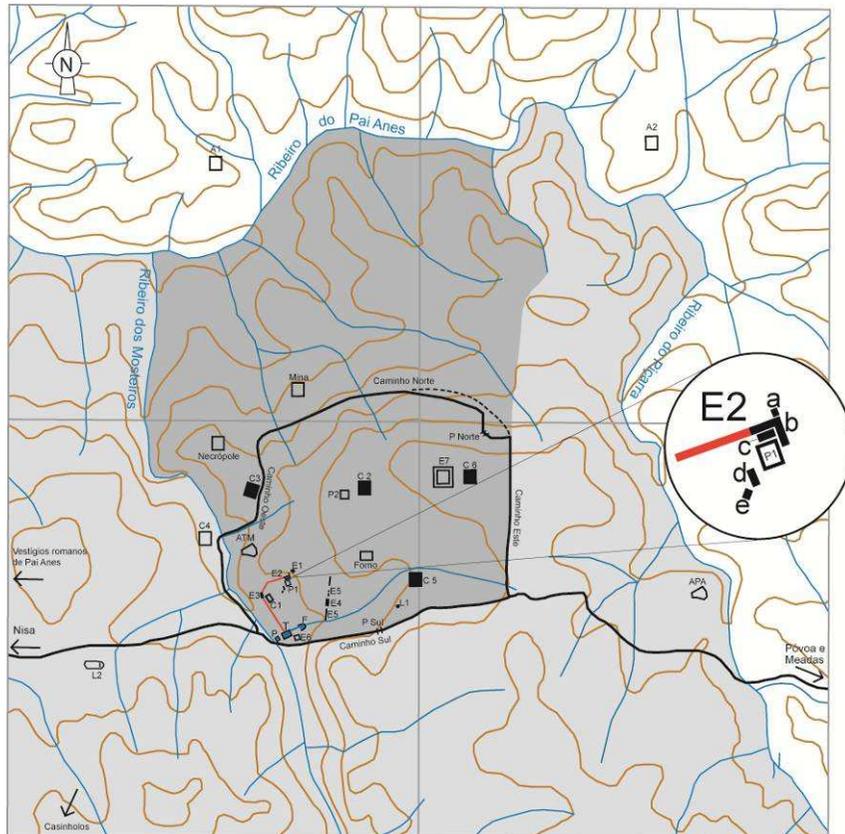


Figura 6 - Localização de vestígios e da área provável da villa, com base na Carta Militar de Portugal, 2000.

prospecção em boas condições. Também a Sul o terreno se encontra coberto por densa vegetação.

A cerca de 2 km para Sudoeste existe uma zona cujo microtopónimo é Casinholos ou Casinhóis, onde se encontram dispersos vestígios de antigas habitações. Em duas delas existe um elemento de calceira em granito idênticos aos dos Mosteiros, destacando-se uma destas duas onde se viam as fundações de uma estrutura do mesmo tipo das encontradas em Defesinha 1 (FARIA, 2002, p. 140-141, Fig. 1), esta localizada em Reguengos de Monsaraz, correspondendo a um *habitat* de época romana. Numa delas encontra-se uma grande laje de xisto no interior do que deverá corresponder à habitação, podendo tratar-se de uma tampa de sepultura *in situ*. Quatro casas foram encontradas, existindo perto de cada uma delas uma sepultura antropomórfica escavada num pequeno afloramento granítico destacado na paisagem, no entanto, não faltam grandes afloramentos na envolvente. As estruturas prolongam-se por uma área bastante vasta ainda mais para Sudoeste, existindo um lugar de vara e uma lagareta escavados no afloramento granítico a cerca de 1 km para Oeste dos Casinholos, numa zona com o topónimo de Horta do Mato da Póvoa. Em nenhum destes sítios se encontrou cerâmicas ou

qualquer indicador cronológico, pelo que foi impossível descortinar o período de ocupação, todavia á provável tratarem-se de vestígios tardo-romanos ou alto medievais.

A distância à *villa* dos Mosteiros é grande, pelo que é pouco provável que se encontrasse no *fundus* desta. Mais provável que lhe pertençam são os terrenos para Oeste do Ribeiro dos Mosteiros onde se deve situar o referido sítio romano do Pai Anes. O Professor José Murta, que já se deslocou ao sítio, procurou dar a referência na Carta Militar, apontando-o junto a um afluente do Ribeiro do Pai Anes para Oeste do Monte do Mato da Póvoa, ainda que não se lembrasse bem, o que o levou a indicar na primeira conversa a margem Norte do Pai Anes, informação só muito tardiamente rectificada. Não foi possível encontrar este sítio, tendo-se perdido três dias a procurá-lo na margem Norte do Ribeiro do Pai Anes, devido a esta referência e à dada no mapa de Jorge Alarcão (ALARCÃO, 1988, Sheet n.º 6: 35), que muito provavelmente está errada e indica o marco geodésico do Pai Anes, não o sítio arqueológico. É a uma vasta área que se chama Pai Anes, tendo sido impossível percorrê-la toda de modo a confirmar a localização do sítio e esclarecer a possibilidade de se encontrar associado à *villa* dos Mosteiros.

Entre o Monte do Mato da Póvoa e o Ribeiro dos Mosteiros existem vestígios de ocupação, tendo sido identificadas três pequenas lagaretas escavadas num afloramento granítico (L2), ligadas entre si, e o que parecem ser as bases de uma construção de planta quadrangular (C4), pouco visíveis na fotografia aérea (1997, folha 325, ampliação à esc. 1:2.200) mas referidas pelo Sr. João, um trabalhador rural do Monte do Mato da Póvoa, que nos guiou na margem Oeste do Ribeiro dos Mosteiros e nos levou até aos Casinholos. Este terá identificado o sítio porque ali o arado batia constantemente em pedras quando preparava o solo para a plantação de vinha. Foi possível observar no terreno que apenas nesse local da encosta se encontravam grandes fragmentos de xisto e raros fragmentos de cerâmica (incharacterísticos), porém o plantio da vinha deverá ter destruído os vestígios preservados no subsolo.

Na margem Norte do Ribeiro do Pai Anes, apenas foram identificadas as bases de pequenas construções em xisto (A1 e A2, Fig. 6), aparentemente abrigos construídos em pedra seca, sendo que apenas num deles (A2) com duas construções se encontraram raras cerâmicas comuns e alguns blocos de granito com sinais de aparelhamento, que podem ser reaproveitamentos. Deste lado do

ribeiro os solos são xistosos e esqueléticos, não havendo vestígios que indiquem a sua associação no *fundus* da *villa*.

A *pars urbana* está implantada numa plataforma aplanada, claramente de origem antrópica (Estampa 1, n.º 1 e 2), onde se encontram a maioria dos vestígios.



Estampa 1, n.º 2 – Área onde se encontram os vestígios da *pars urbana* da *villa*.

E1 (Estampa 2, n.º 4) – Topónimo: Mato. No extremo Oeste da plataforma onde se encontra a *pars urbana*. Estrutura aparentemente

rectangular com cerca de 2 x 2,5 m, fazendo dois nichos circulares do lado Este, com um diâmetro de 90 cm.



Estampa 2, n.º 4 – Possíveis vestígios do peristilo.

Construído em *opus incertum*. Nos nichos ainda se pode ver, ao nível do solo, um revestimento em argamassa esbranquiçada com cerca de 2 cm de espessura e superfície muito lisa, com vestígios de pintura a vermelho ocre no nicho Sul, encontrando-se a branco o do lado Norte.

Dada a proximidade com o piso em mosaico e principais vestígios da *villa*, poderá corresponder à zona central desta, ou seja a um peristilo.

E2 (Estampa 2, n.º 5) – Topónimo: Mato. Núcleo com várias estruturas onde se encontra o P1. Situa-se poucos metros para Oeste da E1, já na encosta da plataforma. É nesta encosta que se encontram mais vestígios de materiais de construção (Estampa 1, n.º 3) devido à erosão e às escavações clandestinas de violadores. Todas as estruturas visíveis são construídas em *opus incertum*. No topo Norte deste núcleo, a parte mais alta, existem três estruturas no sentido Oeste-Este, que se encontram coladas entre si. A primeira é um pequeno troço com 56cm de espessura (E2a). A segunda é a que se encontra melhor preservada, possuindo 64cm de espessura (E2b). O topo é coberto com *lateris* e a face lateral visível revestida a

argamassa (Estampa 2, n.º 6), parecendo continuar para Sul no extremo Este, delimitando o P1.



Estampa 2, n.º 5 – Núcleo E2.

A terceira acompanha todo o comprimento da anterior, mas encontra-se quase ao nível do P1, tendo uma espessura de 55cm (E2c). Num plano mais baixo verifica-se uma estrutura no sentido S-N, com 57cm de espessura (E2d), que parece constituir a parede Oeste de um compartimento, conjuntamente com a E2b e E2c. Junto a esta última,

e no sentido O-E, observa-se um troço que parece ser de alicerce, com 47cm de espessura (E2e).

O facto de existirem três paredes adjacentes (E2a, b e c) levam a colocar a hipótese de que a do meio (E2b) pudesse estar ligada a um sistema de condução de água para a casa, que partindo do tanque – T – se ligaria a esta por intermédio da E3 (linha a vermelho na Fig. 6).

É de referir quatro fragmentos de mármore branco (NI: 1.2/54 16), com colagem, que foram recolhidos num dos buracos abertos por violadores junto deste núcleo. Aparentemente de uma sanca, rodapé ou mesmo do revestimento de um piso de tanque ou espelho de água, que segundo informação da Professora Doutora Catarina Viegas encontra paralelos nas termas romanas da Tourega.

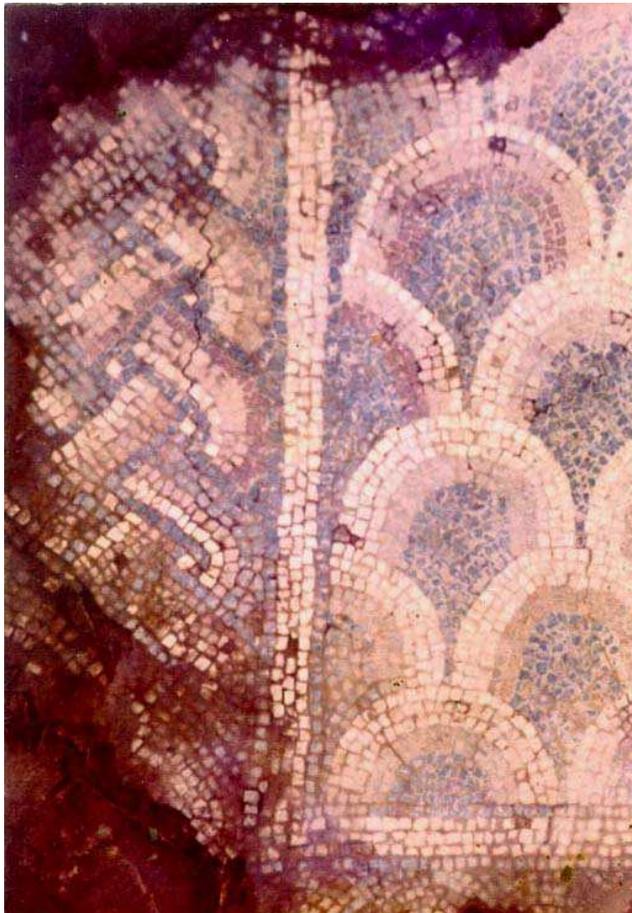
P1 (Estampa 3, n.º 7) – Topónimo: Mato. Área aparentemente rectangular, cujas dimensões são impossíveis de determinar por se encontrar coberta por terra e ervas, contendo muitos blocos de granito amontoados no seu interior. Apenas se consegue observar um pequeno bocado deste piso, que é de uma argamassa esbranquiçada, provavelmente composta por cal, areia e gesso, onde assentava um mosaico. Preferimos não limpar a área porque é

possível que ainda existam alguns pedaços do mosaico *in situ*, evitando-se que também estes sejam arrancados.

Mosaico (Estampa 3, n.º 8) – Bordadura: composição linear composta por uma bordadura de três cordões policromos (cinzento, amarelo, vermelho e branco) sobre fundo negro (BALMELLE, 2002, variante da decoração Est. 72d, p.122).

Composição da superfície: composição ortogonal de escamas adjacentes, traçada em filetes simples. Neste caso, escamas policromas e formadas por uma ou três filas de tesselas brancas, seguidas de duas fiadas de tesselas amarelo, cinzento ou vermelho, em alternância, e corpo negro (BALMELLE, 2002, variante da decoração Est. 215b, p.336).

A cronologia apontada para os mosaicos policromos é séc. III d.C. ou posterior. Em relação a paralelos, são muitos os encontrados para a bordadura, no entanto, não foram encontrados para a decoração da superfície.



Estampa 3, n.º 8 – fotografia da Secção de Arqueologia, tirada pouco tempo antes do mosaico ser arrancado.

A primeira vez que este mosaico se encontra referido é em 1967 no Tomo VI de *As Grandes Vias da Lusitânia*, referindo o autor “[...], fragmentação de pavimentos a cores, [...]” (SAA, 1967, p. 190). Estranhamente nunca foi alvo de olhar atento, apenas foi referido por Maria da Conceição Rodrigues (RODRIGUES, 1975, p. 139) e por Jorge de Alarcão (ALARCÃO, 1988, p. 146), encontrando-se incorporado num quadro onde se englobaram todos os mosaicos conhecidos à data em Portugal, mas sem qualquer análise ou descrição (OLEIRO, 1986, p. 120).

As únicas fotografias conhecidas deste mosaico foram tiradas pelo Grupo de Arqueologia um dia antes deste ser arrancado à enxada, possivelmente em Agosto-Setembro de 1983, após as escavações no forno e quando decorriam as escavações no corredor da Anta da Tapada de Matos (infelizmente foram emprestadas e nunca devolvidas, restando apenas uma). O proprietário, zeloso por um pedaço de terra para plantação de forragem, deu ordens para que não se deixasse entrar ninguém nos seus terrenos e se destruíssem todos os vestígios que pudessem chamar a atenção de arqueólogos.

E3 (Estampa 4, n.º 9) – Topónimo: Mato. Estrutura muito destruída, em *opus caementicium*, poucos metros a Sudoeste do núcleo E2. Poderia fazer parte de um aqueduto que conduzia a água para a *villa*, talvez o alicerce de uma estrutura a partir da qual a água vinda do tanque era canalizada para vários pontos, como por exemplo a estrutura E2b. Em seu redor encontram-se frequentes fragmentos de tijolo.

C1 (Estampa 4, n.º 10) – Topónimo: Mato. Ruínas de uma casa com duas divisões, a Sudoeste do núcleo E2 e junto à E3. Construída com blocos de granito, aparentemente em pedra seca, sendo revestida com argamassa no exterior. As ombreiras e verga da porta são feitas com grandes silhares, certamente reaproveitados. Em 1973 esta casa encontrava-se muito melhor preservada (RODRIGUES, 1975, Est. XCI, Fig. 1), podendo ainda observar-se parte da parede Oeste, que já não existe, a parede divisória dos compartimentos e a continuação para Oeste da parede da porta, que era construída com grandes silhares, hoje desaparecidos. Por norma esta casa é referida como fazendo parte do antigo mosteiro, porém parece tratar-se de uma habitação rural ou antigo palheiro.

E4 (Estampa 4, n.º 11) – Topónimo: Mato. Esta estrutura forma uma grande porta virada para Este, tendo de comprimento total 6,1m e de espessura 60cm, não contendo qualquer vestígio que indique a existência de paredes, na continuidade dos pilares, de modo a formar um edifício. Situa-se no extremo Sudeste da plataforma onde se encontra a *villa*. Toda a estrutura é construída em granito, não se conseguindo perceber se era ligado por argamassa. É delimitada por dois pilares, o pilar Sul está intacto sendo composto por silhares com almofadado virado neste sentido, enquanto que o pilar Norte, muito destruído, é impossível observar se tem almofadados. As ombreiras e a verga da porta são também em grandes silhares, sendo o espaço entre as ombreiras e os pilares preenchido por paredes construídas com blocos de dimensões variadas, revestidas a argamassa no exterior, possuindo cada parede uma frincha afunilada para o exterior, ocupando toda a largura da parede no interior. A verga é constituída por dois silhares paralelepípedicos, com 2,6m de comprimento, que se encontram encostados, possuindo no encosto entre eles dois furos nas pontas para o encaixe dos gonzos de portas. O silhar virado para o exterior tem gravado a data de 1725 – J725 (Estampa 5, n.º 12), o que levanta algumas questões quanto à origem desta estrutura.



Estampa 5, n.º 12 – Data gravada na verga da porta.

Por norma esta porta é atribuída a um edifício ou porta principal do suposto mosteiro que ali existiu, o que não é inviável, dado o traçado ser similar ao existente na fachada de muitas capelas. A data pode ter sido gravada na estrutura pré-existente por um novo proprietário do terreno no séc. XVIII, mas também pode ter sido ele a mandar construí-la, reaproveitando material já preparado. Certo é que nessa data não referências a edifício religioso no local. Pode-se levantar a hipótese desta porta ter sido construída numa fase de ocupação romana, tendo sido restaurada ao longo dos tempos. O lado Este da *pars urbana* é o mais plano e exposto, pelo que é provável que esta

tenha sido murada. Ainda hoje podem-se ver troços desse muro (E5) que dão continuidade à E4 para Sul e para Norte. A Sul a plataforma encontra-se protegida pela depressão formada pela nascente e pelo muro que ladeia o caminho Sul, a Oeste pelo pequeno vale formado pelo Ribeiro dos Mosteiros e para Norte pela inclinação ascendente do terreno. Em qualquer fase da ocupação deste sítio se pode ter delimitado assim este terreno, quer fosse para protecção ou privacidade da *villa*, quer para marcar a entrada de um domínio religioso ou propriedade particular. Apenas uma escavação poderia dar resposta.

A construção que existe à frente desta estrutura e o encerramento da porta foram feitos nos anos 80, com a finalidade de funcionar como galinheiro (informação do Sr. José Matos). Em 1973 podia-se observar esta estrutura bem preservada e perfeitamente enquadrada no espaço (RODRIGUES, 1975, Est. XCI, Fig. 1).

E5 (Estampa 5, n.º 13 e 14) – Topónimo: Mato. Estrutura construída em blocos de granito, bastante destruída que se encontra fraccionada em três troços na linha que segue para Norte, e um único troço para Sul, que no entanto não se consegue ver bem por se encontrar quase

todo coberto por silvas. O troço mais a Norte é o que está melhor preservado, possuindo uma espessura de 55cm e encontrando-se os blocos ligados por argamassa com pedaço de tijolo a preencher os espaços maiores. É claramente uma estrutura contemporânea da E4 e com idêntica espessura às do núcleo E2.

F (Estampa 6, n.º 16) – Topónimo: Mato. Fonte de chafurdo que recebe a água da nascente (com caudal todo o ano) que corre a sul



Estampa 6, n.º 16 – Fonte.

da plataforma da *villa*. Construção em blocos de granito, com uma planta ovalada e tapada com uma laje de granito. Não se sabe se a mina se encontra estruturada, de modo a conduzir a água para a fonte, no entanto, sabe-se por informação oral que existia um canal em granito que canalizava a água para o tanque, que se encontra poucos metros a Oeste. Ainda se encontram na entrada vestígios do canal *in situ* e um elemento de caleira em cima da tampa. Presentemente, é de todo impossível saber se a data de construção da fonte é de época romana ou posterior.

T (Estampa 6, n.º 15) – Topónimo: Mato. Tanque rectangular com cerca de 2,5 x 3 m, construído com grandes e médios silhares de granito. Como já referido encontra-se em linha com a fonte, recebendo por um canal a água que dela vem. As paredes Norte e Este encontram-se muito destruídas e não se consegue perceber se o tanque subiria acima do solo, uma vez que as paredes apenas se preservaram até esta altura. Serve de bebedor para o gado pelo que devem ter sido destruídas para permitir que este chegue lá, encontrando-se dispersos em seu redor blocos de granito e um grande silhar paralelepípedo, entre os quais foi recolhido um fragmento de uma pequena mó circular, bastante desgastada.

Segundo informação de habitantes locais, o tanque era bastante fundo e nalguns sítios ainda com vestígios de revestimento em argamassa.

Partindo da hipótese que a estrutura E3 se encontrava incorporada num aqueduto que levava a água à *villa*, é muito provável que ela viesse do tanque e este fosse um *castellum* e não um tanque de banhos das termas, como tem sido sugerido, tendo então as paredes alguma altura para compensar o desnível do terreno e criar a inclinação necessária para conduzir a água, sendo viável que na parte mais alta do terreno os canais fossem subterrâneos, indo ao encontro do relatado anteriormente.

E6 (Estampa 6, n.º 17) – Topónimo: Mato. Estrutura rectangular com 1,3 x 0,90m, construída com blocos de granito, fragmentos de tijolo e argamassa. Situa-se a cerca de 25m para Sudeste do tanque, numa encosta suave, virada para a *villa*, que dá para o caminho Sul. As paredes são baixas e estreitas delimitando uma laje rectangular em xisto, que se encontra selada com a mesma argamassa esbranquiçada que liga as paredes. Foi encontrada porque a parede Norte foi arrancada recentemente por um tractor.



Estampa 6, n.º 17 – Estrutura E6.

É difícil saber qual a função desta estrutura, porque a ser um reservatório não possui nenhum orifício ou canal para escorrer os líquidos e a ser uma sepultura, que neste caso ainda se encontra selada, deverá ser de época posterior à ocupação romana devido à proximidade com a *villa*.

P – Topónimo: Mosteiros. Poço quadrangular com 2,8 x 2,8m, estruturado por paredes em blocos de granito. Situa-se a Sudoeste

da *villa*, a poucos metros da Ribeira dos Mosteiros. A nascente que o alimenta ainda hoje o mantém sempre cheio. A forma rectangular sugere ser uma construção contemporânea da ocupação romana do sítio, dado que na região os poços são por norma de boca circular. Os vestígios de materiais são muito raros neste sector.

L1 – Topónimo: Mato. Lagareta de forma circular, com cerca de 40cm de diâmetro, escavada num pequeno afloramento granítico isolado, com dois canais para escoamento dos líquidos: um mais fundo de idêntica profundidade à da lagareta, outro fazendo apenas um canal superficial. Situa-se a 200m para Este da E4. Neste sector o vestígio de materiais é raro.

C5 - Topónimo: Mato. Pequena casa de planta rectangular, que se situa a Este da E4. É um palheiro ainda utilizado, construído com blocos de granito e silhares reaproveitados. Neste sector o vestígio de materiais de superfície é muito raro.

Forno (Estampas 7, 8, 9 e 10) – Topónimo: Mato. Forno de planta quadrangular, categoria II b de M. Beltrán Lloris (LLORIS, 1990, p. 26), com uma dimensão total de 5,55 x 5,55m, situado a cerca de

20m para Nordeste do núcleo E2, numa encosta suave e em local onde ainda hoje a água é abundante no subsolo.



Estampa 7, n.º 18 – Forno após ser escavado (fotografia da Secção de Arqueologia).

Aquando da sua escavação em 1982 encontrava-se em bom estado de conservação, vindo-se a degradar rapidamente desde então (Estampa 7). A entrada do *praefurnium* é rectangular, delimitada por grandes silhares em granito, sendo o seu interior um túnel curto, em arco, que alarga para a câmara de fogo (Estampa 8, n.º 21 e 22). A

câmara é de corredor central com seis arcos em tijolo (Estampa 8, n.º 23) sobre os quais assenta o solo do laboratório, com treze linhas de agulheiros arredondados (alguns ainda continham tampas em argila com as impressões digitais dos últimos utilizadores, encontrando-se exemplares no depósito da Secção de Arqueologia). O chão da câmara de fogo é o próprio solo aplanado e todas as paredes são revestidas a argamassa. O piso do laboratório é feito em *opus caementicium*, com uma fiada de tijolos que o separa da camada superficial, que é mais compacta e parecendo conter argila (Estampa 8, n.º 24). As paredes do laboratório são numa argamassa argilosa, mais compacta na superfície exterior, que se encontra toda decorada com largas e toscas incisões em zigue-zague, revestindo grossas paredes construídas com blocos de granito ligados por argamassa. A cobertura do laboratório deveria ser em abóbada, provavelmente em argila. A inclinação dos dois silhares que se encontram por cima da entrada do *prae-furnium* parecem denunciar o arranque de um arco que poderia definir a entrada para este (Estampa 7, n.º 18 e 19). Porém, não existe qualquer registo da escavação que refira a existência de argila cozida, ou outra matéria, nas terras que cobriam o forno.

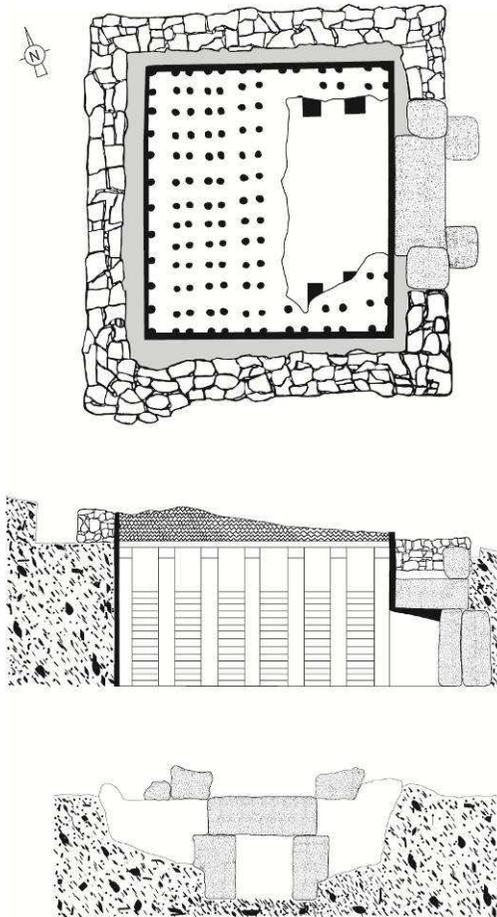


Estampa 8, n.º 24 – Decoração em zigue-zague nas paredes do laboratório e agulheiros com tampas (fotografia da Secção de Arqueologia).

Esta forma de forno é em geral para produção de material de construção, pelo que, tendo em conta as dimensões, deveria produzir para comercializar e não só garantir a auto-suficiência da *villa*. É, no entanto, impossível determinar com exactidão quais os materiais aqui produzidos, visto que não foi encontrado o depósito de detritos e apenas existem referências antigas de vestígios de muitas *tegulae*, *imbrices* e tijolos na área envolvente, o que presentemente não se

verifica. Na escavação do forno foi encontrado um considerável número de pesos de tear, podendo-se pensar terem sido ali produzidos. A área do forno poderá ser parte da área *pars rustica* onde se encontravam as diversas oficinas, como parecem testemunhar as escórias de ferro e chumbo ali encontradas, aparentemente originadas por uma pequena forja (segundo informação do Dr. Carlos Fabião) e o cubo em ferro (anteriormente referido) que dada a irregularidade poderá corresponder a um lingote. Provavelmente o forno produziu todo o tipo de materiais cerâmicos necessários para o abastecimento da *villa*, mas os sinais de queimado são muito ténues (mesmo após a escavação o eram, inclusive no *praefurnium*) e o depósito de detritos parece não existir, o que levanta a hipótese de ter funcionado durante um curto período de tempo. Arriscamos a sugerir três situações possíveis: um investimento com pouco sucesso económico; a *villa* foi abandonada poucos anos após a sua construção; ou apenas serviu para ostentação do *dominus* e garantir as necessidades da *villa*.

Ainda que sendo um forno típico da época romana, no actual estado da questão é legítimo questionar se não será de época posterior.



Estampa 9 – Desenhos do forno efectuados a partir de esboços feitos após a escavação.

Esperamos que o desenvolvimento do projecto de investigação sobre Arqueomagnetismo permita obter uma datação num futuro próximo.

É entre o forno e a plataforma da *pars urbana* que se encontra a maior concentração de materiais de superfície.

P2 (Estampa 11, n.º 25 e 26) – Topónimo: Mosteiros. Piso rectangular em *opus signinum*, de tijolo grosseiramente moído e pequenas pedras, com as dimensões de 2,95 x 3,5 x 0,27m.



Estampa 11, n.º 26 – Espessura do piso em *opus signinum*.

Encontra-se implantado num dos pontos mais altos dos terrenos da *villa*, sobre um planalto que visto de Oeste parece ser artificialmente

criado. Dali domina-se uma ampla vista de Oeste a Este e avista-se perfeitamente a *villa*, que se situa a cerca de 250m para Sul. Poderá ser um piso de um edifício maior, possivelmente um templo.

Segundo sugestão do Dr. José Cardim Ribeiro, pela posição elevada poderá ser o piso de um *castellum*, porém, não existem nascentes próximas deste e o percurso é mais longo do que vindo a água do tanque, pelo que a hipótese de ser o que resta de um templo se mantém a mais viável.

Neste sector os materiais de superfície não são frequentes, predominando na encosta Oeste e na encosta Sul, que fica virada para a *villa*.

C2 (Estampa 11, n.º 27) – Topónimo: Mosteiros. Casa de planta quadrangular com duas salas, com telhado em vias de ruir, a Este do P2. Casa construída com blocos de granito, alguns com riscos de arado, e grandes silhares, destacando-se a pedra que serve de verga na porta que liga os dois compartimentos, uma antiga soleira de porta(?) reutilizada (ver pormenor Estampa 11, n.º 27). Foi claramente construída reutilizando materiais, possivelmente do edifício do P2. A sala interior possui duas janelas afuniladas para o

exterior, tipo vigia, iguais às referidas na E4, o que sugere serem de construção coeva, pelo que se a C2 é construída com materiais reutilizados, ambas são posteriores à ocupação romana do sítio.



Estampa 11, n.º 27 – Soleira de porta (?) reutilizada como verga.

Apesar da proximidade com o P2, são raros os vestígios de materiais de superfície entre ambos. Encostado à parede Sul desta casa encontra-se um fragmento de coluna em granito, que pela forma aparenta ser de uma meia coluna, possivelmente do templo, se ali existiu.

E7 (Estampa 12, n.º 28 e 29) – Topónimo: Torre. Estrutura em *opus caementicium*, esbranquiçado com pedra partida de dimensões médias, com um comprimento de cerca de 14m e 50cm de espessura, correspondendo às fundações de uma construção. Situa-se no ponto mais alto da área da *villa*, a 250m para Nordeste do forno, sendo visível de todos os caminhos. O terreno onde se encontra implantado faz duas plataformas artificiais, que se notam perfeitamente do lado Oeste (Estampa 12, n.º 28), mas sendo no lado Norte onde se vêem os vestígios das fundações (Estampa 12, n.º 29). Na primeira plataforma situa-se a E7, no sentido O-E, notando-se que o afloramento rochoso foi aplanado para criar uma segunda plataforma um pouco mais pequena e alta, onde se pode ainda ver um pequeno troço de fundações, no mesmo lado da E7 e com a mesma orientação. Nesta segunda plataforma deveria existir uma edificação pavimentada a calçada, nalguns pontos ainda preservada, encontrando-se blocos de calçada em granito, com a face superior polida pelo pisoteio, dispersos pelo terreno e reutilizados no muro de divisão de propriedade que corta a primeira plataforma. Esta estrutura é referida no processo da Secção de Arqueologia, referente aos Mosteiros, como sendo quadrangular e bem visíveis todas as suas fundações nos inícios dos anos 80, o que vai ao encontro do referido

por J. Cruz Soares, que em 1957 pôde observar o mesmo, bem como os restos de uma porta orientada a Nascente.



Estampa 12, n.º 29 – Vestígios de fundações no sítio da Torre.

Tem sido referido por trabalhadores locais, ao longo dos tempos, como sítio onde se costumavam encontrar ossadas humanas e onde existem vestígios de uma antiga torre, resta saber de que período.

No folheto de peça do mês referente á urna (Pita, A., 1999, p. 7) é referido o sítio como sendo de possível necrópole de inumação na periferia da *pars urbana* (talvez de um mausoléu familiar), dando a entender ser mais tardia que a de incineração, onde se encontrou a urna de chumbo. Todavia, esta hipótese parece ser contrariada pela datação do espólio da urna, implicando que existissem duas necrópoles contemporâneas em utilização. Poderá dar-se o caso de o defunto ter expressado previamente a sua vontade de ser incinerado e enterrado na antiga necrópole ou naquele sítio específico de que tanto gostava e onde mais ninguém foi sepultado, dado que na envolvente não se identificaram outros vestígios.

Tendo em atenção o topónimo Mosteiros e a usual identificação com edifícios religiosos sou levado a colocar a hipótese de ser ali uma igreja ou ermida de período tardo-romano ou suevo-visigótico, onde alguns fiéis podem ter sido sepultados.

Os terrenos dos Mosteiros encontram-se dentro da herdade da Açafa (ou Azafa) doada aos templários em 1198, encontrando-se *in situ* até á poucos anos vários marcos territoriais com a cruz da ordem gravada. Tendo conhecimento de uma Rua do Egipto na Póvoa e

Meadas e da presença muçulmana em Marvão, levanta-se a questão de o topónimo Torre corresponder de facto a uma torre erguida neste sítio, estrategicamente privilegiado, onde se pode ter instalado uma pequena guarnição de cavaleiros desta ordem, de modo a controlar as actividades da população muçulmana ali existente, que certamente passaria pela exploração do minério e do quartzo hialino existente na região.

Não foram observados vestígios de materiais à superfície.

C6 – Topónimo: Torre. Casa de planta quadrangular idêntica à C5, mas sem vigias. Encontra-se toda revestida a argamassa, apenas se percebendo nalguns pontos a presença de silhares que podem ter sido reutilizados. Situa-se a pouco mais de 20m para este da E7, não se tendo encontrado materiais de superfície em seu redor.

Mina (Estampa 12, n.º 30) – Topónimo: Farinheira, Poço da Mina. Situa-se a cerca de 400m para Norte do núcleo E2. Existiam dois poços, presentemente apenas existe um poço rectangular estruturado com blocos de granito. Foram consultados os documentos referentes à Mina de Chumbo da Tapada da Farinheira (processo existente no Instituto Geológico e Mineiro – Tapada da Farinheira 922, código

1570PbBa - e documentos no depósito da Biblioteca de Castelo de Vide), apenas constando neles as licenças de exploração de Chumbo e Bário, as empresas a quem foram concedidas e um relatório geológico que refere a escassez do chumbo em profundidade, filões de



Estampa 12, n.º 30 – Poço da Mina da Tapada da Farinheira.

Barite e Galena como principais mineralizações e filões de Blenda, Pirite e Calcopirite como secundárias. O documento mais antigo reporta para 14 de Março de 1891 e trata-se de um requerimento de descobridor legal e proprietário, por parte de José Augusto Cardoso

Castro, e o mais recente é de 11 de Dezembro de 1981 a comunicar o abandono da exploração da mina. Apenas é referida a abertura de um novo poço neste espaço de tempo, desconhecendo-se se o mais antigo é o que ainda se encontra aberto (o mais provável) ou o que foi atulhado.

Possivelmente o chumbo e algum ferro (que se pode verificar ali existir nos restos deixados pelas entulheiras) foram explorados em época romana, e talvez alguma prata como indica a existência de filões de Galena. Nada o comprova e apenas as dimensões da urna de chumbo parecem indiciar a exploração de chumbo, talvez a principal razão para a implantação da *villa* no local.

Os trabalhos efectuados na mina até á poucos anos deixaram o solo completamente coberto por entulhos não se verificando qualquer vestígio de materiais, nem de instalações para os trabalhadores. Existe uma casa no topo do monte a Norte da Mina, mas encontra-se coberta por silvas, não sendo possível observá-la devidamente.

Segundo informação do Sr. José Matos, encontravam-se muitas escórias na encosta entre a mina e a necrópole, quando estes terrenos eram lavrados. Hoje em dia encontram-se cobertos de mato

e ervas não se conseguindo comprovar a informação, podendo as escórias serem procedentes dos recentes fornos de fundição que se encontram junto à mina. Caso tenha sido explorada pelos proprietários da *villa*, poderão as escórias estar associadas a esta época, contudo, o minério também pode ter sido comercializado em bruto. A exploração recente da mina não permitiu que sobrevivessem vestígios de antigos trabalhos, ou no mínimo cobriu-os com os inertes que originou, pelo que nada se pode concluir.

Necrópole (Estampa 14, n.º 34) – Topónimo: Tapada das Vacas. Situa-se no topo de um monte a cerca de 350m para Norte da *villa*. Não é visível do Caminho Oeste, mas tem grande visibilidade para Oeste, onde passa o Ribeiro dos Mosteiros, até Nordeste, onde fica a Mina.

O único enterramento conhecido no local corresponde ao da urna de incineração em chumbo. Esta encontrava-se junto ao início da encosta suave que fica virada para Nordeste, no interior de uma fossa de planta rectangular, estruturada por paredes de pedra seca, em xisto, com cerca de 90cm de comprimento (SO-NE), 75cm de largura e cerca de 1m de profundidade, sendo o chão o próprio solo e a

tampa duas lajes de granito com cerca de 1 x 0,40m e 20cm de espessura. Pelo que os membros do Grupo de Arqueologia puderam observar, a fossa encontrava-se no interior de “[...] *uma pequena cintura de blocos irregulares de pedra solta ao nível do solo, numa área com cerca de 12m².*” (PITA, 1999, p. 7), que se encontrava muito destruída pelos trabalhos agrícolas.



Estampa 14, n.º 34 – Local onde foi encontrada a urna cinerária em chumbo.

Desconhece-se se este foi o único enterramento no local ou se será de facto uma necrópole, o que é provável, visto que a mesma fonte que referiu a presença de escórias naquela encosta, também mencionou muitos tijolos, que poderão corresponder a diferentes estruturas de outros enterramentos. Todavia, poderiam pertencer a um pequeno mausoléu privado, constituindo a referida cintura as suas fundações. Na prospecção apenas foram encontrados fragmentos de tijolo e um pequeno fragmento de *opus signinum* no sítio onde estas estruturas se situam, não se tendo observado nenhum vestígio de materiais ou outras possíveis estruturas em redor.

C3 – Topónimo: Tapada das Vacas. Casa de planta rectangular com três compartimentos, que se encontrava em ruínas em 1997, como se pode observar na fotografia aérea, e um pequeno palheiro de planta quadrangular, ambos construídos em xisto. Situam-se a cerca de 250m para Norte da *villa*, encontrando-se a casa maior encostada ao muro que delimita o caminho Oeste. Presentemente estas casas são instalações de uma criação de porcos, que se encontram à solta no terreno circundante, pelo que não foi possível prospectar devidamente. Encontraram-se duas pedreiras para extracção de xisto a sul destas casas. Os materiais de superfície são muito raros e

apenas na encosta, junto ao muro, se verificaram alguns fragmentos de *tegulae* e *imbrices*, arrastados pelas escorrências. Não havendo dados concretos que permitam estabelecer ligação com a *villa*, as dimensões e localização permitem aventar a hipótese de serem instalações para os trabalhadores da mina.

Caminho Sul (Estampa 13, n.º 31) – este antigo troço de caminho encontra-se abandonado e totalmente coberto por vegetação, marcando o fim do supracitado caminho que vem de Póvoa e Meadas. Encontra-se apenas delimitado do lado Norte, por um muro em blocos de granito (que nalguns pontos ainda possuem argamassa a ligá-los), sendo o lado oposto difícil de definir. Tendo em conta os afloramentos graníticos, o caminho deveria possuir entre 3 a 4m de largura. Aparentemente, este caminho só dava acesso à área da *villa*, podendo-se observar dois blocos paralelepípedicos, toscamente afeiçãoados, a definir uma porta (P Sul – ver pormenor Estampa 13, n.º 31) que fica a cerca de 130m para Sudeste da E4.

Faz a travessia do ribeiro dos Mosteiros num sítio de fácil passagem, seguindo para Oeste em direcção à Tapada do Pai Anes e Nisa.



Estampa 13, n.º 31 – Porta Sul no Caminho Sul.

Caminho Este (Estampa 13, n.º 32) – é o caminho mais largo, com cerca de 9m de largura nas partes mais estreitas, sendo murado dos dois lados (muros idênticos ao descrito a Sul). Nalgumas partes a erosão desnivelou o caminho deixando a descoberto o afloramento, que se nota ter sido aplanado de modo a permitir a circulação de viaturas.



Estampa 13, n.º 32 – Caminho Este.

Caminho Norte – o traçado original foi alterado à alguns anos, segundo informação de um habitante local. A curva que liga o caminho Oeste ao caminho Norte era mais aberta e o caminho passaria um pouco mais a Norte (a tracejado na Figura 6), o que não se consegue ver devido a estas terras terem sido lavradas desde então. Apenas tem um muro em granito e xisto do lado Sul, separando os solos mais produtivos, a Sul, dos solos esqueléticos e xistosos para Norte. Ao início deste caminho encontra-se uma porta

(P Norte), delimitada por grandes blocos cúbicos em granito, que dá acesso à E7, ficando a cerca de 100m para Nordeste desta estrutura. Na ligeira subida para esta porta o caminho é lajeado com grandes blocos em granito, que a mesma fonte acima referida disse terem ali sido postos aquando da abertura do novo traçado para facilitar a subida dos tractores. Assim, fica-se na dúvida se a porta terá sido aberta na mesma altura ou se era anterior, o que não souberam dizer.

Caminho Oeste (Estampa 13, n.º 33) – caminho que vem da Mina passando pela C3, atravessando o Ribeiro dos Mosteiros, num sítio de fácil travessia, e contornando-o até encontrar o Caminho Sul. Até chegar ao ribeiro é murado de ambos os lados (muros em blocos de granito e xisto), possuindo uma largura de 7m na zona dos Mosteiros, começa a estreitar e não se encontra murado a partir daqui.

Muitas das questões colocadas são hipóteses lançadas sem dados concretos que as sustentem, fruto de um exercício mental na busca de possibilidades que possam contribuir para a obtenção de respostas, mera ferramenta utilizada no estudo de um sítio que apresenta vestígios culturais de elevado valor cultural e científico e para o qual apenas existem escassos dados e informações vagas.

Catálogo

Todos os materiais encontram-se no depósito da Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide, excepto quatro lucernas, um unguentário em vidro e duas moedas, que estão em posse de particulares.

Abreviaturas

D – Diâmetro (exterior em todos os casos)

DB – Diâmetro do Bordo

DC – Diâmetro do Colo

DF – Diâmetro do Fundo

E – Espessura (num ponto médio)

EA – Espessura da Asa

e.n.p. – elementos não plásticos

LA – Largura da Asa

NI – Número de Inventário

1 Urna cinerária em chumbo (Estampas14 e 15).

- Proveniência: Tapada das Vacas. Foi encontrada em Novembro-Dezembro de 1984 por habitantes locais que ficaram com a grande maioria do espólio que se encontrava no interior, excepto uma lucerna. Foi restaurada na íntegra.



Estampa 15, n.º 37 – Urna cinerária em chumbo após o restauro.

- Descrição: “Urna cinerária com forma paralelepipedica rectangular, composta por receptáculo e tampa. As paredes do receptáculo e da tampa são muito irregulares. O fabrico da urna terá sido realizado a partir de uma superfície plana cortada em cruz grega, modelada até atingir a forma paralelepipedica, e com um acabamento de fusão nas arestas laterais, de que ainda apresenta vestígios.” (PITA, 1999, p.12). Segundo Nuno Félix, que fez o restauro da urna, as paredes da urna encontram-se cheias de alvéolos, quase granulado no interior, e o acabamento é de má qualidade, o que leva a colocar a hipótese desta ter sido uma produção local, possivelmente na forja da *villa*.

A cronologia atribuída pelas fontes consultadas é séc. I-II d.C., porém, esta é uma cronologia que poderá estar incorrectamente atribuída, uma vez que o espólio, conhecido, que continha indica uma cronologia mais tardia, principalmente as lucernas, cuja tipologia tem paralelos de meados do séc. III d.C. a inícios do IV d.C.

Foram poucos os paralelos encontrados para urnas cinerárias em chumbo, de forma paralelepipedica com tampa, e a maioria de

menores dimensões, sendo apenas a da Lameira Larga (ROCHA, 1909, p. 44-49) e a proveniente do cemitério romano da Praça da Figueira (MOITA, 1994, p. 45 e 56) as únicas que ultrapassam as dimensões deste exemplar. No entanto, todas possuem cronologias do séc. I-II d.C., período em que a prática da incineração foi quase exclusiva.

Assim, com os dados disponíveis, parece confirmar-se a cronologia sugerida para a urna por José Carlos Caetano (CAETANO, 2002, p. 325), tendo este utilizado como base as fotografias das três lucernas que até hoje eram conhecidas, pelo que constitui mais um testemunho do prolongamento da prática da da incineração até ao séc. III-IV d.C. e o único exemplar deste tipo de cronologia tardia (nas diversas fontes consultadas).

- Dimensões: - receptáculo: 38x59x40cm; - tampa: 40x61x8cm.

Tudo aponta para que se trate de uma incineração em *ustrina* com posterior selecção dos ossos e deposição das cinzas em urna. A descrição dos achadores, que referem uma camada de cinzas com pequenos ossos misturados a cobrir todo o fundo, sugere que estas tenham sido depositadas no fundo da urna e o espólio sobre as

cinzas. É pouco provável que se encontrassem num vaso em cerâmica, visto que seria bem perceptível, mesmo após ser partido aquando do arrombamento da urna. Tal nunca foi aludido pelos achadores. Para a quantidade de cinzas referida (cerca de dois dedos de altura) teria que ser um vaso de grandes dimensões, deixando nem que fosse um fragmento no local, o que não se verificou ao serem crivadas as terras.

Do seu interior foram retiradas cinco lucernas (Estampa 17, n.º 52 e 53; Estampa 18, n.º 54, 55 e 56), um unguentário em vidro (Estampa 22, n.º 95) e duas moedas. Após a violação e espoliação da urna, as terras retiradas da cova foram crivadas, tendo-se encontrado nestas a lucerna n.º 52, dois pequenos fragmentos de cerâmica - um fragmento de bordo (32 do catálogo), um fragmento de bojo (NI: 3aMOS – 3 mm de espessura, pasta bege acastanhado e engobe castanho escuro no interior, Munsell 10YR6/4 e 10YR4/2, respectivamente, sem qualquer semelhança com a pasta das restantes cerâmicas associadas à *villa* dos Mosteiros) e um fragmento de vidro de tonalidade verde-azulado, idêntica à do unguentário. As moedas encontram-se em posse de um particular (o

mesmo que tem as lucernas n.º 53 e 54 e o unguentário), que diz não conseguir encontrá-las, pelo que se deve ter perdido o melhor



Estampa 17, n.º 53 – Lucerna decorada.

indicador cronológico para datar a urna e suprimir as dúvidas. Fez uma descrição oral das moedas: seriam as duas do mesmo tamanho (pouco maiores que uma moeda de 2\$50 – 20 mm) e possivelmente em bronze; uma em muito mau estado, a outra em bom estado de conservação, tendo no anverso um busto em perfil com um capacete

romano e no reverso a loba deitada amamentando Rômulo e Remo, na parte superior da moeda, e um ómega, um sol e um ró na parte inferior, que poderá ser o exergo. A moeda foi vista por um professor de história que lhe descreveu o que me contou, tendo dado o séc. II d.C. como possível cronologia. Após percorrer toda as figuras dos volumes I a IX do *Roman Imperial Coinage* e dos volumes II a IV do *Roman Imperial Coins*, apenas foram encontrados paralelos, para a descrição feita, em moedas de *Carausius* (287-293 d.C) e de familiares de Constantino I, no segundo terço do séc. IV d.C., o que não significa que não existam paralelos nos séc. I e II d.C. Ainda há esperança que estas apareçam e possam ser devidamente catalogadas.

Para além dos materiais referidos deveria haver outros, nomeadamente em cerâmica, que foram deitados fora em sítio incerto, por se encontrarem partidos ou não terem utilidade para os achadores.

É provável que a lucerna n.º 52 se encontrasse no exterior da urna, razão pela qual terá passado despercebida aos violadores, ou então, rolou da urna sem ser vista quando se arrombou esta com a enxada.

Terra Sigillata

Não foi alvo de uma análise macroscópica das pastas, devendo-se a atribuição da origem provável ao auxílio da Dra. Catarina Viegas e às descrições tecnológicas feitas por F. Mayet (MAYET, 1983, p. 66).

Existem 13 fragmentos de *terra sigillata*, mas apenas cinco permitiram obter forma e dois possuem decoração.

Devido ao valor cronológico destes materiais passarei a descrever sumariamente os restantes fragmentos:

NI: 1.2/54 03 – prospeção 2003, pequeno fragmento indeterminado, possivelmente de fundo. Segundo a Dra. Catarina Viegas poderá ser Sudgálica (séc. I-II d.C.);

NI: 1.55 25 – prospeção 2003, pequeno fragmento indeterminado. Segundo a Prof.^a Catarina Viegas possui uma meia-cana característica na forma Drag. 15-17 Hispânica (meados do séc I d.C. a inícios do IV d.C.);

NI: FM 52 – recolha de superfície junto ao forno, pequeno fragmento indeterminado, de fundo. Poderá ser de *sigillata* Hispânica tardia (séc. IV-V d.C.);

NI: FM53 – recolha de superfície junto ao forno, pequeno fragmento indeterminado, apenas com ligeiros vestígios de engobe. Segundo a Prof.^a Catarina Viegas parece ser de *sigillata* Africana Clara D (meados a finais do séc. IV d.C.);

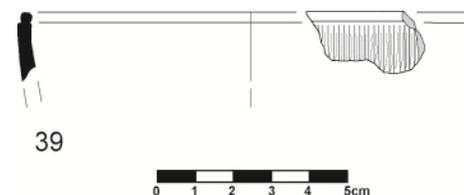
NI: FM60 – recolha de superfície junto ao forno, pequeno fragmento indeterminado. Possivelmente de *sigillata* Hispânica (séc. I a IV d.C.).

2 (Estampa 16, n.º 39) – NI: TM518.

- Proveniência: Mosteiros, exumada nas escavações no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: pequeno fragmento do bordo. Pasta bem depurada e compacta de tonalidade laranja-rosado, engobe um pouco deteriorado e de tonalidade acastanhada. Possui uma moldura externa bem marcada na parede e no interior faz uma fina linha incisa horizontalmente e ao mesmo nível da moldura externa. Com um

guilhocé exterior logo abaixo do bordo. Possivelmente uma taça hemisférica de origem Sudgálica, Drag. 24/25, cuja cronologia geral se centra entre 14 e 60 d.C.



Estampa 16, n.º 39.

- Dimensões: DB: 122 mm; E: 4 mm

3 (Estampa 16, n.º 40) – NI: 1.2/54 02.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: pequeno fragmento de fundo bastante rolado e de forma indeterminada. A pasta é bem depurada e compacta com uma tonalidade castanho-rosado, o engobe encontra-se deteriorado e é de tom acastanhado. Pela pasta e pelo tipo de pé, com duas caneluras exteriores e duas interiores (idênticas às que se encontram na

sigillata Sudgálica), poderá ser de produção Sudgálica, de um modo geral importada para a Península Ibérica durante o séc. I d.C.

- Dimensões: DF: 140 mm (aproximadamente); E: 6 mm.

4 (Estampa 16, n.º 41) – NI: TM517 e TM517A.

- Proveniência: Mosteiros, exumada nas escavações no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: Tratam-se de dois fragmentos do mesmo vaso, mas que não dão colagem, tendo-se desenhado o fragmento com fundo (TM517). Os dois fragmentos possuem uma dimensão média e nalguns pontos o engobe bem conservado, notando-se que faz efeito de casca de laranja. A pasta é relativamente bem depurada mas de aspecto esponjoso, fazendo alguns alvéolos e toda salpicada de pequenos pontos amarelados, ficando muito irregular nos pontos de fractura. A cor da pasta é de um rosa salmão e o engobe vermelho-alaranjado. Condiz em todos os aspectos com a descrição das características tecnológicas das produções Hispânicas dos ateliers de Tricio (MAYET, 1983, vol. I, p. 66). Através dos contornos que fazem o fundo externo e o pé, concluiu-se que poderá ser uma taça Drag.

27, com um paralelo em Conimbriga cuja cronologia atribuída é séc. II-III d.C. (MAYET, 1975, p. 208, Est. LX: 396).

- Dimensões: DF: 85 mm (aproximadamente); E: 7 mm.

5 (Estampa 16, n.º 42) – NI: FM12.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de dimensão média, bastante rolado e com o engobe que faz efeito de casca de laranja, muito deteriorado no interior. A pasta tem as mesmas características do n.º 4, mas com uma cor um pouco mais clara e o engobe mais acastanhado. Deverá ser também de produção Hispânica dos ateliers de Tricio. Este fragmento foi classificado pela Dra. Luisa Ferrer Dias como sendo um prato de forma Drag. 15/17, apresentando “*parede obliqua, rectilínea, canelura no exterior da junção parede-fundo a que corresponde no interior uma meia cana pouco saliente; pé baixo de secção triangular.*” (Processo do Forno Romano dos Mosteiros, Secção de Arqueologia), o que coincide com o que a Dra. Catarina Viegas propôs numa rápida análise. Os paralelos encontrados confirmam ser a forma Drag. 15/17, nomeadamente em exemplares da necrópole de Santo André

(VIEGAS & NOLEN & DIAS, 1981, Est. II, B5.3) e em *Les Céramiques Sigillées Hispaniques* (MAYET, 1983, vol. II, Est. LVIII: 31). A cronologia atribuída é séc. I-II d.C.

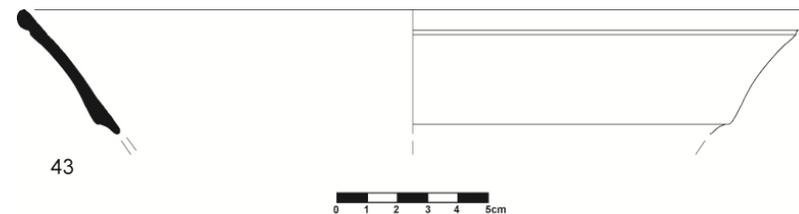
- Dimensões: DF: 79 mm; E: 6 mm.

6 (Estampa 16, n.º 43) – NI: FM13.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de dimensão média, bastante rolado e com o engobe muito danificado. A pasta e o engobe têm as mesmas características dos exemplares n.ºs 4 e 5, com diferenças na cor da pasta, que é um rosa-alaranjado, e da tonalidade do engobe de um acastanhado mais escuro que o n.º 5. Possui um lábio arredondado e uma parede alta, aberta e encurvada para o exterior, com uma linha horizontal incisa a separar bordo-parede e uma canelura na junção parede-fundo na parte exterior. Também este fragmento foi classificado pela Dra. Luisa F. Dias, identificando-o como sendo um prato de forma Drag. 18, mais uma vez coincidindo com a opinião da Dra. Catarina Viegas. Contudo, neste caso não foi encontrado qualquer paralelo nas obras consultadas, sendo a que mais se

aproxima a Drag. 15/17, nomeadamente os exemplares de Conímbriga 222 e 223 (MAYET, 1975, Est. XLVII e Est. XLVIII, respectivamente). Caso seja uma Drag. 18 a cronologia atribuída encontra-se balizada entre meados do séc. I e III d.C. Em sendo uma Drag. 15/17 a cronologia amplia-se aos inícios do séc. IV d.C.



Estampa 16, n.º 43.

- Dimensões: DB: 263mm; E: 4 mm.

7 (Estampa 16, n.º 44) – NI: 1.2/54 01.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: pequeno fragmento decorado de forma indeterminada, que se encontra rolado e com o engobe em mau estado. Pasta de cor rosa salmão e engobe castanho-alaranjado, com as características da

sigillata Hispânica de Tricio. A decoração consiste numa incisão larga com duas ligeiras caneluras por baixo e dois círculos concêntricos, o primeiro ondulado. Provavelmente uma decoração de faixas com círculos concêntricos conhecida em taças hemisféricas Drag. 37, como por exemplo a peça 493 de *Les Céramique Sigillées Hispaniques* (MAYET, 1983, vol II, Est. CXVII: 493). A ser esta a sua forma tem uma cronologia situada entre a segunda metade do séc. I a inícios do III d.C.

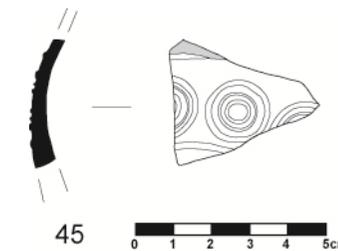
- Dimensões: E: 7 mm.

8 (Estampa 16, n.º 45) – NI: TM516.

- Proveniência: Mosteiros, exumada nas escavações no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: pequeno fragmento decorado de forma indeterminada, encontra-se ligeiramente rolado mas o engobe está em bom estado. Pasta castanho-alaranjado, relativamente bem depurada, toda salpicada de grãos amarelados, e engobe castanho mais liso e brilhante que o dos anteriores fragmentos atribuídos aos ateliers de Tricio. Este vaso tem claramente um tratamento mais cuidado que os

outros exemplares Hispânicos. A decoração visível é de faixas com círculos concêntricos, nomeadamente, uma faixa horizontal formada por três círculos concêntricos delimitada por duas ligeiras caneluras. O primeiro círculo parece ser, à primeira vista, ondulado, no entanto, um olhar mais atento leva a crer que se trata de um mau acabamento devido ao uso excessivo do molde. Poderá também este fragmento pertencer a uma taça hemisférica Drag. 37, todavia a melhor qualidade da pasta e do engobe poderá ser atribuída a uma produção mais antiga, como F. Mayet refere (MAYET, 1983, vol. I, p.66).



Estampa 16, n.º 45.

- Dimensões: E: 3 - 5 mm.

Âforas

A grande profusão de variantes englobadas numa mesma forma e a diversidade de critérios utilizados por vários autores para classificar

as ânforas, levam a que um principiante se encontre em sérias dificuldades para o fazer. Assim, optou-se por procurar os paralelos que melhor se coadunassem com as peças em estudo e classificar as ânforas apenas pelas semelhanças formais. Foi feita uma análise macroscópica das pastas e tiradas as referências Munsell (1994).

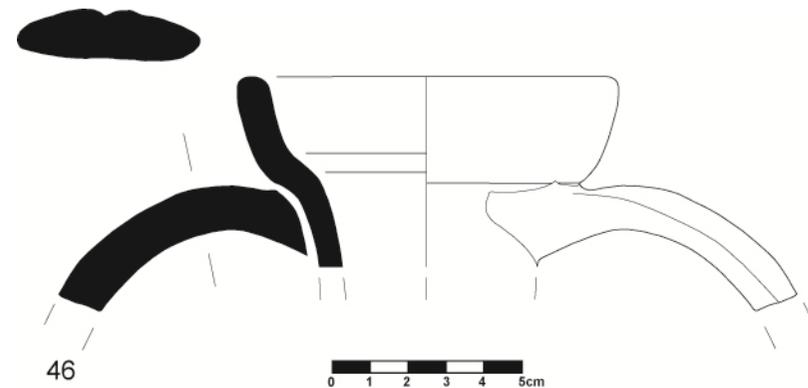
São apenas seis os fragmentos de ânfora, sendo dois deles fragmentos de asa e a sua inclusão neste campo hipotética, pelo que será feita apenas uma descrição sumária destas:

NI: FM15 – escavação no forno; asa de secção rectangular com um sulco longitudinal central no exterior, praticamente inteira; pasta média-compacta, mal calibrada e de distribuição irregular, com afagamento da superfície, de cor bege-rosado (Munsell 7.5YR8/2); tem vestígios de uma aguada laranja claro (Munsell 5YR6/8); EA: 18 mm; LA: 35 mm.

NI: 1.55 29 – prospecção 2003; fragmento de asa de secção oval; pasta média-compacta, mal calibrada e de distribuição irregular, com afagamento da superfície, de cor laranja (Munsell 5YR6/8) sendo o núcleo acinzentado (Munsell 10YR6/2); não tem vestígios de aguada, EA: 22 mm; LA: 42 e 56 mm (nos dois extremos).

9 (Estampa 16, n.º 46) – NI: FM34.

- Procedência: Mato, recolha de superfície junto ao forno.



Estampa 16, n.º 46.

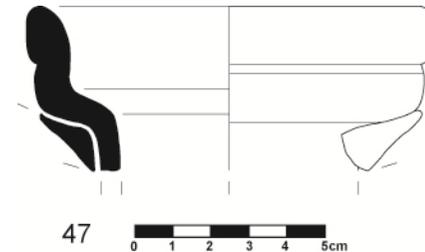
- Descrição: dois fragmentos com colagem que completam a totalidade do bocal e porção de uma das asas. Bordo extrovertido sem inflexão e lábio de secção arredondada, colo estreito e afunilado, asa de fita de secção ovóide (achatada) com incisão longitudinal central no exterior, que arranca sob o bordo. A pasta é compacta e a superfície afagada, com e.n.p. finos, sub-angulosos, bem calibrados e de distribuição regular, predominando o quartzo, micas, feldspato, grog e algum ferro. Possui uma cor bege-alaranjado na superfície e

laranja no interior (Munsell 7.5YR8/6 e 5YR7/6, respectivamente), sendo toda revestida com uma aguada de tom laranja-acastanhado (Munsell 5YR5/6). Encontrou-se um paralelo em Porto dos Cacos, Vale do Tejo (Raposo, J. M. C., 1990, p.150, Fig. 36: 77) classificado como Dressel 30, no entanto, R. Étienne considera uma designação desastrosa e propõe que esta constitua o protótipo da ânfora lusitana do Baixo Império, Almagro 51C, com uma cronologia centrada nos finais do séc. II – inícios do III d.C. (ÉTIENNE, R., 1993, p. 205, Fig. 2: 6). Este fragmento de ânfora foi alvo de análise por Luísa Ferrer Dias, classificando-a como Almagro 51C (processo do Forno Romano dos Mosteiros). Pelo pequeno diâmetro do bocal e do colo deveria servir de contentor para conteúdos líquidos, possivelmente, preparados piscícolas.

- Dimensões: DB: 101 mm; DC: 44 mm; E: 11 mm bordo, 6 mm colo; EA: 12 mm; LA: 48 mm.

10 (Estampa 16, n.º47) – NI: FM27.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.



Estampa 16, n.º 47.

- Descrição: fragmento de bocal com arranque de asa de fita sob o bordo. Bordo extrovertido sem inflexão com moldura central no exterior, colo vertical e estreito, lábio de secção arredondada. A pasta é média-compacta de aspecto esponjoso e a superfície afagada, com e.n.p. muito finos, sub-angulosos, bem calibrados e de distribuição regular, predominando o quartzo, micas e grog. A cor é bege-rosado na superfície e bege-acinzentado no núcleo (Munsell 7.5YR8/3 e 10YR7/3, respectivamente), apresentando vestígios de uma aguada castanho-alaranjado (Munsell 5YR5/8). Foi classificada por Luísa F. Dias como Almagro 50 (processo do Forno Romano dos Mosteiros), o que discordo, propondo a forma Almagro 51C com paralelo na ânfora que R. Étienne (1993, p. 206 e Fig. 2: 7) considera possuir um bordo ainda muito próximo do protótipo anteriormente descrito, produzida

em meados do séc. III d.C., provavelmente para transporte de preparados piscícolas.

- Dimensões: DB: 108 mm; DC: 68 mm; E: 11 mm bordo, 6 mm colo.

11 (Estampa 16, n.º 48) – NI: 1.2/54 12.

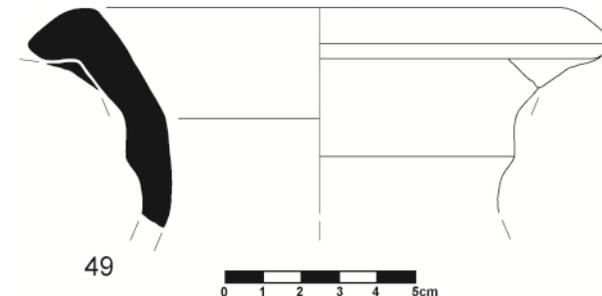
- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: pequeno fragmento do bordo. Bordo extrovertido com inflexão sem ressaltado e lábio de secção triangular. A pasta é média e esponjosa e a superfície toscamente afagada, com e.n.p. finos, sub-rolados, bem calibrados e de distribuição regular, predominando o quartzo, micas, grog e ferro. A superfície externa tem um tom laranja-amarelado e o núcleo e superfície interna laranja (Munsell 7.5YR7/6 e 5YR6/8, respectivamente), parecendo ter no interior uma aguada de boa qualidade (Munsell 5YR6/8). Parece ser uma ânfora Lusitana de forma Almago 51C, com paralelo em Setúbal na Quinta da Alegria (COELHO-SOARES & SILVA, 1979, Est. V: 44). A cronologia para a produção desta forma situa-se entre o séc. III – V d.C., devendo servir para transporte de preparados piscícolas.

- Dimensões: DB: 138 mm; E: 10 mm no início do colo.

12 (Estampa 16, n.º49) – NI: 1.2/54 04.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.



Estampa 16, n.º 49.

- Descrição: fragmento de bordo com vestígios de espatulamento do arranque de duas asas partindo do lábio. Bordo extrovertido com inflexão sem ressaltado, colo quase inexistente com uma canelura no exterior e lábio de secção triangular. A pasta é média-compacta com a superfície bem afagada, sendo os e.n.p. finos, sub-rolados, bem

calibrados e de distribuição regular, predominando o quartzo, micas, grog e ferro. A superfície é cor-de-laranja e o núcleo bege-acinzentado (Munsell 5YR6/8 e 10YR7/3, respectivamente), com uma aguada num tom laranja-amarelado que se verifica ser mais forte e escura no interior a partir do colo (Munsell, 7.5YR7/6). Os paralelos encontrados em Setúbal (COELHO-SOARES & SILVA, 1978, Est. VI: 45) e no estudo de R. Étienne (1993, Fig. 1: 2), levam a sugerir ser de uma Almagro 50 de produção Lusitana, entre meados do séc. III a inícios do V d.C., forma que é associada ao transporte de preparados piscícolas. Contudo, segundo informação prestada pela Dra. Patrícia Bargão, trata-se de uma Beltran II B, com cronologia balizada entre finais do séc. I d.C. até séc. III d.C., sendo o grosso da produção do séc. II d.C.

- Dimensões: DB: 155 mm; DC: 103 mm; E: 24 mm bordo, 7 mm parede.

Lucernas

As lucernas encontradas nos Mosteiros são num total de sete, cinco delas completas, mas quatro destas pertencem a particulares e apenas puderam ser fotografadas, medidas e efectuada uma rápida

análise macroscópica das pastas (Estampa 17, n.º 53; Estampa 18, n.º 54, 55 e 56). As cinco lucernas intactas deverão ser de produção local ou regional, sendo a n.º 56 a mais bem acabada e com marca de oleiro no círculo da base. As decorações são de má qualidade, mais parecendo que foram feitas em moldes muito desgastados pelo uso, possivelmente adquiridos por um oleiro local ou regional. Na cidade de *Ammaia* encontraram-se também lucernas decoradas com motivos quase incompreensíveis, o que leva a colocar a hipótese de terem sido adquiridos vários moldes usados, explicando o mau acabamento das lucernas.

13 (Estampa 17, n.º 51) – NI: FM28.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: asa perfurada, tipo Ponsich 7, arredondada e elevada sobre o corpo da lucerna (PONSICH, M., 1961, p. 43), com uma decoração tosca na superfície superior – sulco longitudinal com traços oblíquos dos lados, formando uma espécie de espinha. O círculo do disco sai um pouco dentro da asa e aparenta ter um furo junto à extremidade interna da asa. Os acabamentos são maus e a pasta é média-compacta de aspecto esponjoso e dureza média, de

cor bege-rosado (Munsell 5YR8/3), sem sinais de engobe. Os e.n.p. são finos, sub-rolados e pouco frequentes, com distribuição irregular, predominando o quartzo, grog, ferro e xisto. Cronologia provável, séc. II - III d.C.

- Dimensões: espessura da asa: 15 mm; comprimento: 36 mm; orifício: 13 mm.

14 (Estampa 17, n.º 50) – NI: FM36.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento do tampo com parte do bico e parede, com vestígios de queimado. Orla decorada com cachos de uvas e folhas de parra (com maus acabamentos), corpo circular e perfil troncocónico, com bico em forma de coração, separado da orla por dois traços curvilíneos. Nota-se um orifício no disco junto à linha que separa este da orla e um traço que poderia fazer parte de uma decoração. Pasta compacta e dura de tonalidade bege-alaranjado (Munsell 7.5YR7/6), sem vestígios de engobe. E.n.p. raros e muito finos, nomeadamente, micas e caulino, com distribuição regular. Parece tratar-se de uma Dressel-Lamboglia 30A (MORILLO

CERDÁN, 1999, p. 122-124), com uma cronologia na Península Ibérica entre meados do séc. III e IV d.C. Segundo a classificação de J. Bussière é uma lucerna de bico redondo e orla decorada, com uma cronologia de cerca de 225-250/275 d.C. (BUSSIÈRE, 2000, p. 30-31, Fig. 10: DX5a).

- Dimensões: do fragmento – comprimento: 58 mm; largura: 50 mm; largura da orla: 12 mm; espessura do tampo: 3-5 mm; espessura da parede: 2-5 mm. Inteira (aproximadas) – largura total: 85 mm; do disco: 63 mm; orifício do disco: 6 mm; orifício do bico: 11 mm.

15 (Estampa 17, n.º 52) – NI: MOS1.

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cinerária.



Estampa 17, n.º 52.

- Descrição: intacta, com vestígios de queimado no bico, aparentemente pouco usada. Provavelmente modelada à mão. Não possui decoração nem engobe e o aspecto é tosco e irregular. Corpo circular e perfil troncocónico, com orla convexa, descaída para o exterior e alargando no sentido da asa. O disco é côncavo, com orifício central, separado da orla por uma canelura que arranca da asa e sem separação do bico, que é arredondado, ficando com um aspecto ovalado. Asa arredondada mas com perfil externo quase vertical, perfurada e elevada sobre o corpo, de aspecto maciço. A base é irregular, ligeiramente convexa. A pasta é médio-

compacta, pouco dura, de cor laranja-amarelado na superfície e laranja no núcleo (Munsell 7.5YR7/6 e 2.5YR7/8, respectivamente), com poucos e.n.p., finos e médios, sub-rolados e de distribuição irregular, nomeadamente, quartzo (leitoso e hialino), micas e grog. A forma parece inspirada na lucerna 19 do catálogo (Fig. 24, n.º 56). Os paralelos para esta lucerna, enquadram-se na forma Derivado de Disco de Morillo Cerdán (1999, p. 124, Fig. 134). O autor indica estas lucernas como sendo modelos de inspiração nas variante mais tardias das Dressel 30 e Dressel 28, com uma cronologia de finais do séc. III a inícios do IV d.C. Poderá tratar-se de uma lucerna de inspiração na forma Dressel-Lamboglia 30B e Deneauve XI A (Deneauve, J., 1969, p. 220, Est. CI: 1105), cuja cronologia atribuída é, igualmente, de finais do séc. III d.C. a inícios do IV d.C. As semelhanças formais com o tipo VIII de Loeschcke também são bastantes, nomeadamente com o exemplar de origem hispânica Q1671 do British Museum (Bailey, D.M., 1988, p. 176, Est. 12: Q1671), sendo a cronologia deste tipo balizada entre meados do séc. II d.C. e meados do séc. III d.C., nalguns casos talvez mais tardia.

- Dimensões: comprimento total: 77 mm; largura: 57 mm; largura da orla: 8-20 mm; diâmetro do disco: 32 mm; orifício do disco: 9 mm; largura do bico: 22 mm; orifício do bico: 11 mm; altura da linha mediana de rebordo: 31 mm; altura do centro do disco: 26 mm; altura da asa: 47 mm; espessura da asa: 19 mm base, 11 mm topo; orifício da asa: 5 mm; diâmetro da base: 27 mm.

16 (Estampa 17, n.º 53) – propriedade do Sr. Luís Pires (Póvoa e Meadas).

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cinerária.



Estampa 17, n.º 53.

- Descrição: intacta, com vestígios de queimado no bico, que sugerem ter sido pouco usada. O disco é decorado com um grande rosto no centro, visto de frente, e em redor deste vêem-se traços que parecem representar cabelo ou raios solares, não se percebendo concretamente o que é (possivelmente o rosto da Medusa Górgonas, frequentemente representado no disco de lucernas). O disco é ligeiramente convexo sobressaindo dele os motivos decorativos e separado da orla por traços quase imperceptíveis, que arrancam da asa e contornam o orifício do bico. O orifício do disco está descentrado, para a esquerda, de modo a não perfurar o rosto. Corpo circular e perfil troncocónico. A asa eleva-se sobre o corpo, não é perfurada e é de perfil quadrangular, possuindo uma cavidade na continuação da asa para o lado interior, na base desta e a coroar o rosto. Os acabamentos são toscos e a superfície é irregular e esponjosa, sendo o círculo da base bem definido e plano, mas muito irregular, fazendo várias linhas que se cruzam. Não tem vestígios de engobe. A pasta é de tonalidade bege-rosado, com poucos e.n.p., muito finos-finos, sub-angulares e de distribuição regular, nomeadamente, quartzo, xisto, grog e ferro. A forma assemelha-se muito às lucernas de tipo Dressel-Lamboglia 30B e Deneauve XI A (DENEAUVE, 1969, p. 220, Pl. CI: 1105), com cronologia de finais do

séc. III d.C. a inícios do IV d.C., sendo idênticas as semelhanças formais com o exemplar tipo Loeschcke VIII acima referido.

- Dimensões: comprimento total: 89 mm; largura: 63 mm; largura da orla: 13 mm; diâmetro do disco: 45 mm; orifício do disco: 8,5 mm; comprimento do tampo: 63 mm; orifício do bico: 11 mm; altura da linha mediana de rebordo: 26 mm; altura do centro do disco: 28 mm; altura da asa: 40 mm; espessura da asa: 17 mm base, 10 mm topo; diâmetro da base: 34 mm.

17 (Estampa 18, n.º 54) - propriedade do Sr. Luís Pires (Póvoa e Meadas).

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cineraria.

- Descrição: intacta, com alguns vestígios de queimado no bico, que é de dois orifícios, pouco usada. Tem uma forma peculiar, tendo sido feita sem dúvida com o mesmo molde da n.º 18 do catálogo. A decoração encontra-se na orla, que é convexa e a descair para o exterior, fazendo estrias oblíquas em redor do disco, uma espécie de raiado. O disco é separado da orla por uma canelura ovalada que parte da asa, é côncavo e com orifício central. O corpo é circular e o

perfil troncocónico, mas o facto de ter dois furos no bico sem qualquer curvatura a separá-los, dá-lhe um aspecto rectangular. Os acabamentos são pouco cuidados e a superfície muito irregular e



Estampa 18, n.º 54.

esponjosa, com uma base toscamente aplanada. A asa é arredondada, mas com o perfil externo pouco curvado até à altura da orla, perfurada e elevada sobre o corpo, de aspecto maciço. Não tem vestígios de engobe. A pasta é cor-de-laranja, com e.n.p. em média quantidade, muito finos-finos, sub-angulares e de distribuição regular, destacando-se o quartzo, xisto, grog e ferro. Não foram encontrados paralelos para esta forma, podendo ser uma forma característica de

um oleiro local, inspirada nas lucernas de dois furos. Encontram-se semelhanças nas lucernas 2025 de Judith Perlzweig (1961, p. 158, Est. 33: 2025) e 7158 de J. Bussièrre (2000, p. 402, Fig. 14: 7158), em ambos os casos com uma cronologia balizada entre o séc. IV e V d.C.

- Dimensões: comprimento total: 89 mm; largura: 67 mm; largura da orla: 17 mm; largura do disco: 32 mm; comprimento do disco: 37 mm; orifício do disco: 8,5 mm; largura do bico: 52 mm; orifícios do bico: 14 mm; altura da linha mediana de rebordo: 37 mm; altura do centro do disco: 32 mm; altura da asa: 44 mm; espessura da asa: 23 mm base, 7 mm topo; orifício da asa: 2 mm.

18 (Estampa 18, n.º 55) - propriedade da Sra. Palmira Simão (Ponte de Sôr).

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cinerária.

- Descrição: intacta, sem qualquer sinal de uso, bico com dois orifícios. A decoração e as características da forma são as mesmas da n.º 17 do catálogo. A diferenciá-las existem alguns pormenores: a asa não é perfurada, possuindo apenas uma cavidade de cada lado; toda a parte superior se encontra deslocada para a esquerda, o que

sugere que foi mal sobreposta, procurando-se corrigir o erro manualmente, notando-se todo o espatulamento para colar as duas partes. A cor é de um laranja-avermelhado, sendo a superfície mais lisa que a anterior, parecendo o alisamento obtido com uma aguada da mesma cor da pasta. Nos e.n.p. predominam o quartzo, xisto, micas e caulino, mas a aguada não os permite identificar correctamente. Paralelos e cronologia iguais à anterior.



Estampa 18, n.º 55, base.

- Dimensões: comprimento total: 91 mm; largura: 71 mm; largura da orla: 19 mm; largura do disco: 32 mm; comprimento do disco: 38 mm;

orifício do disco: 7 mm; largura do bico: 59 mm; orifícios do bico: 13 mm; altura da linha mediana de rebordo: 39 mm; altura do centro do disco: 34 mm; altura da asa: 45 mm; espessura da asa: 19 mm base, 10 mm topo; cavidade na asa: 5 mm.

19 (Estampa 18, n.º 56) - propriedade da Sra. Palmira Simão (Ponte de Sôr).

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cinerária.

- Descrição: intacta, sem qualquer vestígio de uso, sem decoração e sem engobe, com marca de oleiro na base – uma palma com três folhas. É possível que esta lucerna tenha servido de protótipo para a produção da n.º 15 do catálogo. Provavelmente modelada à mão. Os acabamentos são toscos e a superfície irregular, mas um pouco melhores que as restantes encontradas na urna. Corpo circular e perfil troncocónico, com orla convexa, descaída para o exterior, fazendo uma espécie de canelura em seu redor e contornando o bico. O disco é côncavo com orifício central e separado da orla por um círculo inciso com arranque da asa. O bico é arredondado e sem separação da orla, ficando a lucerna com um aspecto ovalado. Asa arredondada com o perfil externo quase vertical até à altura da orla,

perfurada e elevada sobre o corpo, de aspecto maciço. A base é bem delimitada e plana, mas com irregularidades que não permitem que assente bem. A pasta tem uma cor bege-amarelado, possui abundantes e.n.p. de grão muito fino-fino, sub-rolado e de



Estampa 18, n.º 56, marca de oleiro na base.

distribuição regular, nomeadamente, quartzo, micas, feldspato, grog, caulino e areias. Em termos de paralelos aplicam-se os mesmos das lucernas n.º 15 e n.º 16 do catálogo. No entanto, será de referir a grande semelhança deste exemplar com o exemplar n.º 436 da Agora

de Atenas (Perlzweig, J., 1961, p. 107, Est. 14: 436) com uma cronologia de meados a final do séc. II d.C., o que tendo em conta o tempo que o protótipo demoraria a chegar à Hispania Ocidental, aponta mais uma vez para meados do séc. III d.C.

- Dimensões: comprimento total: 79 mm; largura: 54 mm; largura da orla: 13 mm; diâmetro do disco: 28 mm; orifício do disco: 9,5 mm; comprimento do tampo: 56 mm; orifício do bico: 13 mm; altura da linha mediana de rebordo: 29 mm; altura do centro do disco: 24 mm; altura da asa: 47 mm; espessura da asa: 14 mm base, 12 mm topo; orifício da asa: 8 mm; diâmetro da base: 32 mm.

Cerâmica comum

A cerâmica comum dos Mosteiros foi alvo de um trabalho prático no âmbito da cadeira de Materiais Arqueológicos I, leccionada pela Doutora. Catarina Viegas, que englobava cerâmicas de diversos sítios de ocupação romana (André Pereira & Mário Monteiro, 2003 – Cerâmica Comum Romana no Concelho de Castelo de Vide. Estudo preliminar, publicado neste número da Açafa). Assim, os materiais

apenas serão descritos, sumariamente, na sua aparência exterior, enquadramento tipológico e cronologias.

Os fragmentos de cerâmica comum são de 59 recipientes diferentes, 35 dos quais foram desenhados. Os restantes 24 não permitem obter forma, pelo que apenas foram analisadas as pastas e modos de fabrico, não sendo aqui incluídos. É de referir que 54% (32 vasos) das cerâmicas são de cozedura mista e 32% (19 vasos) oxidante, as restantes 13% (8 vasos) são redutoras. As dimensões e mau estado da maioria das cerâmicas, conjuntamente com a inexistência de estudos sobre materiais e ocupação romana para esta região do Alto Alentejo, não permitem avançar com qualquer tipo de conclusão, ainda para mais quando o acervo em questão tem poucas peças, com os mais variados acabamentos e, certamente, proveniências.

Vários foram os estudos de cerâmica comum consultados, porém, apenas em S. Cucufate e Conimbriga se encontraram paralelos para as cerâmicas dos Mosteiros. Todos os vasos (excepto cinco) foram classificados segundo os critérios de Inês V. Pinto (PINTO, 1999), pelo que a descrição formal e tipológica são uma transcrição das efectuadas pela autora.

TIGELAS

III - A-1 - Tigela hemisférica com o bordo simples ou levemente espessado, arredondado ou aplanado (PINTO, 1999, p. 263). Em S. Cucufate ocorrem principalmente da segunda metade do séc. I d.C. ao segundo terço do séc. II d.C.

20 (Estampa 19, n.º57) – NI: 1.2/54 05.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido sem inflexão, com lábio arredondado. Cozedura redutora, superfície porosa de cor cinzento escuro (Munsell 10YR3/1).

- Dimensões: DB: 178 mm; E: 8 mm.

21 (Estampa 19, n.º 58) – NI: 1.2/54 06.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido sem inflexão, com lábio arredondado e bordo ligeiramente espessado para o interior. Cozedura oxidante, superfície afagada de cor laranja, com uma aguada da mesma cor (Munsell 7.5YR7/6).

- Dimensões: DB: 160 mm; E: 6 mm.

III-A-2 - Tigela com a parede aberta e recta, e o bordo simples, por vezes levemente espessado. (PINTO, 1999, p. 270). Forma de longa duração em S. Cucufate onde surge da segunda metade do século I d.C. a meados do século V d.C.

22 (Estampa 19, n.º 59) – NI: 1.55 30.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospeção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido sem inflexão, com lábio arredondado e bordo ligeiramente espessado no interior. Cozedura oxidante, superfície porosa de cor laranja, com uma aguada da mesma cor (Munsell 5YR7/8).

- Dimensões: DB: 227 mm; E: 6 mm.

III-C-4 - Tigela com a parede contracurvada, a parte inferior angulada e a parte superior voltada para fora (PINTO, 1999, p. 305).

Em S. Cucufate está presente maioritariamente por volta de meados do século V d.C., havendo também, embora em menor número, de meados do século II até meados do século IV d.C.

23 (Estampa 19, n.º 60) – NI: 1.2/54 08.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão sem ressalto, com lábio de perfil arredondado e bordo ligeiramente espessado. Cozedura mista, superfície afagada de cor acastanhada e núcleo preto (Munsell 7.5YR5/4 e 7.5YR2.5/1, respectivamente).

- Dimensões: DB: 178 mm; E: 6 mm.

24 (Estampa 19, n.º 61) – NI: 1.2/54 13.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão sem ressalto, com lábio de perfil triangular. Cozedura mista, superfície afagada de cor laranja e núcleo laranja mais claro (Munsell 5YR5/8 e 5YR6/8, respectivamente).

- Dimensões: DB: 173 mm; E: 9 mm.

ALGUIDARES

V-A-1 - Alguidar com bordo em aba amendoada ou oblíqua reentrante, parede recta ou arqueada pouco evasada, recipiente com forma circular, oval ou elíptica, sempre com fundo circular (PINTO, 1999, p. 339). Em S. Cucufate esta é uma forma de longa duração, estando presente desde a segunda metade do século I d.C. a meados do século V d.C. Contudo, abunda no segundo terço do século II d.C.

25 (Estampa 19, n.º 62) – NI: 1.55 26.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, com aba quase horizontal, lábio interno de perfil triangular e externo de perfil arredondado. Cozedura mista, superfície afagada mas rugosa de cor rosada e núcleo cinzento rosado (Munsell 2.5YR6/6 e 2.5YR7/1, respectivamente).

- Dimensões: DB: 330 mm; E: 10 mm.

TERRINAS

VI-B-2 - Terrina de bordo boleado levemente reentrante e bocal largo (PINTO, 1999, p. 368). Dos quatro exemplares identificados em S. Cucufate dois pertencem a cronologias que se balizam entre a segunda metade do século I d.C. e o primeiro terço do século II d.C., os restantes não são referidos.

26 (Estampa 19, n.º 63) – NI: 1.55 21.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, introvertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil arredondado. Cozedura oxidante, superfície afagada de cor bege (Munsell 10YR8/3).

- Dimensões: DB: 330 mm; E: 9 mm.

VI-B-fr 2 - Terrina de bordo voltado para o interior, forma rara (PINTO, 1999, p. 369). Não é apontada qualquer cronologia.

27 (Estampa 19, n.º 64) – NI: FM20.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de bordo amendoado, introvertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil arredondado. Cozedura mista, superfície afagada, cinzento escuro no exterior (sinais de queimado), com aguada bege-alaranjado no interior e pasta bege-rosado (Munsell 10YR4/1, 5YR6/6 e 7.5YR7/3, respectivamente).

- Dimensões: DB: 233 mm; E: 5 mm.

PANELAS

VIII-B-5-a - Painha de bordo formando pequena aba oblíqua voltada para fora, garganta curta e pança geralmente ovóide, por vezes com asas (PINTO, 1999, p. 435). Na *villa* de S. Cucufate apesar de surgir em todos os horizontes cronológicos, à excepção do segundo terço do século II d.C., vai sendo cada vez mais abundante, atingindo o expoente máximo em meados do século V d.C.

28 (Estampa 19, n.º 65) – NI: FM19.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão com ressalto, lábio de perfil triangular. Cozedura mista, superfície afagada, com vestígios de queimado, bege-rosado (Munsell 7.5YR7/2).

- Dimensões: DB: 164 mm; E: 7 mm.

POTES

IX-A-fr 6 - Pote de bordo voltado para o exterior, forma rara (PINTO, 1999, p. 466). Para o único exemplar que surgiu em S. Cucufate não há qualquer cronologia apontada.

29 (Estampa 19, n.º 66) – NI: 1.55 33.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil arredondado. Cozedura mista, superfície afagada, pasta de cor e bege e aguada na superfície interna de cor idêntica à da pasta (Munsell 10YR8/2 e 10YR8/4, respectivamente).

- Dimensões: DB: 140 mm; E: 4 mm.

POTINHOS

X-A-3-a - Potinho de bordo oblíquo amendoado ou espessado, por vezes alongado, e pança esférica ou ovóide (PINTO, 1999, p. 483). Cronologias que em S. Cucufate vão da segunda metade do século I

d.C até meados do século IV d.C., abundando no segundo terço do século II d.C.

30 (Estampa 19, n.º 67) – NI: FM22.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil aplanado. Com caneluras horizontais logo abaixo do colo. Cozedura mista, superfície porosa, pasta de cor bege-acinzentado (Munsell 10YR7/2).

- Dimensões: DB: 150; E: 4 mm.

X-A-4 - Potinho de bordo em pequena aba levemente oblíqua ou horizontal, pança larga e, por vezes, asas verticais (PINTO, 1999, p. 487). Os poucos exemplares datados de S. Cucufate aparecem do segundo terço do século II d.C. até meados do século V d.C.

31 (Estampa 19, n.º 68) – NI: FM16.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de bordo, extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil arredondado. Asas de fita com caneluras longitudinais, arrancando do lábio. Cozedura mista, superfície afagada de cor bege-rosado e núcleo laranja-rosado, com aguada alaranjada (Munsell 7.5YR8/4, 5YR7/6 e 7.5YR6/6, respectivamente).

- Dimensões: DB: 100; E: 3 mm; LA: 25 mm; EA: 6 mm.

32 (Estampa 19, n.º 69) – NI: MOS3.

- Proveniência: Tapada das Vacas, encontrado nas terras retiradas da cova da urna.

- Descrição: fragmento de bordo horizontal, extrovertido com inflexão com ressalto, lábio de perfil aplanado. Cozedura redutora, superfície afagada mas porosa de cor cinzento-escuro e núcleo cinzento esverdeado (Munsell 1F.G.4 e 1F.G.5/1, respectivamente).

- Dimensões: DB: 100; E: 4 mm.

TALHAS

XIII-A-1-a - Talha de bordo horizontal amendoado ou arredondado levantado em relação à pança esférica, e com pequenas asas verticais (PINTO, 1999: 546). Forma característica em S. Cucufate por todo o período de ocupação da *villa*, mas decrescendo um pouco a partir de meados do século IV d.C.

33 (Estampa 19, n.º 70) – NI: 1.55 20.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo introvertido sem inflexão, lábio de perfil arredondado. Apresenta sinais de desgaste no topo do bordo, certamente devidos a uma tampa. Logo abaixo do bordo possui uma marca incisa pré-cozedura, infelizmente incompleta. Cozedura mista, superfície porosa de cor laranja-acastanhado e núcleo castanho claro acinzentado (Munsell 5YR6/6 e 10YR6/2, respectivamente).

- Dimensões: DB: 426 mm; E: 22 mm.

FUNDOS

F-3 - Fundo estreito, raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar, e o interior geralmente bastante liso, de formas abertas (PINTO, 1999, p. 583). Em S. Cucufate este tipo de fundos predomina da segunda metade do século I d.C. ao primeiro terço do século II d.C.

34 (Estampa 20, n.º 71) – NI: FM23.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de fundo, com pé em coroa e base ligeiramente concava. Cozedura oxidante, superfície afagada, mais grosseira no exterior e pasta de tonalidade bege-rosado, com aguada cor-de-laranja na superfície externa (Munsell 7.5YR8/4 e 5YR6/8, respectivamente).

- Dimensões: DF: 95 mm; E: 5-12 mm.

F-13 - Fundo raso e simples de formas fechadas, em particular tachos e panelas (PINTO, 1999, p. 592) – este tipo de fundos também se aplica a potes, jarros e bilhas. Em S. Cucufate este é um tipo de

fundo de longa duração, mas com maior abundância de meados do século II d.C. a meados do século IV d.C.

35 (Estampa 20, n.º 72) – NI: FM30.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de fundo contínuo raso. Cozedura oxidante, superfície rugosa grosseira, com vestígios de queimado no exterior, pasta de cor bege (Munsell 10YR8/2).

- Dimensões: DF: 104 mm; E: 12 mm.

36 (Estampa 20, n.º 73) – NI: 1.55 24.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de fundo raso delimitado por uma canelura. Cozedura mista, superfície porosa grosseira de cor cinzento-escuro e núcleo bege de tonalidade idêntica à aguada que reveste toda a superfície (Munsell 1F.G.3 e 10YR8/2, respectivamente).

-Dimensões: DF: 113 mm; E: 7 mm.

37 (Estampa 20, n.º 74) – NI: FM18.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: dois fragmentos de fundo, com colagem, fundo com pé em coroa ligeiramente côncavo. Cozedura oxidante, superfície porosa grosseira e bem afagada na parede exterior, pasta de cor rosada (Munsell 2.5YR8/3).

- Dimensões: DF: 100 mm; E: 13 mm.

38 (Estampa 20, n.º 75) – NI: 1.55 32.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de fundo raso. Cozedura mista, superfície afagada, com pasta de cor bege no interior e bege-rosado no exterior (Munsell 10YR8/2 e 7.5YR8/3, respectivamente).

- Dimensões: DF: 113 mm; E: 8 mm.

39 (Estampa 20, n.º 76) – NI: FM25.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de fundo, ligeiramente côncavo. Cozedura mista, superfície afagada, com pasta cor-de-laranja no exterior e bege-rosado no interior e núcleo, com uma aguada laranja em toda a superfície (Munsell 7.5YR7/6, 7.5YR8/4 e 5YR6/8, respectivamente).

- Dimensões: DF: 100 mm; E: 8 mm.

40 (Estampa 20, n.º 77) – NI: FM35.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: três fragmentos de fundo, com colagem, fundo ligeiramente côncavo, com vestígios de queimado no exterior. Cozedura mista, superfície porosa grosseira. Pasta de cor bege e nalguns sítios bege-acinzentado (Munsell 10YR8/4 e 10YR6/2, respectivamente).

- Dimensões: DF: 108 mm; E: 9 mm.

41 (Estampa 20, n.º 78) – NI: FM32.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de fundo, ligeiramente côncavo, com vestígios de queimado no exterior. Cozedura oxidante, superfície afagada, grosseira com aguada bege no exterior da mesma tonalidade da pasta (Munsell 10YR8/4).

- Dimensões: DF: 100 mm; E: 7-12 mm.

F-17 - Fundo raso ou levemente côncavo, com pequeno pé ou rebordo formando uma base anelar, de potinho (PINTO, 1999, p. 600-601). Presentes em todos os horizontes cronológicos de S. Cucufate, abundam mais no Alto Império, da segunda metade do século I d.C. ao segundo terço do século II d.C.

42 (Estampa 20, n.º 79) – NI: FM48.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície junto ao forno.

- Descrição: fragmento de fundo, pé em coroa, base rasa. Cozedura mista, superfície bem afagada. Pasta de cor laranja-acastanhado na

superfície e castanho claro no núcleo (Munsell 5YR6/6 e 7.5YR6/4, respectivamente).

- Dimensões: DF: 28 mm; E: 4 mm.

43 (Estampa 20, n.º 80) – NI: FM50.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície junto ao forno.

- Descrição: fragmento de fundo, pé extrovertido em coroa, base ligeiramente côncava. Cozedura oxidante, superfície polida no exterior. Pasta de cor laranja-acastanhado (Munsell 5YR5/8).

- Dimensões: DF: 43 mm; E: 7 mm.

F-18 - Fundo raso e simples de pequena forma fechada (PINTO, 1999, p. 603). Presente em todos os horizontes cronológicos de S. Cucufate, com preponderância para o segundo terço do século II d.C.

44 (Estampa 20, n.º 81) – NI: 1.56 36.

- Proveniência: Mosteiros, recolha de superfície na área do piso P2 na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de fundo, base continua rasa. Cozedura mista, superfície afagada. Pasta de cor laranja-avermelhado na superfície e núcleo bege-alaranjado de tonalidade idêntica à aguada que reveste toda a superfície (Munsell 2.5YR6/8 e 7.5YR7/6, respectivamente).

- Dimensões: DF: 33 mm; E: 10 mm.

45 (Estampa 20, n.º 82) – NI: 1.55 23.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de fundo, base ligeiramente côncava. Cozedura mista, superfície afagada. Pasta de cor laranja na superfície interna e bege-alaranjado na externa, núcleo cinzento-acastanhado (Munsell 5YR6/8, 7.5YR6/6 e 7.5YR4/1, respectivamente).

- Dimensões: DF: 70 mm; E: 11 mm.

46 (Estampa 20, n.º 83) – NI: FM51.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície junto ao forno.

- Descrição: fragmento de fundo, base rasa. Cozedura mista, superfície afagada. Pasta de cor laranja-rosado na parte interna e bege-rosado na externa, aguada interna idêntica à tonalidade da pasta e aguada externa de cor laranja (Munsell 5YR7/6, 7.5YR8/4 e 5YR6/8, respectivamente).

- Dimensões: DF: 111 mm; E: 6 mm.

F-23 - Fundo raso e facetado com a parede vertical, talvez de bilha (PINTO, 1999, p. 606). A sua cronologia na *villa* de S. Cucufate abrange desde a segunda metade do século I d.C. a meados do século IV d.C.

47 (Estampa 20, n.º 84) – NI: FM24.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: dois fragmentos de fundo, com colagem, base continua rasa. Cozedura mista, superfície afagada rugosa. Pasta bege-rosado

nas superfícies mas de tonalidade mais forte no interior, núcleo laranja-rosado (Munsell 7.5YR8/3, 7.5YR8/4 e 2.5YR7/6, respectivamente).

- Dimensões: DF: 120 mm; E: 8 mm.

F-24 - Fundo com rebordo, parede espessa e interior geralmente irregular, de talha (PINTO, 1999, p. 607). Este tipo de fundos tem uma grande duração cronológica na *villa* de S. Cucufate, estendendo-se por toda a ocupação romana do sítio.

48 (Estampa 20, n.º 86) – NI: 1.56 38.

- Proveniência: Mosteiros, recolha de superfície na área do piso P2 na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de fundo, pé em coroa, base continua rasa. Cozedura mista, superfície afagada porosa. Pasta de cor laranja e núcleo da base cinzento-escuro, passando por diversas tonalidades (Munsell 5YR5/8 e 2.5YR5/2, respectivamente).

- Dimensões: DF: 452 mm; E: 32 mm.

F-27 - Fundo com rebordo mais ou menos pronunciado, por vezes com orifício de arejamento na parede, de tampa de talha (PINTO, 1999, p. 611). Sempre presente nos períodos de ocupação da *villa* de S. Cucufate, tem um pequeno decréscimo de meados do século II d.C. a meados do século IV d.C.

49 (Estampa 20, n.º 85) – NI: FM37.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fundo de tampa de talha, com pé em coroa e base continua rasa. Cozedura oxidante, superfície afagada grosseira. Pasta laranja-acastanhado (Munsell 5YR5/6).

- Dimensões: DF: 96 mm; E: 27 mm.

Cerâmica comum sem paralelos ou com paralelos apenas em Conimbriga (Alarcão, J., 1975).

50 (Estampa 21, n.º 87) – NI: 1.2/54 11.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo com asa de fita arrancando do lábio. Bordo extrovertido com inflexão sem ressalto, lábio de perfil arredondado, possivelmente de pote. Cozedura oxidante, superfície afagada, pasta bege (Munsell 10YR7/4). Ainda que de maiores dimensões tem muitas semelhanças com uma “marmita” de Conimbriga (ALARCÃO, 1975, p.123, Est. LVIII: 1015A). Não é referida a cronologia.

-Dimensões: DB: 192 mm; E: 6 mm.

51 (Estampa 21, n.º 88) – NI: 1.55 28.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área do forno na prospecção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo espessado, introvertido com inflexão com ressalto, lábio de perfil triangular, possivelmente de pote. Cozedura redutora, superfície afagada rugosa, pasta cinzento-escuro (Munsell 10YR3/1). Sem paralelos.

- Dimensões: DF: 201 mm; E: 6 mm.

52 (Estampa 21, n.º 89) – NI: 1.2/54 07.

- Proveniência: Mato, recolha de superfície na área da *villa* na prospeção de 2003.

- Descrição: fragmento de bordo ligeiramente espessado para o interior, introvertido com inflexão sem ressaltado, lábio de perfil arredondado, possivelmente uma tigela de corpo ovalado. Cozedura oxidante, superfície afagada, pasta bege-rosado com uma aguada laranja-acastanhado em toda a superfície (Munsell 7.5YR8/3 e 5YR6/6, respectivamente). Tem semelhanças com o prato 164, de cerâmica fina acinzentada, de Conimbriga, cuja cronologia abrange desde o período pré-augustano ao séc. II d.C. (ALARCÃO, 1975, p.61, Est. IX: 164).

- Dimensões: DF: 288 mm; E: 7 mm.

53 (Estampa 21, n.º 90) – NI: FM11.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: fragmento de bordo em aba ligeiramente elevada, introvertido, com lábio externo de perfil triangular e lábio interno de perfil arredondado, possivelmente um alquidar ou mesmo um almofariz.

Cozedura oxidante, superfície afagada rugosa, pasta bege-rosado com uma aguada laranja-acastanhado em toda a superfície (Munsell 7.5YR8/4 e 5YR6/8, respectivamente). A nível do bordo tem semelhanças com o pote 81D de Conimbriga, cuja cronologia se baliza entre meados do séc. I d.C. a inícios do II d.C. (ALARCÃO, 1975, p.80, Est. V: 81D).

- Dimensões: DF: 316 mm; E: 8 mm.

54 (Estampa 21, n.º 91) – NI: FM26; FM40.

- Proveniência: Mato, exumada nas escavações do forno.

- Descrição: FM26 três fragmentos com colagem; FM40 oito fragmentos com colagem. Pertencem ao mesmo vaso mas não têm colagem entre si. As duas partes apenas possuem parte do bojo e as duas asas inteiras. Asas em fita com ligeiras caneluras, com arranque abaixo do bordo e terminando sobre a pança ovóide. Cozedura mista, superfície rugosa, com pasta de cor bege-alaranjado no exterior e laranja-avermelhado no interior (Munsell 7.5YR8/6 e 2.5YR6/8, respectivamente). Muito semelhante ao “pichel” 832 de Conimbriga,

datado do período suevo-visigótico. (ALARCÃO, 1975, p.109, Est. XLIII: 832).

- Dimensões: diâmetro da pança: 218 mm; E: 5 mm; LA: 53 mm; EA: 10-15 mm.

Pesos de Tear em Cerâmica

Todos os pesos de tear encontrados nos Mosteiros têm a mesma forma, são de um furo e a pasta tem as mesmas características de produção. Encontram-se no depósito da Secção de Arqueologia doze pesos exumados na escavação do forno, contudo existem outros idênticos recolhidos por Maria da Conceição Rodrigues e na colecção particular do Dr. José Martins Barata (Póvoa e Meadas). Na última deslocação ao campo tivemos a oportunidade de recolher mais um. Assim, é significativo o número de pesos encontrados no sítio, indiciando a sua provável produção no forno dos Mosteiros.

A forma é comum, e frequente na cidade de *Ammaia*, pelo que apenas se apresentam três exemplares bem conservados deste tipo de peso de tear.

55 (Estampa 21, n.º 92) – NI: FM6.

- Proveniência: Mato, exumado nas escavações do forno.

- Descrição: peso de tear praticamente intacto, de forma sub-piramidal, com um furo na parte superior, bastante rolado. Pasta esponjosa com muitos alvéolos, com média dureza. E.n.p. de fino a grosso, sub-angulosos e de distribuição irregular, predominando o quartzo, grog e caulino. A cor é laranja variando entre dois tons (Munsell 5YR7/6, 5YR7/8).

- Dimensões: altura: 110 mm; largura topo: 41x37 mm; largura base: 57x57 mm; diâmetro do orifício: 10 mm.

56 (Estampa 21, n.º 93) – NI: FM9.

- Proveniência: Mato, exumado nas escavações do forno.

- Descrição: peso de tear praticamente intacto, de forma sub-piramidal, com um furo na parte superior, um pouco rolado. Pasta esponjosa com muitos alvéolos, com média dureza. E.n.p. de fino a grosso, sub-angulosos e de distribuição irregular, predominando o quartzo, grog e micas. A cor da superfície é bege-rosado e o núcleo laranja (Munsell 5YR8/3 e 5YR7/6, respectivamente).

- Dimensões: altura: 97 mm; largura topo: 25x25 mm; largura base: 58x54 mm; diâmetro do orifício: 8 mm.

57 (Estampa 21, n.º 94) – NI: FM10.

- Proveniência: Mato, exumado nas escavações do forno.

- Descrição: peso de tear com parte da base fracturada, de forma sub-piramidal, com um furo na parte superior, um pouco rolado. Pasta esponjosa com muitos alvéolos, com média dureza. E.n.p. de fino a médio, sub-angulosos e de distribuição irregular, predominando o quartzo, grog e caulino. A cor da superfície é laranja e o núcleo laranja-rosado (Munsell 5YR7/6 e 5YR7/8, respectivamente).

- Dimensões: altura: 128 mm; largura topo: 41x41 mm; largura base: 63x63 mm; diâmetro do orifício: 10 mm.

Por último há que mencionar um peso de tear que supostamente terá sido recolhido nos Mosteiros. Possui o número 1190 gravado numa das faces (RODRIGUES, 1975, p. 142-143, Est. XCIV), possivelmente uma numeração para referência da quantidade de pesos em produção. Pertence à colecção do Dr. José Martins Barata (Póvoa e Meadas), a que, como já foi referido, não foi possível aceder. Ainda que não exista qualquer dado seguro quanto à proveniência e conexão com o forno, é essencial que seja aqui referido.

Vidros

Apenas se conhecem dois fragmentos de vidro e um unguentário intacto, provenientes dos Mosteiros. Os fragmentos são:

(NI: MOS4) um fragmento de vidro verde-azulado, com 2mm de espessura, recolhido das terras retiradas da cova da urna;

(NI: TM523) um fragmento com arranque de asa de vidro esverdeado com 1,2 a 2,5mm de espessura, exumado no corredor da anta da Tapada dos Matos.

58 Unguentário (Estampa 22, n.º 95) – propriedade do Sr. Luís Pires (Póvoa e Meadas).

- Proveniência: Tapada das Vacas, espólio da urna cinerária.

- Descrição: unguentário em vidro intacto, encontra-se muito fragilizado por diversas rachas. Vidro verde-azulado, com poucas bolhas de ar e com estrias resultantes da soflagem. Reservatório bulbiforme, fundo ligeiramente côncavo, gargalo pouco alto e cilíndrico, bordo extrovertido e com um desnivelamento de 3 mm, provavelmente de arestas polidas ao fogo. Encontra diversos paralelos, mas os que mais se aproximam na forma são os exemplares n.º 49 e n.º 50 do Museu Arqueológico de Vila Viçosa (ALARCÃO & ALARCÃO, 1967, p. 25-26, Est. 10: 49 e 50), com datação da segunda metade do séc. I d.C. Porém, noutra artigo anterior dos mesmos autores esta forma é referida como parecendo começar a ser produzida no Ocidente na segunda metade do séc. I d.C. e sobretudo frequente no séc. III d.C. (ALARCÃO & ALARCÃO, 1963, p. 369-370).



Estampa 22, n.º 95 – Unguentário.

- Dimensões: altura total: 95 mm; altura do reservatório: 50 mm diâmetro máximo do reservatório: 56 mm; diâmetro do gargalo: 21 mm; espessura do vidro no gargalo: 2 mm.

Metais

59 Fíbula em bronze (Estampa 22, n.º 96) – NI: TM531.

- Proveniência: Mosteiros, exumada no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: fragmento que poderá ser de uma fíbula idêntica às de tipo Santa Luzia. Tem semelhanças com as deste tipo, classificadas por Maria M. Martins (MARTINS, 1973, p.39, Est. XI: 4) segundo a tipologia proposta por José Fortes (FORTES, 1904, p.16-19, Fig. 16). Neste tipo a fíbula é constituída por duas ou três peças independentes. A cabeça da fíbula sofreu uma alteração evolutiva, terminando num disco plano. O arco já não continua na mola espiraliforme, mas sim num anel destinado a prender a haste metálica em que se enrolavam as espirais bilaterais da mola (MARTINS., 1973, p.39). José Fortes sugere uma cronologia entre o séc. I – III d.C. (FORTES, 1904, p.30).

- Dimensões: diâmetro da cabeça: 9 mm; E: 3 mm; largura total: 28 mm.

60 Fíbula em bronze (Estampa 22, n.º 97) – NI: TM532.

- Proveniência: Mosteiros, exumada no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: fíbula anular em omega, intacta mas sem a agulha. Aro circular, aberto, de secção ovalada e de grossura decrescente até às extremidades, que são voltadas para o exterior. Enquadra-se no tipo 21.2.b2 de Mariné Isidro (ISIDRO, 2001, p. 262), que refere a longa

cronologia e dispersão das fíbulas em omega. Contudo, no actual território português são referidas como sendo um modelo tardio do séc. III d.C. (MARTINS, 1973, p.33, Est. IX: 8) ou possuindo uma cronologia balizada entre o séc. I d.C. à primeira metade do III d.C. (SALETE, 1979, p.199).

-Dimensões: comprimento total: 24 mm; altura total: 25 mm; E: 2 mm.

61 Moeda em bronze (Estampa 22, n.º 98) – NI: TM529.

- Proveniência: Mosteiros, exumada no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: moeda mal conservada e de difícil leitura. As, *Follis* em bronze, com bordo em cunha, de Constantino I, datada de 313 d.C. Cunhagem: Arles (Gália).

Anverso: Figura – busto laureado, drapeado, couraçado. Em perfil à direita.

Legenda – [IMP C CONS]TA[N]T[IN]VS [PF AUG].

Reverso: Figura – três estandartes encimados por mão, águia e coroa, respectivamente, estandarte do meio com drapeado.

Legenda – [SP]Q[R] OPTIMO P[R]IN[CIP]I].

(BRUNN, 1966, p.235, n.º 8).

- Dimensões: D: 23 mm; E: 1,4 mm; Peso: 4,45 gr.

62 Moeda em bronze (Estampa 22, n.º 99) – NI: TM530.

- Proveniência: Mosteiros, exumada no corredor da anta da Tapada dos Matos.

- Descrição: moeda com conservação regular. *Sestertius* em bronze, com bordo direito, de Gordiano III, datada de 242-243 d.C. Cunhagem: Roma, emissão por ordem do S(*enatum*) C(*onsultum*).

Anverso: Figura – busto laureado, drapeado, couraçado. Em perfil à direita.

Legenda – [IMP] GORDIANVS PIVS FEL [AVG].

Reverso: Figura – Gordiano em traje militar segurando uma lança, em posição transversal, e o globo.

Legenda – [P.M.] TR. P. V COS II P.P. S.C. .

(MATTINGLY & SYDENHAM & SUTHERLAND, 1972, p.49, n.º 307).



Estampa 22, n.º 99.

- Dimensões: D: 27 mm; E: 4,1 mm; Peso: 19,45 gr.

Mármore

63 Capitel (Estampa 23).

- Proveniência: duvidosa, supostamente dos Mosteiros. Encontrava-se numa arrecadação do lar de 3.^a idade da Póvoa e Meadas, de onde foi levado para a Secção de Arqueologia em 1984.
- Descrição: capitel em mármore branco, em bom estado de conservação, notando-se o picado originado pelo esculpir da pedra.

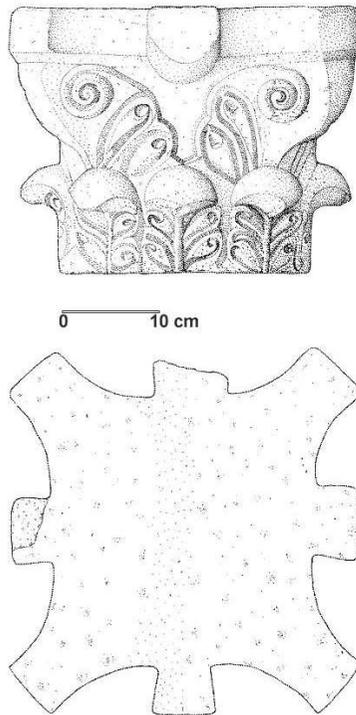
Capitel corintizante, de coluna, com folhas de acanto de morfologia corintizante. Motivos muito estilizados e de grande simplicidade, concedendo-lhe um aspecto equilibrado e harmonioso.

Ábaco liso, ocupado nas zonas médias por uma espécie de tronco de perfil arredondado e face plana. *Kalathos* composto por uma coroa com oito folhas de acanto. Cada folha tem uma nervura central bem marcada ladeada por quatro lóbulos (dois de cada lado), cada um deles definido por dois traços curvos, sendo a ponta do inferior espiraliforme, concedendo aos lóbulos um aspecto de folha. Do topo da coroa arrancam volutas lisas, sendo decoradas lateralmente por hélices com terminação espiraliforme, que se sobrepõem a duas folhas com aparência idêntica à dos lóbulos.

Não foram encontrados paralelos para este capitel, exceptuando um colunelo em mármore branco com decoração muito idêntica, exumado em Vale da Bexiga (concelho de Castelo de Vide), um sítio de cronologia indeterminada, possivelmente romana e visigótica. Encontra-se no depósito da Secção de Arqueologia).

Foi referido no estudo sobre capitéis de Lídia Fernandes (FERNANDES, 1997, vol. I, p.51, foto 18), que o considera de influência romana, mas de cronologia que ultrapassa o séc. VI d.C., pelo que não o engloba no estudo. Tive a oportunidade de conversar com a autora, que disse que devido ao estilizado e formas arredondadas do capitel é possível que seja do séc. IX-X d.C. Contudo, em Mérida são conhecidos capitéis bastante estilizados e de formas muito arredondadas com cronologias da segunda metade do séc. III d.C. (BARRERA ANTON, 1984, p.60-61, Figs. 94, 95 e 98). Apenas paralelos contextualizados poderiam resolver esta questão, não deixando de ser legítimo pensar na existência de um atelier regional com características peculiares ou até num escultor itinerante que tenha passado pelo território da *Ammaia*. Apenas se pode concluir que é de cronologia tardia.

- Dimensões: altura máxima: 270 mm; largura do ábaco: 360 mm; diâmetro da base: 260 mm.



Estampa 23, n.º 101, desenho do capitel, autoria de J. Magusto (Secção de Arqueologia).

Considerações finais

A *villa* romana dos Mosteiros e o seu espaço tem sofrido ao longo dos séculos a destruição e transformação das suas infraestruturas e terrenos, seja em virtude dos elementos, pela mão do homem que amanha a terra e ali constrói ou daquele que procura as riquezas materiais. O resultado é a destruição de valiosas informações acerca do modo de vida dos seus habitantes, não só no período romano, mas desde a pré-história até tempos recentes. Infelizmente, em muitos casos intencionalmente por caçadores de tesouros ou proprietários zelosos do seu terreno.

O material eleito para a construção das infraestruturas é o granito, que abunda nas imediações, sendo evidente a escolha preferencial para a construção de casas rurais e muros nos sítios próximos das ruínas deixadas pelos anteriores habitantes. As notícias de muitos silhares e colunas (em granito e mármore) levados para a Póvoa e Meadas (e mais recentemente para outros sítios) são um facto que se pode observar por quem circular com atenção por entre as casas mais antigas da povoação. Seria também interessante entrar na antiga igreja, que sempre encontrámos fechada.

Torna-se muito ambíguo, sem uma escavação, compreender o espaço concreto ocupado pela *villa*, tipo de construção e organização. A *pars urbana* aparenta ter pequenas dimensões (cerca de 250m²), apresenta, no entanto, vestígios de alguma riqueza, como é o caso do mosaico, do forno e da urna de chumbo. A dispersão de materiais encontra-se concentrada num raio de 150m, abrangendo principalmente a área entre a plataforma, o forno e o P2. Contudo, apresenta uma concentração pouco abundante dentro deste raio, rareando junto aos extremos e tornando-se muito rara nas imediações exteriores, sendo os materiais na grande maioria muito fragmentados e de alguma pobreza, predominando a cerâmica comum, a *tegula* e o *imbrex*).

Com os dados existentes, poder-se-á apontar, com algumas reservas, entre meados e finais do séc. I d.C. para a fundação da *villa*, devendo ser então muito pequena e possivelmente com a principal actividade centrada na exploração do chumbo. Todavia, em meados do séc. II d.C. a sua existência parece estar comprovada, permanecendo activa até meados ou finais do séc. IV d.C., altura em que poderá ter sido abandonada. É possível que tenha sido ampliada e adquirido algum esplendor durante o séc. III d.C., provável datação

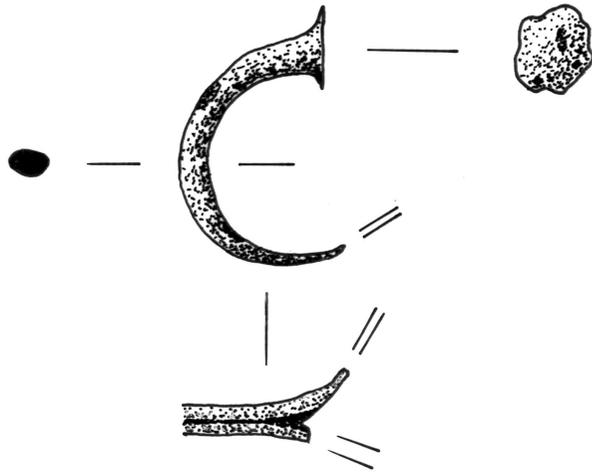
para o mosaico e talvez para o forno, significativos da riqueza do proprietário e da importância do sítio, período em que poderá também ter alargado o seu *fundus*.

Poucos são os dados que apontam para uma ocupação continua da *villa* para além deste período, mas foi certamente ocupada em diversas épocas, senão na própria *villa*, noutras construções posteriores. O minério e a mancha de razoáveis solos agrícolas decerto foram um apelativo para tal e alguns materiais parecem indicá-lo.

A área ocupada pela *villa* (ver Figura 6) deveria encontrar-se delimitada por fronteiras naturais, sendo provável ocupar os terrenos entre os três ribeiros indicados e o caminho Sul, numa área de cerca de 120 hectares. Mas o facto de tais fronteiras colocarem a *pars urbana* num canto da propriedade, sugerem o seu prolongamento para Sul e para Oeste, talvez abrangendo os vestígios romanos do Pai Anes.

As interpretações e conjecturas apresentadas foram realizadas com base nos escassos dados existentes, pelo que, metaforicamente

falando, foi quase como que ligar os pontos de modo a obter uma figura, mas sem os números que apontam a direcção a seguir.



Estampa 22, n.º 96, fibula em bronze.

Bibliografia

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1963) – **Quatro pequenas colecções de vidros romanos**. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 73: 1-2, p. 367-390.

ALARCÃO, J.; ALARCÃO, A. (1967) – **Vidros romanos do Museu Arqueológico de Vila Viçosa**. *Conimbriga*. VI, p. 1-44.

ALARCÃO, J.. (1975) – **Fouilles de Conimbriga. V. La céramique commune locale et régionale**. Paris: Diffusion E. de Boccard.

ALARCÃO, J. (1988) – **Roman Portugal. II. Gazetteer. (Inventário)**. Warminster: Aris & Phillips, Fasc. 3, p. 146.

ALMEIDA, J. A. F. (1953) – **Introdução ao estudo das lucernas romanas em Portugal**. *O Arqueólogo Português*. Nova série, II, p. 5-208.

BAILEY, D. M. (1988) – **A Catalogue of the Lamps in the British Museum. III. Roman Provincial Lamps**. London: British Museum Publications.

BALMELLE, C.; et. al. (2002) – *Le décor géométrique de la mosaïque romaine. I. Répertoire graphique et descriptif des compositions linéaires et isotropes. Deuxième édition revue et corrigée.* Paris: Picard.

BARRER ANTON, J. L. (1984) – *Los Capiteles Romanos de Mérida.* (Monografias Emeritenses, 2). Badajoz: Museu Nacional de arte Romano; Patronato Nacional de Museus.

BASSO, J. A. F. (1988) – *O concelho de Nisa na doação da Açafa (Fins do séc. XII). A Cidade. Revista Cultural de Portalegre.* Portalegre. Nova Série, 1, Janeiro/Junho, p. 37-52.

BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana.* Zaragoza: Pórtico.

BRUNN, P. M. (1966) – *The Roman Imperial Coinage. VII. Constantine and Licinius. A.D. 313-337.* London: Spink & Son, p. 235, n.º 8.

BUGALHÃO, J. (1998) – *O povoamento rural romano no Alentejo: contribuição da arqueologia preventiva.* *Revista Portuguesa de Arqueologia.* Lisboa. Vol. 1, n.º 2, p. 123-136.

BUSSIÈRE, J. (2000) – *Lampes antiques d'Algérie.* Montagnac: Editions Monique Mergoil.

CAETANO, J. C. (2002) – *Necrópoles e ritos funerários no Ocidente da Lusitânia Romana.* In VAQUERIZO, D., ed. – *Espacio y usos funerarios en el Occidente Romano.* Actas del Congreso Internacional celebrado en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Córdoba (5-9 de Junio, 2001). Córdoba. Vol. I, p. 313-334.

CARRILHO, (Padre) R. (1758) – *Memórias Parochiais. Póvoa e Meadas.* In CARDOSO, (Padre) L. – *Dicionário Geográfico de Portugal.* Tomo XXX, n.º 244, p. 1853. Lisboa, Arquivo da Torre do Tombo.

CARVALHO, J. (1998) – *Ocupação humana no concelho de Castelo de Vide. Desde a Pré-história até à Alta Idade Média.* *Ibn Maruán.* 8, p. 183-191.

COELHO-SOARES, A.; SILVA, C.T. (1978) – **Ânforas romanas da área urbana de Setúbal**. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. IV, p. 171-191.

COELHO-SOARES, A.; SILVA, C.T. (1979) – **Ânforas romanas da Quinta da Alegria**. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. V, p. 208-215.

COSTA, J. M. N. (1972) – **Memórias descritivas e militares do terreno de huma parte da fronteira do Alentejo**. In VICENTE, A. P. – *Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes referentes a Portugal. II. (1803-1806)*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 49-162.

DENEAUVE, J. (1969) – **Lampes de Carthage**. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique.

ENCARNAÇÃO, J. (1984) – **Inscrições Romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização. Catálogo**. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras. p. 696, n.º 637.

ÉTIENNE, R. (1993) – **La place de la Lusitanie dans le commerce Méditerranéen**. *Conimbriga*. 32-33, (1993-1994), p. 201-218.

FARIA, J. C. (2002) – **Ocupações Romanas e Tardo-Romanas afectadas pelo regolfo de Alqueva. Bloco II: do afluente do Álamo ao rio Degebe. Resultados preliminares**. *Al-Madam*. Almada. Segunda série, 11, Dezembro, p. 139-144.

FARIA, F. L.; MESQUITA, L. P. (1962) – **Jazigos de Urânio da região de Nisa – Castelo de Vide (Alto Alentejo)**. *Boletim da Sociedade Geológica de Portugal*. Lisboa. XIV, Fasc. II-III.

FERNANDES, L. M. M. (1997) – **Capitéis romanos da Lusitânia Ocidental**. Dissertação final de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa: Obra policopiada, 4 volumes.

FORTES, J. (1904) – **As fíbulas do Noroeste da Península**. *Portugália*. Tomo II, Fasc. 1, p. 15-33.

LOPES, C. (2001) – **Mundo rural em Pax Iulia – estruturas e funcionamento**. *Era Arqueologia*. Lisboa. 3, Julho, p. 133-149.

MANTAS, V. G. (2000) – **A sociedade luso-romana do município de Ammaia**. In GORGES, J.-G.; NOGALES BASARRATE, T., coord. – *Sociedad y Cultura en Lusitania Romana*. IV Mesa Redonda Internacional. (Serie Estudios Portugueses, 13). Mérida. p. 391-420.

MARINÉ ISIDRO, M. (2001) – **Fibulas romanas en Hispania: la Meseta**. (Anejos de Aespa XXIV). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

MARTINS, M. M. A. C. (1973) – **As fibulas do Museu Nacional de Arqueologia**. Dissertação de Licenciatura em História. Lisboa: Obra policopiada.

MATTINGLY, H.; SYDENHAM, E. A.; SUTHERLAND, C. H. V. (1972) – **The Roman Imperial Coinage. IV. Part III. Gordian III-Uranus Antoninus**. Reimpressão. London: Spink & Son, p. 49, n.º 307.

MAYET, F.; DELGADO, M.; ALARCÃO, A. M. (1975) – **Fouilles de Conimbriga. IV. Les sigillées**. Paris: Diffusion E. de Boccard.

MAYET, F. (1983) – **Les Céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Peninsule Ibérique sous l'Empire Romain. II. Planches**. Paris: Diffusion E. de Boccard.

MAYET, F. (1984) – **Les Céramiques sigillées hispaniques. Contribution à l'histoire économique de la Peninsule Ibérique sous l'Empire Romain. I. Texte**. Paris: Diffusion E. de Boccard.

MOITA, I., coord. (1994) – **O livro de Lisboa**. Lisboa: Livros Horizonte.

MORILLO CERDÁN, A. (1999) – **Lucernas romanas en la region setentrional da la Peninsula Iberica: contribución al conocimiento de la implantación romana en Hispania**. Montagnac: Editions Monique Mergoil.

MUNSELL (1994) – **Munsell Soil Color Charts**. Edição revista. Nova Iorque: Macbeth Division of Kollmorgan Instruments Corporation.

OLEIRO, J. M. B. (1986) – **Mosaico Romano**. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa. Vol. I, p. 111-127.

OLIVEIRA, J. (1998) – *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Edições Colibri, Lisboa, p. 478-479.

OLIVEIRA, J. (1999) – “A Anta da Tapada de Matos - Castelo de Vide. Intervenção Arqueológica no corredor”, *Ibn Marúan*: Revista Cultural do Concelho de Marvão, nº 9/10, 1999-2000, pp. 239-260.

PERLZWEIG, J. (1961) – *The Athenian Agora. VII. Lamps of roman period. First to seventh century after Christ*. Princeton; New Jersey: American School of Classical Studies at Athens.

PINTO, I. V. (1999) – *A cerâmica comum de S. Cucufate*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade Lusíada. Lisboa: Obra policopiada.

PITA, A. (1999) – *Urna Cinerária Romana dos Mosteiros. Séculos I-II d.C. (Alto Império)*. Folheto da Peça do Mês de Julho. Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide.

PONSICH, M. (1961) – *Les lampes romaines en terre cuite de la Maurétanie Tingitane*. Rabat : Publications du Service des Antiquités du Maroc.

RAPOSO, J. M. C. (1990) – *Porto dos Cacos: uma oficina de produção de ânforas romanas do Vale do Tejo*. In ALARCÃO, A.; MAYET, F., eds. – *Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio*. Actas das jornadas de estudo realizadas em Conimbriga em 13 e 14 de Outubro de 1988. Paris: Diffusion E. de Boccard.

RIBEIRO, O. ; et. al. (1965) – *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 28-B. Nisa*. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos; Serviços Geológicos de Portugal.

ROCHA, A. S. (1909) – *Thesouro funerário da Lameira Larga. O Archeologo Português*. Lisboa. XIV, p. 44-49.

RODRIGUES, M. C. M. (1972) – *Subsídios para a Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Tese de dissertação de licenciatura em História, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: obra policopiada.

RODRIGUES, M. C. M. (1975) – *Carta Arqueológica do concelho de Castelo de Vide*. Lisboa: Assembleia Distrital de Portalegre, p. 138-145.

ROSA, J. (1997) – **Póvoa e Meadas. Um olhar sobre a sua História.** Castelo de Vide: Câmara Municipal de Castelo de Vide.

SAA, M. (1967) – **As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio.** Lisboa, Tomo VI, p. 182-193.

SALETE, P. (1979) – **As fíbulas de Miróbriga.** *Setúbal Arqueológica.* Setúbal. V, p. 195-201.

SOARES, J. C. (1957) – **Póvoa e Meadas. O Termo da Póvoa e o seu valor Arqueológico.** *Jornal Terra Alta.* Castelo de Vide, 12 de Maio, p. 6.

VASCONCELLOS, J. L. (1933) – **Antiguidades Alentejanas.** *O Archeologo Português.* Lisboa. XXIX, p. 173-185.

VIEGAS, J. R.; NOLEN, J. U. S.; DIAS, M. L. F. (1981) – **A necrópole de Santo André.** *Conimbriga.* XX, p. 5-180.

Cartografia

CARTA CADASTRAL (1959) – Freguesia de N.^a S.^a da Graça de Póvoa e Meadas. Concelho de Castelo de Vide. Distrito de Portalegre. Esc. 1:5000. Campanha 195, secção G. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral.

CARTA CADASTRAL (1959) – Freguesia de N.^a S.^a da Graça de Póvoa e Meadas. Concelho de Castelo de Vide. Distrito de Portalegre. Campanha 195, secção H. Esc. 1:5000. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral.

CARTA COROGRÁFICA DE PORTUGAL (1960) – Folha 28. Nisa. Esc. 1:100 000. Lisboa: Instituto Geográfico e Cadastral.

CARTA DE CAPACIDADE DE USO DE SOLOS (1969) – Folha 28-B. Esc. 1:50 000. Lisboa: Ministério da Economia; Secretaria de Estado da Agricultura.

CARTA DE PORTUGAL (1871) – Folha 21. Esc. 1:100 000. Redigida e gravada na Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, Topográficos, Hydrográficos e Geológicos do Reino, sob a direcção

do General Brigadeiro F. Folque. Lisboa: obra copiada no Instituto Geográfico Português.

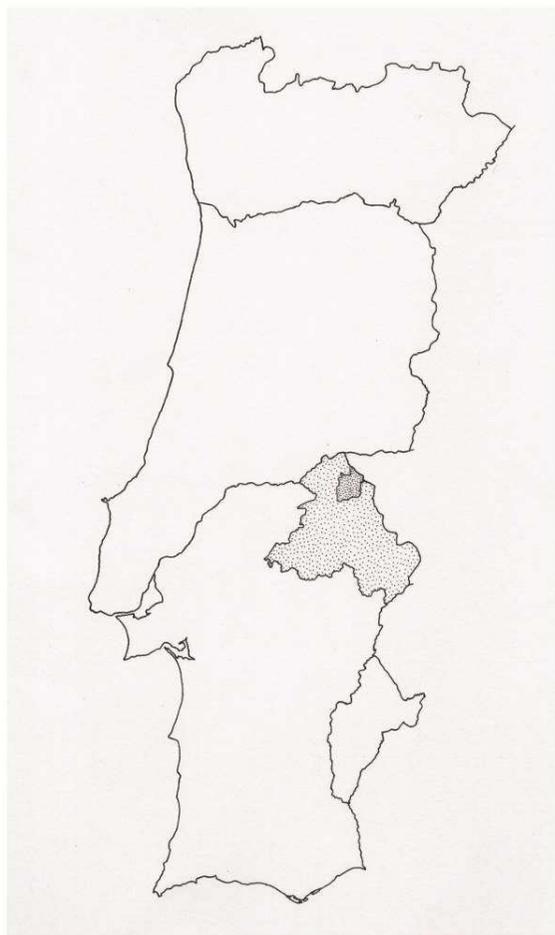
CARTA GEOLÓGICA DE PORTUGAL (1965) – Folha 28-B. Nisa. Esc. 1:50 000. Lisboa: Direcção-Geral de Minas e Serviços Geológicos de Portugal.

CARTA MILITAR DE PORTUGAL (2000) – Folha 325. Póvoa e Meadas (Castelo de Vide). Edição 3. Esc. 1:25 000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

FOTOGRAFIA AÉREA (1997) – Folha 325. Rolo n.º 37. Esc. 1: 25 000. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército. (Ampliação da área da *villa* romana dos Mosteiros à escala aproximada 1:2200).

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROIS (CASTELO DE VIDE)

Mário Monteiro



- Concelho de Castelo de Vide
- Distrito de Portalegre

Figura 1 – Localização do Concelho (Mapa desenhado por J. Magusto da Secção de Arqueologia da C. M. de Castelo de Vide).

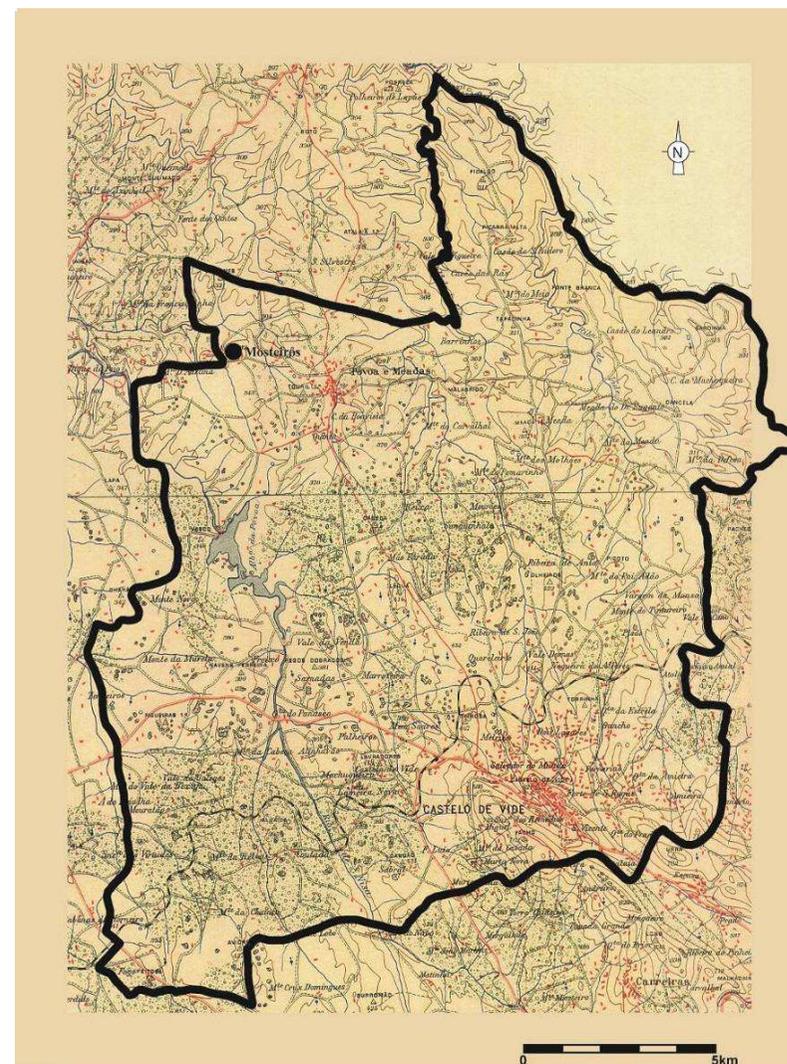


Figura 2 - Localização da *Villa* dos Mosteiros no Concelho de Castelo de Vide (Carta Corográfica de Portugal, 1960, folha 28).

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

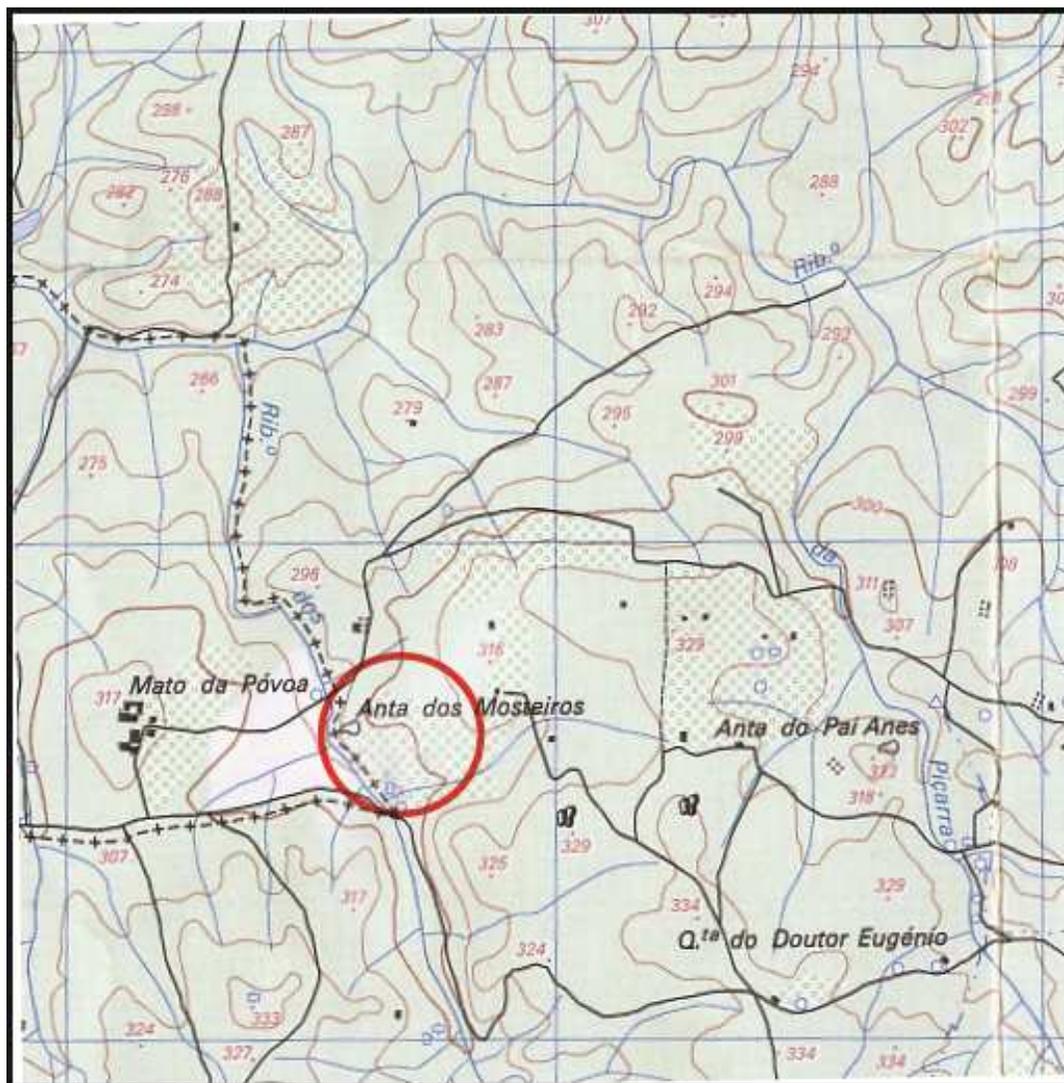


Figura 3 - Localização da *Villa* dos Mosteiros Sobre extracto da Carta Militar de Portugal, folha 325.

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIRO (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

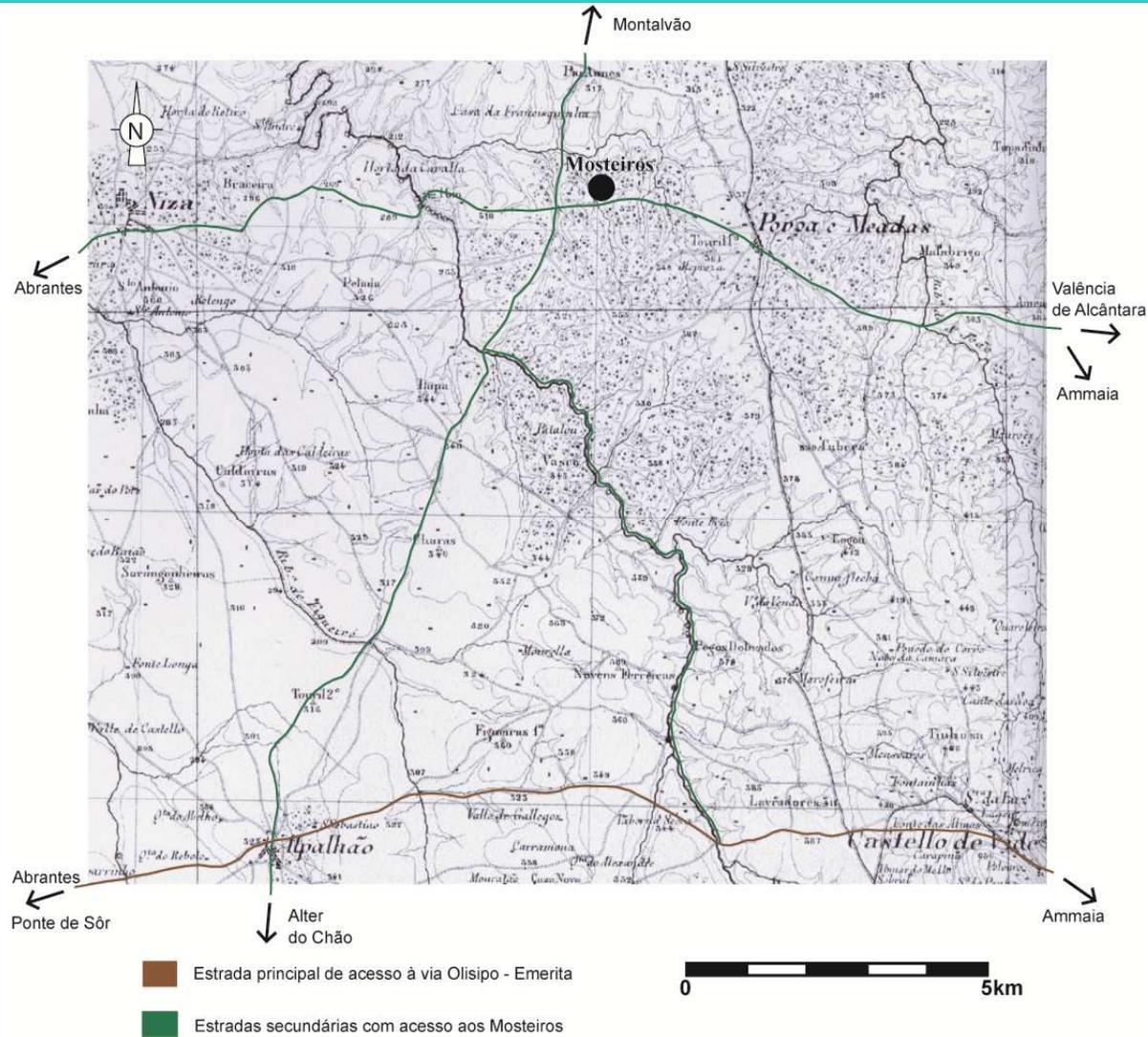
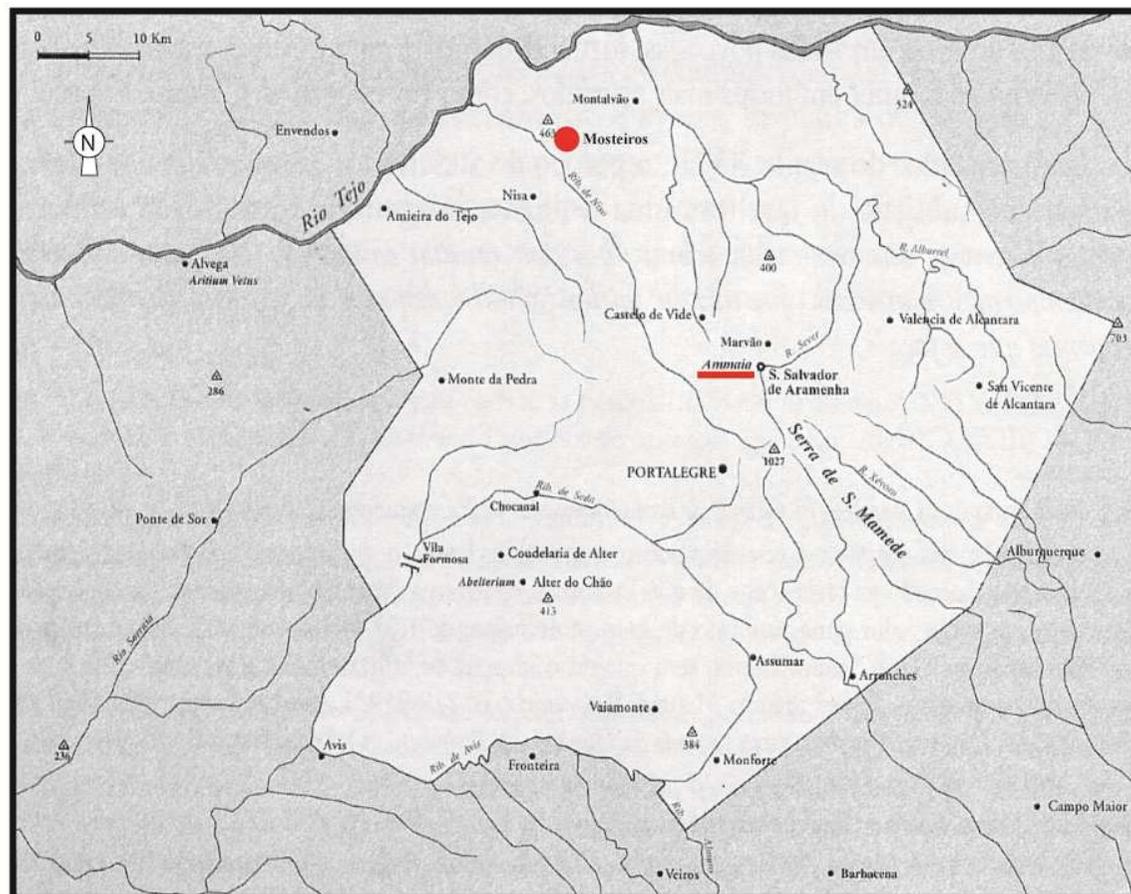


Figura 4 - Prováveis traçados da rede viária na envolvente da *villa* dos Mosteiros (Carta de Portugal, 1871, Folha 21).

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro



● Localização da *villa* dos Mosteiros relativamente à Ammaia.

Figura 5 - Limites prováveis do território de *Ammaia* (MANTAS, 2000, p.418, Fig.2).

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

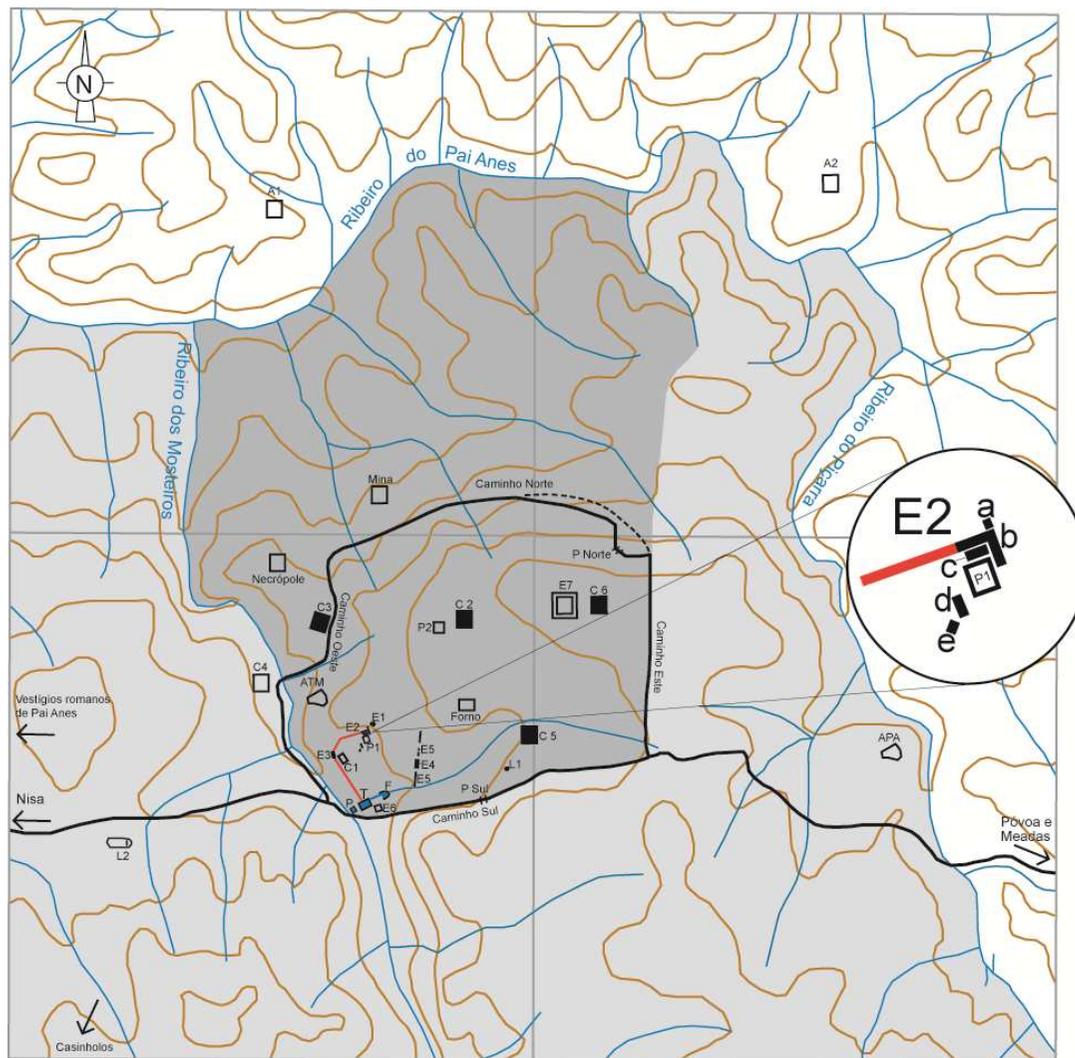


Figura 6 - Localização de vestígios e da área provável da villa, com base na Carta Militar de Portugal, 2000.

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)

Mário Monteiro

Estampa 1



1



2



3

Estampa 2



4



6

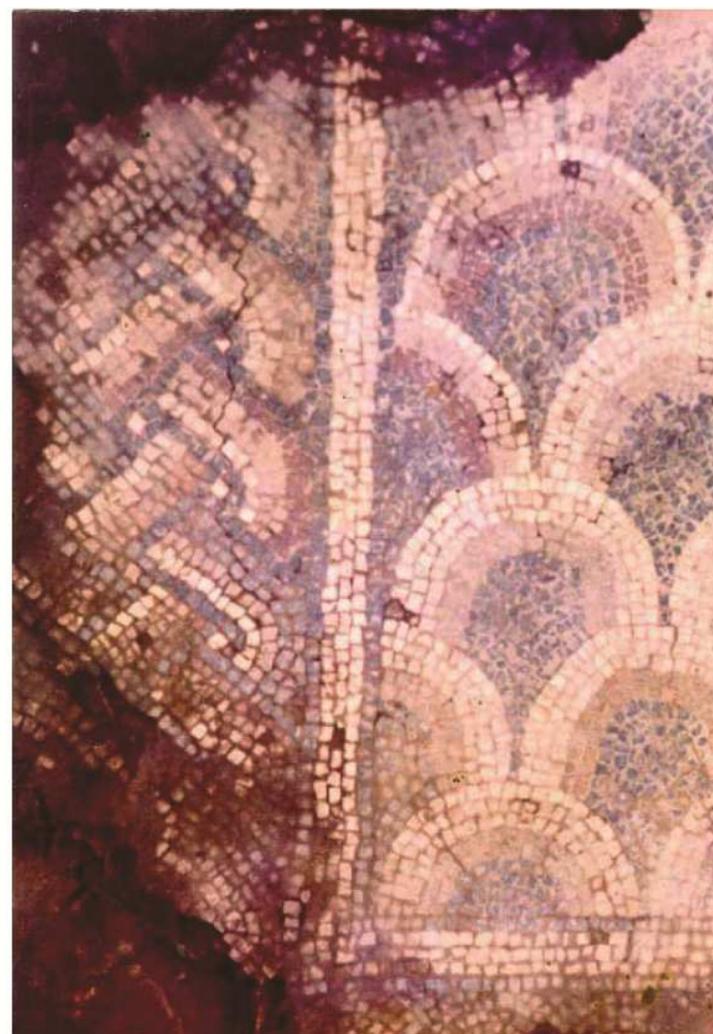
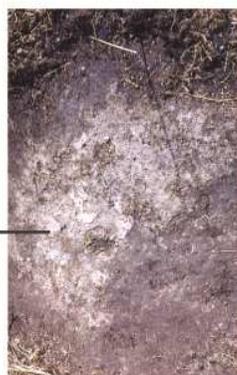


5

Estampa 3 - n.º 8, fotografia da Secção de Arqueologia, tirada pouco tempo antes do mosaico ser arrancado.



7



8

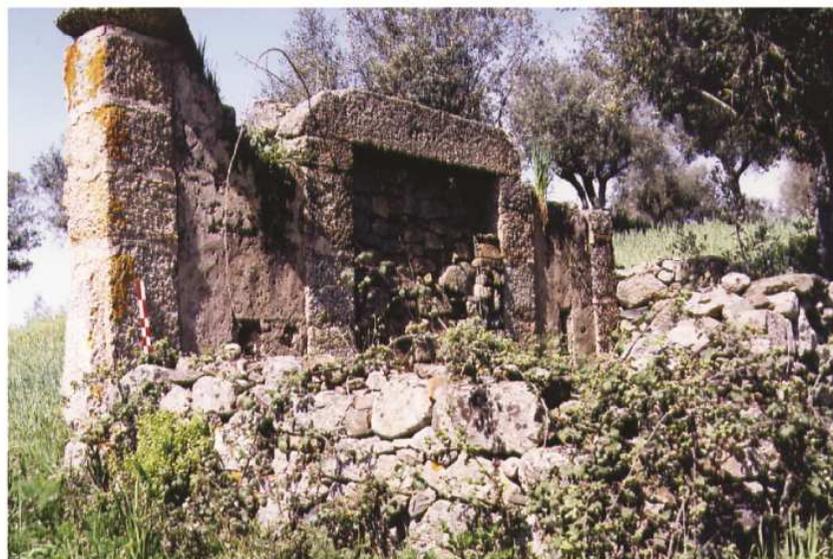
Estampa 4



9



10



11

Estampa 5



5275

12



13



14

Estampa 6



15



17



16



A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROs (CASTELO DE VIDE)

Mário Monteiro

Estampa 7 - Sequência que ilustra a continua degradação do forno: n.º 18, em 1982, após a escavação; n.º 19, em 1990 (fotografias da Secção de Arqueologia); n.º 20, em 2003.



18



19



20

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)

Mário Monteiro

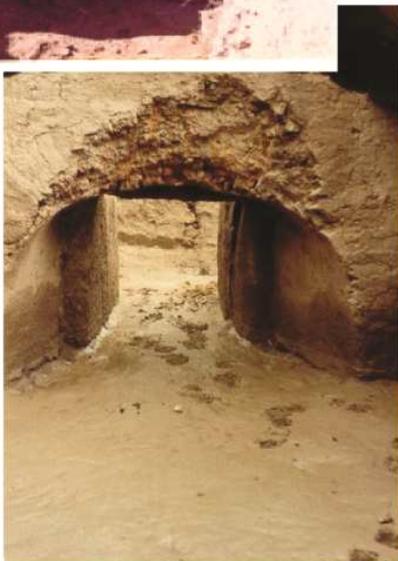
Estampa 8 – n.º 21, entrada do *praefurnium*; n.º 22, entrada do *praefurnium* visto do interior; n.º 23, câmara de fogo; n.º 24, pormenor do laboratório e dos arcos que abateram (fotografias da Secção de Arqueologia, tiradas após a escavação).



21



23



22

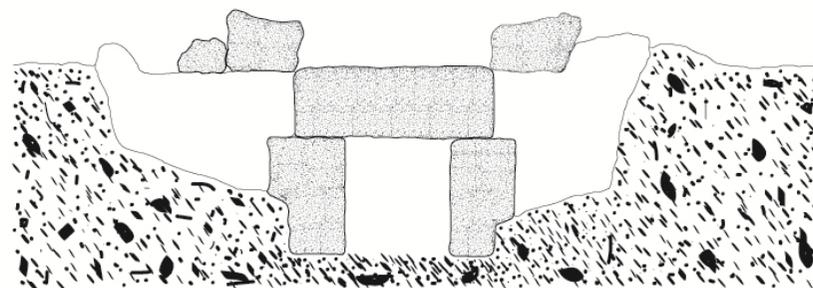
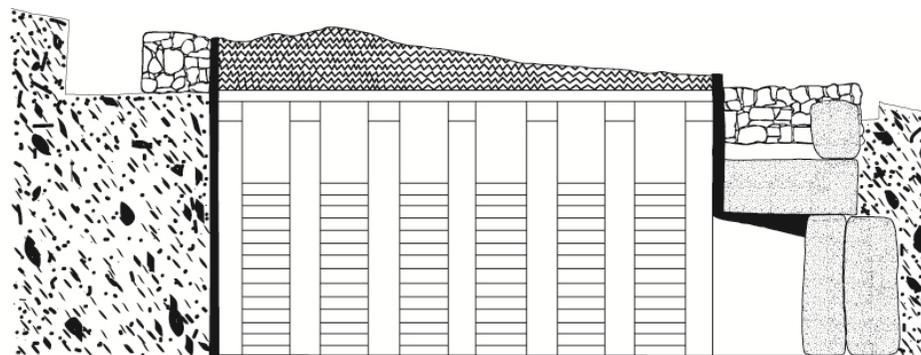
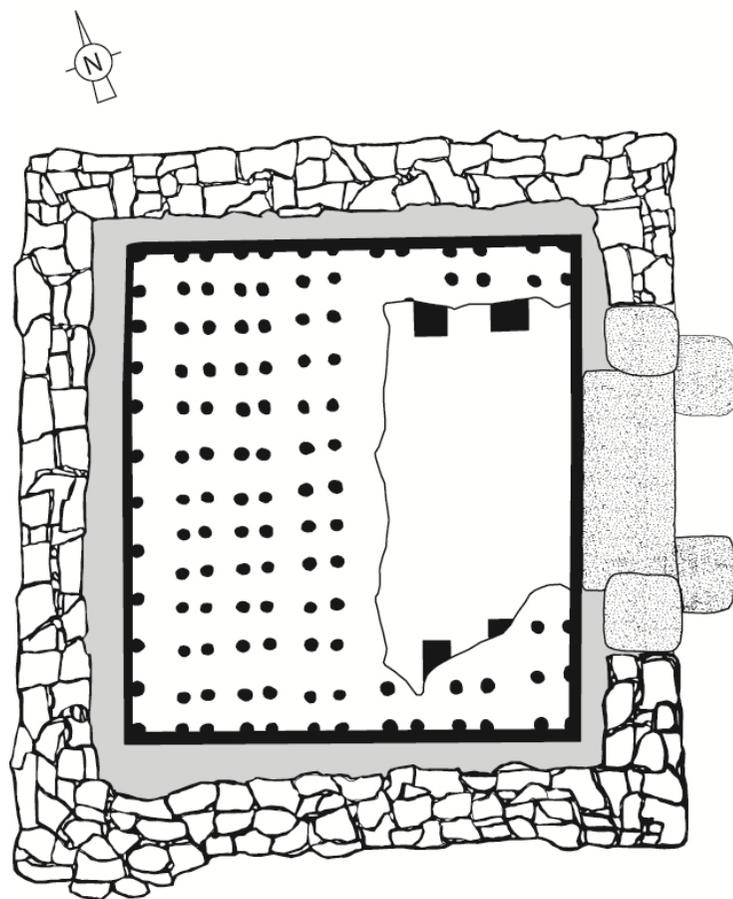


24

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)

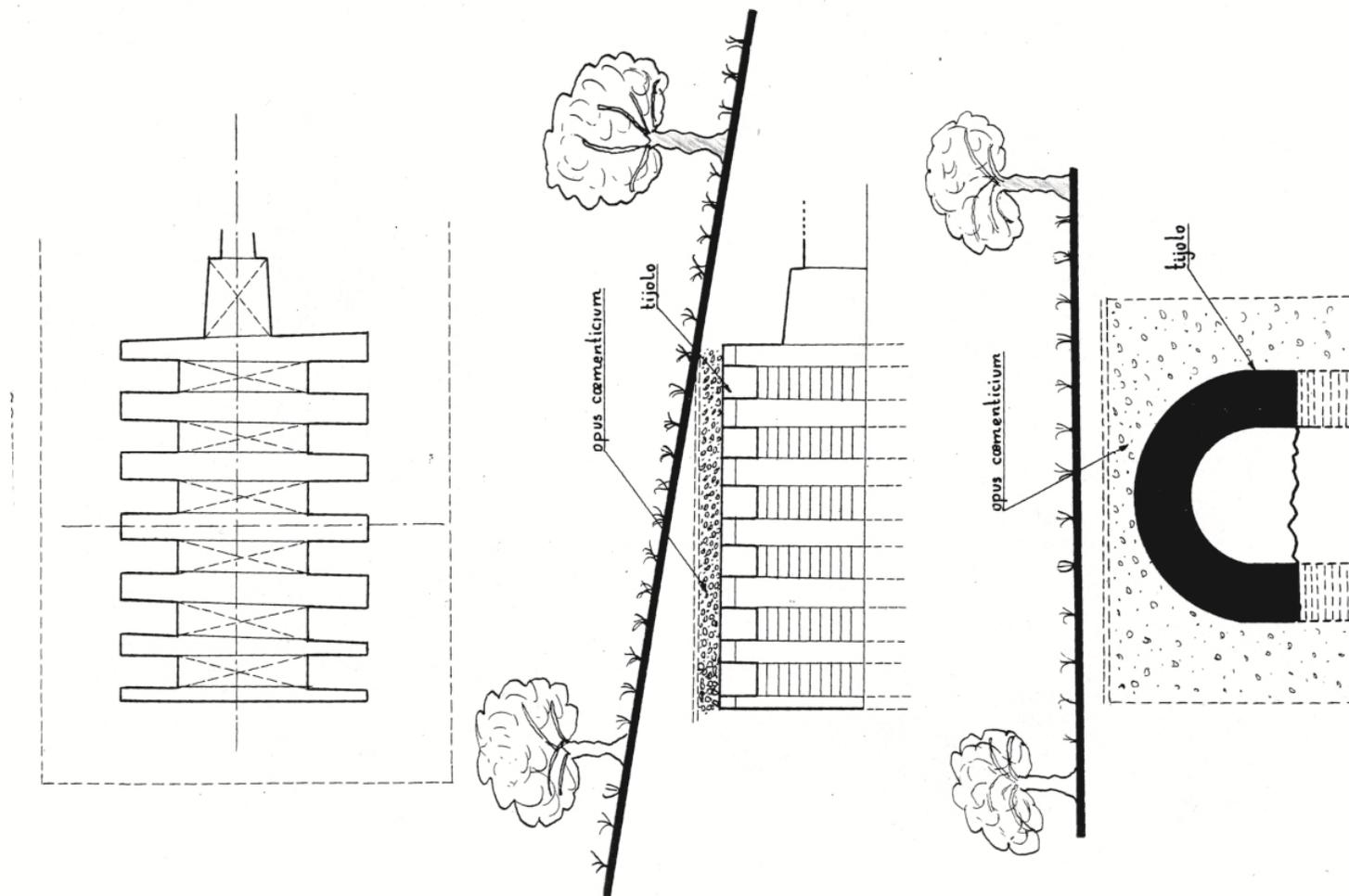
Mário Monteiro

Estampa 9 - Desenhos do forno efectuados a partir de esboços feitos após a escavação. Existentes no processo dos Mosteiros (Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide). Esc. 1:50 (aproximadamente).



A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 10 - Desenho do forno antes de ser escavado (Rodrigues, M. C. M., 1973, Est. XXXIX). Esc. 1:70 (aproximadamente).



Estampa 11



Estampa 12



28



29



30

Estampa 13



31



32



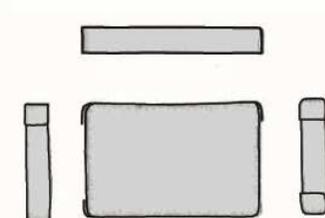
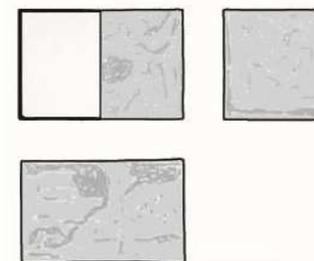
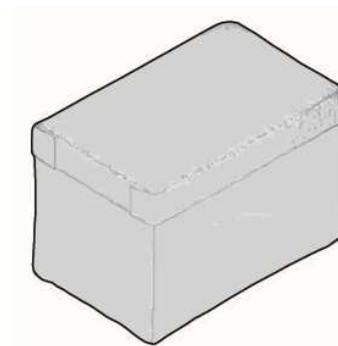
33

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 14 – n.º 35, desenho da urna cinerária, autoria de J. Magusto (Secção de Arqueologia).



34



35

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 15 – n.º 36, urna cinerária antes do restauro (fotografia da Secção de Arqueologia).



36



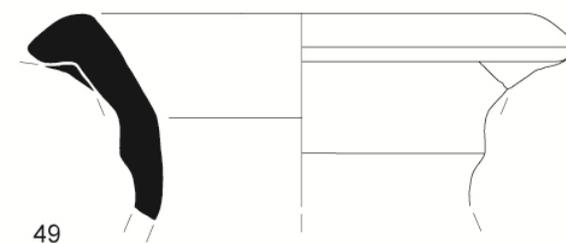
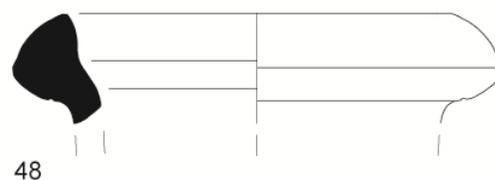
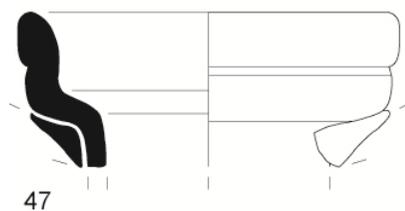
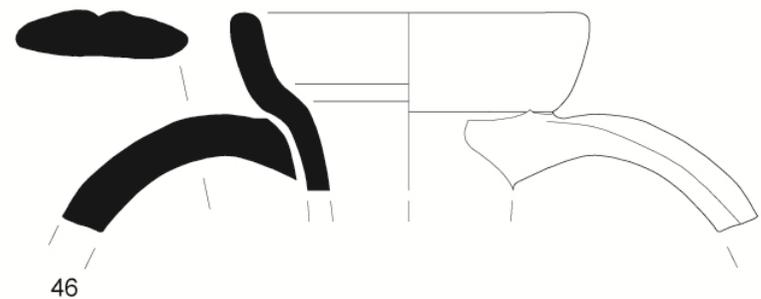
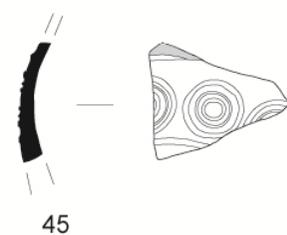
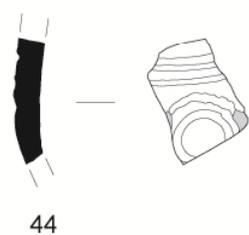
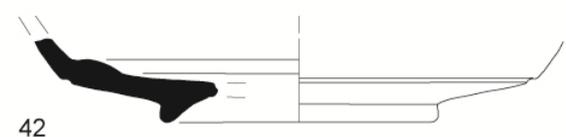
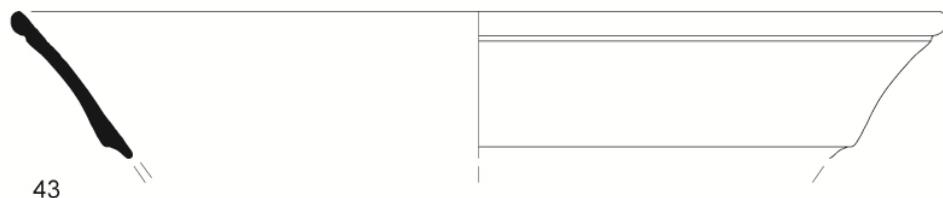
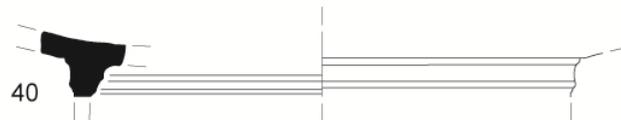
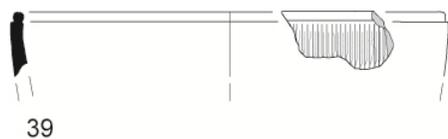
38



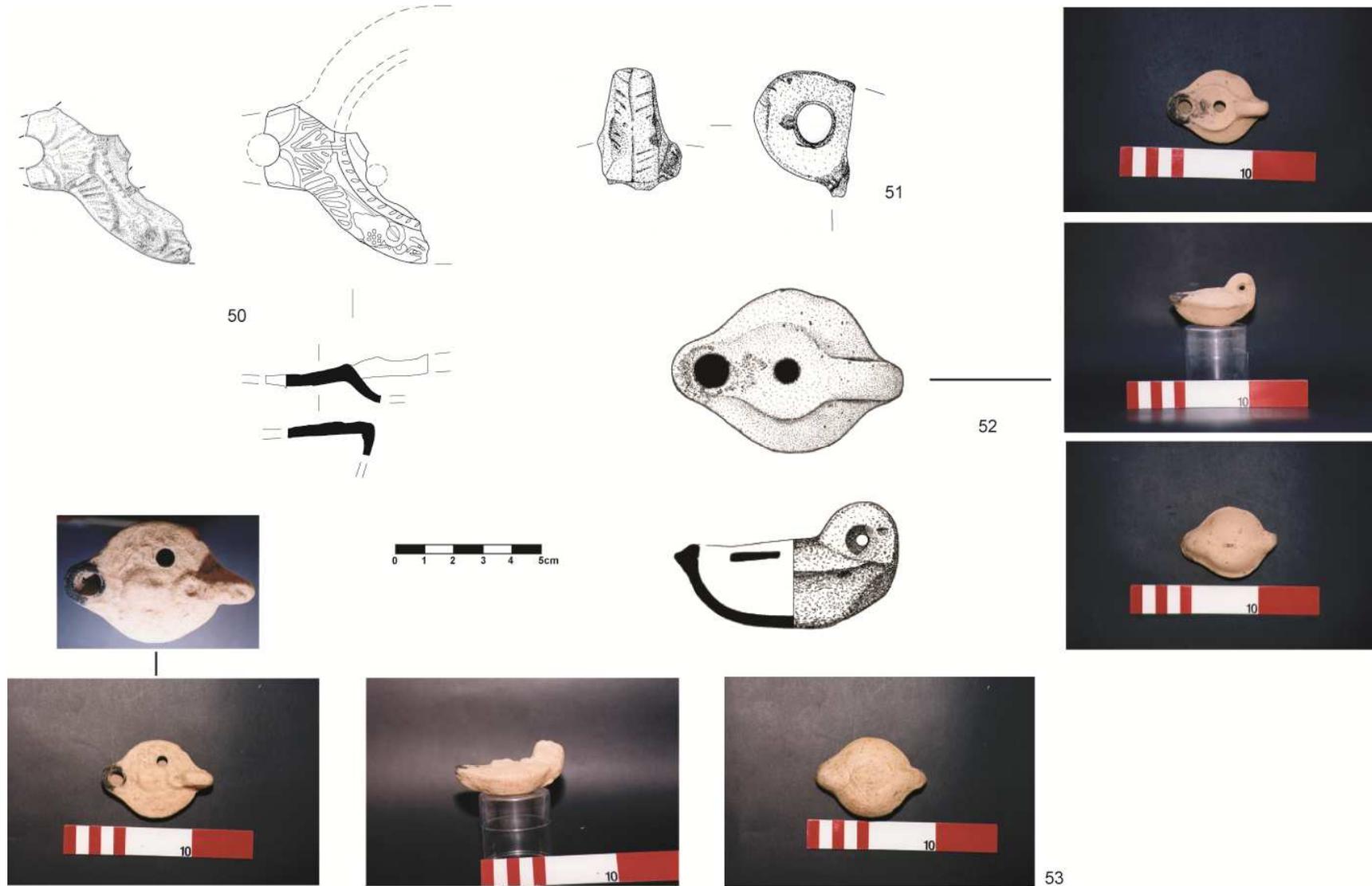
37

A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 16 - n.º 39 a 45 - Terra sigillata; n.º 46 a 49 - Ânforas.



Estampa 17 – Lucernas.

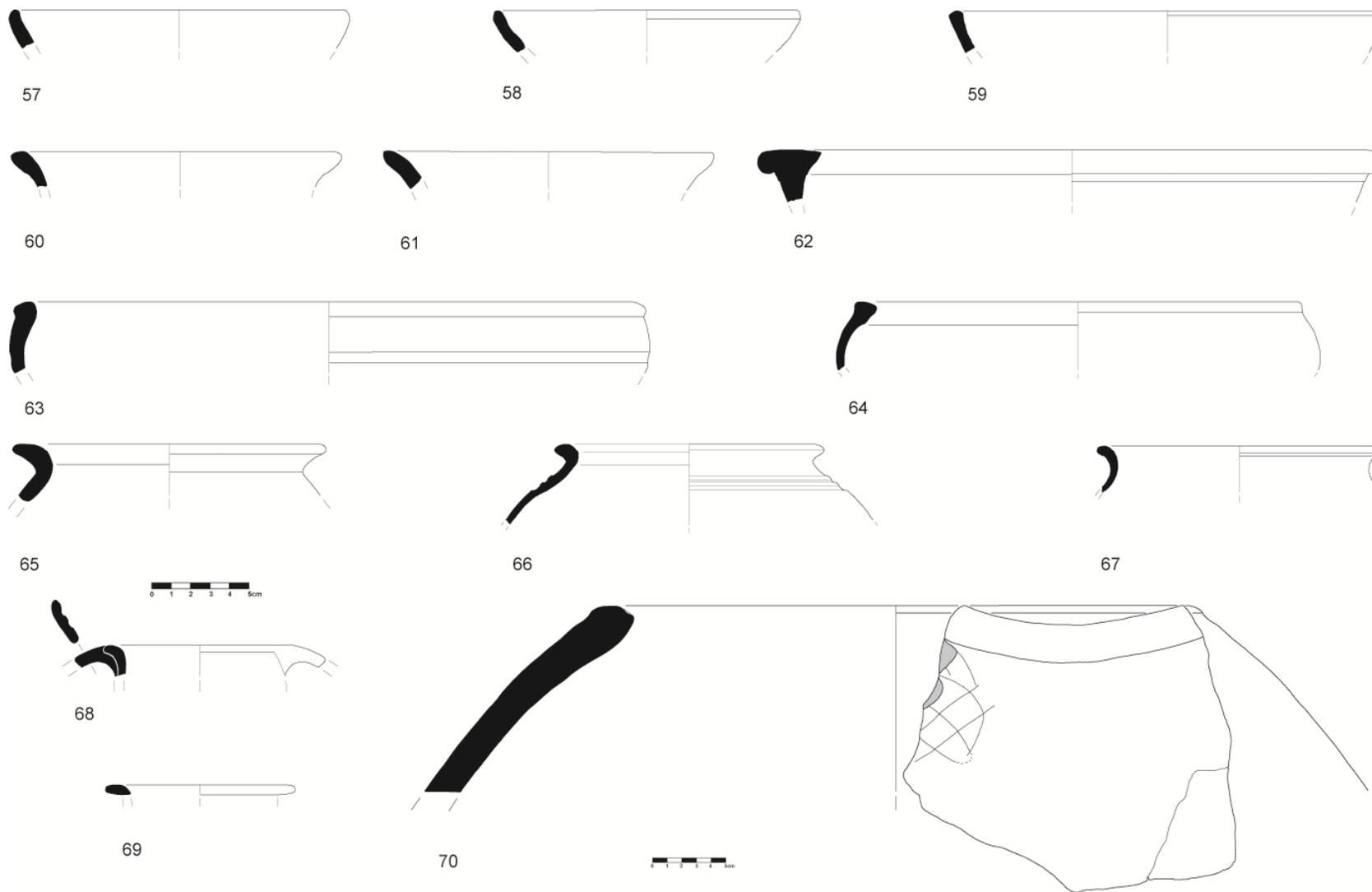


A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 18 – Lucernas.

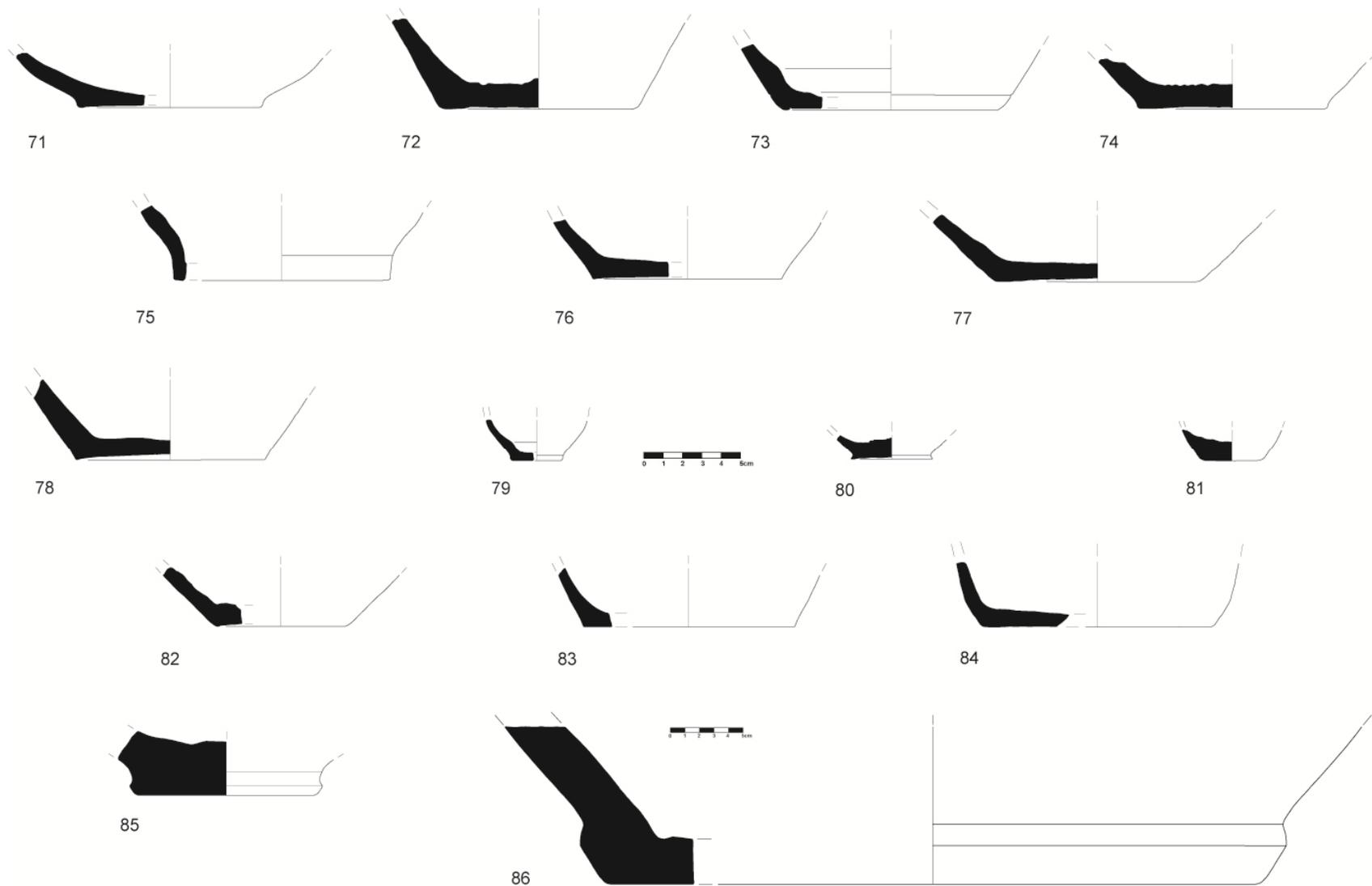


Estampa 19 – Bordos, Cerâmica Comum; n.º 70, talha (*dolium*) a uma escala mais reduzida relativamente aos restantes desenhos.



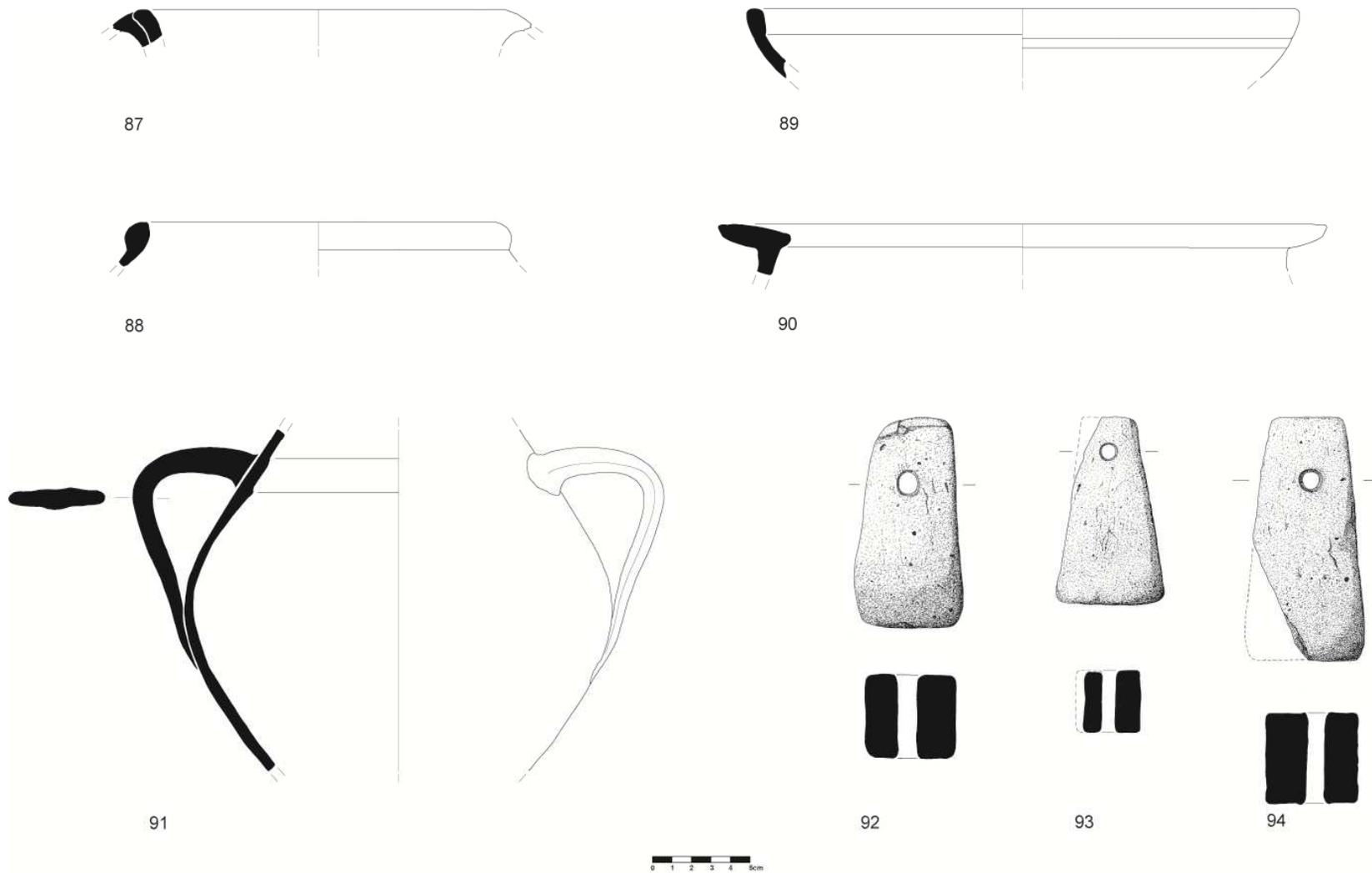
A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 20 – Fundos, Cerâmica Comum; n.º 86, talha (*dolium*) a uma escala mais reduzida relativamente aos restantes desenhos.



A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 21 – n.º 87 a 91 Cerâmica Comum; n.º 92 a 93 pesos de tear em cerâmica.

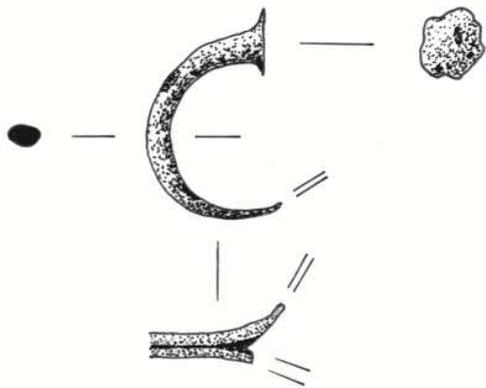


A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

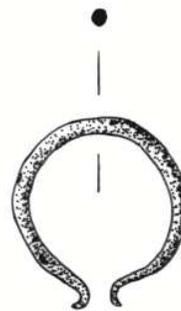
Estampa 22 – n.º 95 unguentário; n.º 96 e 97 fíbulas em bronze; n.º 98 e 99 moedas em bronze.



95



96



97



98



99

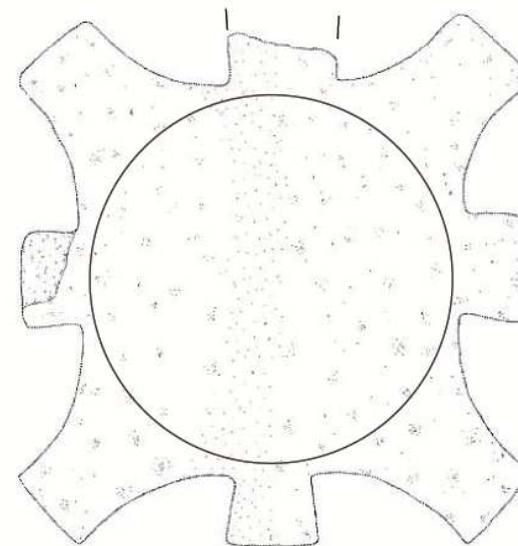
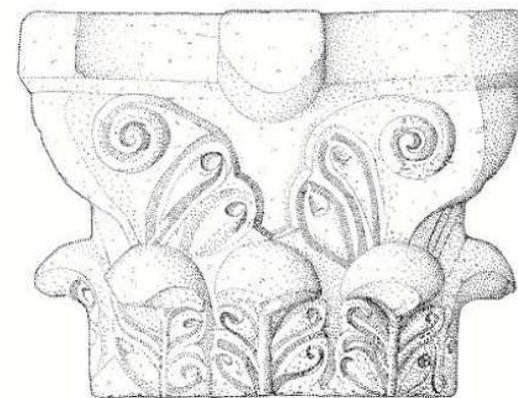


A VILLA ROMANA DOS MOSTEIROS (CASTELO DE VIDE)
Mário Monteiro

Estampa 23 – n.º 101 desenho do capitel, autoria de J. Magusto (Secção de Arqueologia).



100



101